



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Mestrado em Jornalismo

**As aberturas nos “desenvolvimentos” dos noticiários da TSF-
Rádio Notícias**

Relatório de Estágio com vista à obtenção do grau de mestre

Andreia Sofia dos Santos Costa

Trabalho orientado pelo Prof. Carlos Andrade

Lisboa, Novembro de 2015

DECLARAÇÃO

Declaro ser autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 13 de Novembro de 2015

A candidata,

RESUMO

Este relatório de estágio foi elaborado no âmbito da conclusão do Mestrado em Jornalismo, na Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, e para a respetiva obtenção do grau de mestre em jornalismo. Este é um trabalho resultante da minha experiência enquanto estagiária na estação TSF-Rádio Notícias, no período compreendido entre 6 de abril de 2015 e 3 de julho do mesmo ano. Durante este tempo, propus-me a analisar os noticiários do turno da tarde de forma a perceber a relação existente entre os ensinamentos adquiridos ao longo do percurso enquanto aluna de mestrado em jornalismo e as práticas adotadas numa redação de uma rádio informativa nacional. Deste modo, foi-me possível analisar as especificidades da linguagem em rádio, a estrutura dos noticiários, a escolha da informação noticiosa relevante e as temáticas mais e menos recorrentes, dando especial atenção às escolhas para a abertura do chamado “desenvolvimento”, ou seja, no recomeço após “tituleira”.

Palavras-chave: jornalismo, rádio, informação, TSF, valores-notícia, noticiários, *hard news*

ABSTRACT

This internship report was written as part of the Master in Journalism at the Higher School of Communication and Media Studies. This is a result of my work experience as an intern at TSF-Rádio Notícias, in the period between April 6th, 2015 and July 3rd 2015. During this time, I proposed myself to analyze the afternoon news in order to understand the relationship between the lessons learned along the way as master's student in journalism and the practices adopted on a national informative radio station. Thus, it was possible to understand the specifics of radio language, the structure of the news, the choice of relevant news information and the recurring themes, paying particular attention to the options for the opening of the so-called “development”, i.e. the restart after the titles.

Keywords: journalism, radio, information, TSF, news values, news, hard news

Índice

DECLARAÇÃO	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
AGRADECIMENTOS	IX
Notas introdutórias	1
Metodologias utilizadas	2
CAPÍTULO I – A INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO	5
1. Global Media Group	5
1.1 História	5
1.2 As marcas do grupo	6
2. A TSF	7
2.1 “A rádio que mudou a rádio”	7
2.2 Programação	10
2.3 O ouvinte TSF	14
2.4 A publicidade	15
CAPÍTULO II – A LINGUAGEM RADIOFÓNICA APLICADA A NOTICIÁRIOS	17
3. A linguagem radiofónica	17
3.1 A especificidade da linguagem	17
3.1.1 A simplicidade	18
3.1.2 O ruído	21
3.1.3 As traduções e dobragens	25
3.2 A construção de noticiários para rádio	27
4. Os valores-notícia em rádio	30
CAPÍTULO III – AS ABERTURAS NO “DESENVOLVIMENTO” DOS NOTICIÁRIOS DA TSF	38
5. As escolhas na abertura de noticiários da TSF	38
5.1 As aberturas nos “desenvolvimentos” dos noticiários da TSF	38
5.1.1 Aspectos discursivos	38

5.1.2 Análise estrutural	42
5.1.3 Análise de conteúdo	43
CAPÍTULO IV – O ESTÁGIO NA TSF	51
6. O começo	51
7. As principais responsabilidades	52
Conclusões finais	54
Referências bibliográficas	57
Anexos	65

Índice de anexos

Anexo 1 – Entrevista a Nuno Domingues – Editor da Equipa da Tarde (19/06/2015).....	66
Anexo 2 – Entrevista a Pedro Pinheiro – Subdiretor da TSF (02/07/2015)	70
Anexo 3 – Entrevista a Manuel Acácio – Chefe de redação (03/07/2015)	76
Anexo 4 – Bareme Rádio 2014 sobre a apresentação e a audiência da TSF – Dados disponibilizados pelo grupo Marktest	80
Anexo 5 - Bareme Rádio 2014 sobre a audiência da TSF – Dados disponibilizados pelo grupo Marktest	81
Anexo 6 – Estrutura de um noticiário TSF	82
Anexo 7 – Certificado de participação em estágio curricular na TSF	88
Anexo 8 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre a tomada de posse de Fernando Medina como novo presidente da Camara Municipal de Lisboa	89
Anexo 9 – Trabalhos realizados: Noticiário com as notícias em destaque no dia 14 de abril de 2015	91
Anexo 10 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o evento Panorama 2015	93
Anexo 11 – Trabalhos realizados: Traduções e Dobragens	94
Anexo 12 – Trabalhos realizados: Informações sobre os sons já editados da entrevista com o Dr. João Calheiros Lobo, pediatra e ex-presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria. Entrevista realizada no contexto das mudanças na lei do acesso ao tabaco e do álcool	95
Anexo 13 – Trabalhos realizados: Guião da entrevista com Dr.ª Maria Luísa Valadas Carvalho, presidente da Associação dos Comerciantes dos mercados de Lisboa. Entrevista realizada no âmbito do trabalho sobre o Mercado da Ribeira	96
Anexo 14 – Trabalhos realizados: Guião da entrevista com João Cepeda, diretor da Revista Time Out. Entrevista realizada no âmbito do trabalho sobre o Mercado da Ribeira	97
Anexo 15 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre a nova carta de condução por pontos.....	98
Anexo 16 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o corte de árvores em Lisboa	100
Anexo 17 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o Mercado da Ribeira	101
Anexo 18 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre a receção dos jogadores do Sporting na Câmara Municipal de Lisboa	102

Anexo 19 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o perfil de Christopher Lee	103
Anexo 20 – Trabalhos realizados: “Peça” para o dia do ardina	104
Anexo 21 – <i>Take</i> da agência Lusa que serviu de base para a “peça” relativa ao debate sobre o Acordo Ortográfico, em Díli	105
Anexo 22 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o debate entre os ministros da Justiça da CPLP, em Díli	107
Anexo 23 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o contrato de compra e venda da TAP.....	108

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o professor Carlos Andrade, pela disponibilidade, competência e, sobretudo, pelas palavras sábias, que permitiram que encontrasse sempre o caminho mais acertado.

À minha família, pela motivação nos momentos menos fáceis. Por esperarem sempre mais e por nunca deixarem que os desiludisse.

À família TSF, que me acolheu durante três meses. Agradeço todos os ensinamentos preciosos, a exigência, o profissionalismo e a disponibilidade.

Aos meus amigos, que sempre permaneceram por perto.

Por último, aos meus colegas de trabalho, pelo apoio incondicional.

Notas Introdutórias

O presente relatório de estágio representa uma reflexão sobre a aprendizagem teórica adquirida nas aulas de rádio do mestrado em jornalismo e a sua correspondência com a aprendizagem prática proporcionada pelo estágio curricular de três meses na redação da emissora TSF-Rádio Notícias, em Lisboa.

O meu estágio curricular teve início no dia 6 de abril de 2015 e ficou concluído no dia 3 de julho de 2015. Enquanto estagiária, sempre me senti encorajada a partilhar ideias e a agarrar tarefas. Ao longo de três meses na TSF, fui percebendo que, nesta estação, os estagiários têm total liberdade, não só para partilhar opiniões como também para sugerir trabalhos. A vida na redação da TSF é uma verdadeira azáfama, porque a atualidade não espera e os noticiários têm de ser feitos de 30 em 30 minutos (ou até menos, como acontece no período da manhã). Desta forma, nem sempre podemos esperar que os jornalistas estejam totalmente disponíveis para nos ajudar, mas é aqui que começa a verdadeira experiência de um estágio na TSF. Temos de descobrir, perguntar, conhecer e evoluir. Temos de ser autónomos e proactivos.

Na redação da TSF existem imensas possibilidades e um mundo por descobrir a cada dia. Ao longo destes três meses, fui percebendo que a rádio não se faz só com os jornalistas do turno dos noticiários (tipicamente seis, no período em que estive envolvida). Existem também as equipas especializadas de desporto, economia e política, que trabalham lado a lado com as equipas da continuidade informativa; a agenda; a equipa do *online*; os repórteres de exterior, entre outros profissionais. Imprescindíveis são também os animadores que mantêm a emissão no ar 24h/24h, e que fazem a difícil gestão entre a programação e a publicidade; e a equipa técnica que trata de toda a sonoplastia e que assegura que todo o equipamento está a funcionar corretamente. Neste vasto leque, é fácil encontrarmos pessoas dispostas a ajudar-nos e a corrigir-nos sempre que seja necessário.

Resultante de toda a aprendizagem adquirida em ambiente de estágio, o produto final deste relatório ficou muito mais rico em comparação com o plano inicial. Pretendi, com este trabalho, refletir sobre a aplicação das ferramentas teóricas que ganhámos ao longo do curso de jornalismo nas práticas jornalísticas diárias na redação de uma rádio informativa. Propus-me, desde logo, analisar os noticiários da TSF, com especial incidência nas notícias de abertura do chamado “desenvolvimento” – isto é,

quando o editor/pivô aprofunda temas que já levava à “tituleira” e outros porventura ainda não mencionados. Interessava-me refletir sobre a linguagem utilizada, as temáticas predominantes nas notícias que abrem os noticiários, e perceber de que forma se faz a hierarquização das notícias. Este contacto com a atividade jornalística na redação permitiu-me, por fim, analisar e comparar a informação recolhida com as regras que aprendi nas aulas de rádio do mestrado.

No decorrer do estágio, deparei-me com várias situações que me colocaram à prova. Surgiram-me dúvidas que tiveram de ser resolvidas e decisões que, muitas das vezes, fugiam às regras que aprendemos enquanto estudantes. Muitas dessas situações servirão como exemplos ilustrativos ao longo deste relatório.

O presente trabalho divide-se em quatro capítulos. O primeiro é dedicado à apresentação da entidade de acolhimento, primeiramente do grupo Global Media, da qual a TSF faz parte e, numa segunda fase, à apresentação da emissora TSF-Rádio Notícias, evocando o seu percurso histórico, a programação atual e o seu público-alvo. O segundo capítulo representa uma introdução teórica ao tema central deste relatório de estágio. Aí, propus-me abordar a temática dos noticiários radiofónicos, analisando a linguagem utilizada em rádio, a estrutura dos noticiários e os valores-notícia. O terceiro capítulo resulta do desenvolvimento do tema principal deste relatório, ou seja, a abertura do “desenvolvimento” dos noticiários da TSF. Entre a notícia de abertura da “tituleira” ou a do “desenvolvimento”, optei pela segunda hipótese, por seguir, em regra, o critério de escolha do primeiro título, mas de forma mais aprofundada; e também por ser a opção da estação, que disponibiliza *online* o “desenvolvimento”, omitindo a “tituleira”. Através do levantamento teórico proporcionado pelo capítulo anterior, aliado aos conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado em jornalismo, realizei a análise das notícias de abertura dos noticiários das 16, 18 e 20 horas entre os meses de abril, maio e junho do presente ano. O quarto capítulo apresenta a experiência pessoal enquanto estagiária na emissora TSF-Rádio Notícias, focando o meu dia-a-dia e as principais responsabilidades que assumi.

Terminarei o presente trabalho com as notas conclusivas onde farei uma análise de todo o meu percurso neste estágio curricular e as principais conclusões sobre o tema central deste relatório.

Metodologias utilizadas

Para a realização deste trabalho recorri à utilização de técnicas documentais e não documentais.

Quanto às técnicas documentais recorri à leitura e análise de obras literárias, textos académicos e artigos científicos (fundamentais para enriquecer e fundamentar todos os conhecimentos e ideias que adquiri ao longo do estágio); para além disso, recorri também, à análise de documentos oficiais da instituição que me acolheu – a emissora TSF-Rádio Notícias – nomeadamente aos *takes* das agências noticiosas, ao planeamento da agenda TSF, a “peças” e trabalhos jornalísticos, a noticiários da estação, e a outros documentos considerados pertinentes. A recolha de informação relativa aos noticiários incidiu, sobretudo, nos noticiários da tarde informativa da TSF, uma vez que foi este o horário em que cumpri o meu período de estágio. Já dentro do horário da tarde, optei por analisar os noticiários das 16, 18 e 20 horas, recolhidos entre 7 de abril de 2015 e 30 de junho de 2015; por serem os mais extensos, com maior conteúdo e, também, por terem entre si um espaço temporal de duas horas, que permitiu uma maior diversidade temática nas notícias e uma menor repetição informativa.¹

Quando às técnicas não documentais, utilizei a observação direta participante, dado este ser um relatório de estágio curricular. Esta metodologia, também denominada de “participação-observação [...] baseia-se no papel que o próprio investigador constrói e desempenha no curso de uma interação social prolongada no tempo, o qual acaba sempre, em cada quadro espaço-temporal, por ser posto à prova como modo de construir conhecimento sobre uma realidade social já socialmente construída e historicamente mais ou menos determinada. [...] Assim se especifica o duplo estatuto social do observador participante: participa-para-observar e observa-participando” (Esteves e Azevedo, 1998, p. 41-44). Enquanto estagiária na TSF foi-me possível ter uma posição de observadora privilegiada, com contacto direto com materiais e fontes indispensáveis ao meu objeto de estudo. Ao participar no dia-a-dia da redação e ao ser acolhida pela equipa de jornalistas da edição da tarde, pude contactar de perto com todas as técnicas de trabalho utilizadas, decisões editoriais e vivências entre colegas de trabalho. Neste sentido, é também fundamental fazer a ressalva que, “por mais cautelas que se tenham, o envolvimento num clima de permanente tensão – e dado que a componente ‘participação’ exige que o investigador se torne, de algum modo,

¹ Nesta análise, houve alguns noticiários em falta, devido à existência de outras atividades que ocuparam a emissão e que substituíram os noticiários neste horário. Entre essas atividades estão, por exemplo, jogos de futebol, trabalhos jornalísticos mais prolongados, plenários na Assembleia da República, cerimónias fúnebres ou festivas importantes, entre outras.

cúmplice do grupo em estudo – traz consigo o risco de parcialidade” (Estanque, 1998, p.64 *cit. in* Esteves e Azevedo, 1998, p.44).

Quanto a métodos de investigação interferentes, o único a que recorri foi ao inquérito por entrevistas individuais, semi-directivas, presenciais e de estrutura aberta a alguns jornalistas da TSF. Esta metodologia permitiu-me “retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Campenhoudt & Quivy, 1995, p.192). Desta forma, foi-me possível compreender o percurso da emissora, as suas técnicas de trabalho e a relação entre teorias e práticas no meio radiofónico.

Capítulo I – Instituição de Acolhimento

1. Global Media Group

1.1 História²

A Global Media Group é uma empresa gestora de participações sociais, que tem como atividade principal o controlo da administração e das políticas que são empregues nas instituições da qual é acionista. Esta empresa representa, atualmente, um dos maiores grupos de *media* em Portugal, com atividade no jornalismo impresso, digital, televisivo e radiofónico.

No entanto, a denominação da empresa como *Global Media Group* é relativamente recente, tendo, a sua designação, passado por várias alterações ao longo do tempo.

O grupo foi fundado em 1984, por Joaquim Oliveira, e teve como nome original Olivedesportos, mais tarde alterando a designação para Controlinveste Conteúdos S.A. (Magalhães, 2014, p. 26).

Uma década após o seu início, em 1994, a Controlinveste fez o seu primeiro investimento no jornalismo impresso com a compra do jornal O Jogo (Macedo, 2008, p. 10).

Em 1998, na sequência do interesse pelo jornalismo desportivo o grupo alia-se à RTP e à PT Multimédia na criação de um novo canal de televisão – a Sport TV – um canal por assinatura, com conteúdos exclusivamente sobre desporto (Magalhães, 2014, p. 26).

No ano de 2001, mantendo a parceria com o grupo Portugal Telecom, a Controlinveste cria a empresa Sportinveste Multimédia. Este foi um projeto que permitiu ao grupo Controlinveste iniciar-se na área dos “novos *media*”³, passando a

² Pela escassez de fontes de informação oficiais sobre o percurso histórico da Global Media Group, as informações sobre esta empresa, presentes neste relatório de estágio, foram maioritariamente obtidas através de fontes de informação não oficiais e de outros trabalhos de carácter académico.

³ A Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) explica este fenómeno da seguinte forma: “A par com os órgãos ditos tradicionais surgem os chamados «novos *media*» que modificaram o modo como a informação e o entretenimento são criados, sendo caracterizados pela bidimensionalidade (no sentido de troca de conteúdos entre os responsáveis da plataforma e os utilizadores do *site*), fluidez e hibridização (apresentação na mesma plataforma de conteúdos análogos aos disponibilizados em plataformas tradicionalmente autónomas, isto é, o mesmo sítio eletrónico - que se apresenta como um órgão de comunicação social - pode, p. ex., apresentar um vídeo com uma entrevista, uma emissão áudio streaming, e conteúdos em texto editados no arquivo)” (ERC, 2014, p.2). São exemplos de novos *média* os “*blogs*”, as “redes sociais”, os “agregadores de conteúdos (Google, Yahoo, MSN news)” e as “Web TVs e Web Rádios” (ERC, 2014, p. 3-4).

gerir várias plataformas digitais e de multimédia na área desportiva, nomeadamente, as plataformas dos três clubes de futebol portugueses com maior expressão – Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal. É também nesta altura que o grupo investe na expansão do canal Sport TV, criando outros canais por assinatura como a Sport TV 2 e 3, a Sport TV Live, a Sport TV África, a Sport TV Golfe e a Sport TV Américas (Ibid).

Em 2005, a Controlinveste compra parte da empresa Lusomundo com representação nos meios de comunicação social – a Lusomundo Serviços – e a estação TSF-Rádio Notícias (Ibid).

Recentemente, já no ano de 2014, a Controlinveste atravessa um período de reestruturação⁴. A empresa é vendida, em março, a um grupo angolano e passa a estar distribuída:

“[...] pelos empresários António Mosquito (27,5%), Joaquim Oliveira (27,5%) e Luís Montez (15%) e pelos Banco Comercial Português (BCP) e Novo Banco (NB), ambos com 15% tendo passado desde então a ter uma estrutura de capitais reforçada, e a ambição de crescer nos mercados em que está inserida e de conquistar novos mercados nos espaços da lusofonia.”
(Global Media Group)⁵

Com este negócio, a Controlinveste muda de nome para Global Média Group⁶, presidido por Daniel Proença Carvalho, Vítor Ribeiro, José Carlos Lourenço, Rolando Oliveira, Luís Montez, Jorge Carreira e Pedro Coimbra.⁷

1.2 As marcas do grupo

O grupo Global Media intitula-se como “um dos maiores grupos de Media em Portugal, marcando presença nos setores da Imprensa, Rádio e Internet.”⁸

Deste grupo fazem parte diversas instituições de renome. Do sector impresso fazem parte os jornais Diário de Notícias, Jornal de Notícias, O Jogo, Açoriano Oriental, DN Madeira e

⁴ Informação disponibilizada pela empresa Controlinveste Conteúdos, em comunicado. [Internet] Disponível em: <ws.globalnoticias.pt/Pt/Imprensa/NoticiaInterior.aspx?content_id=3965971> [Consult. Outubro 2015]

⁵ Citação retirada do sítio oficial do grupo Global Media Group. Disponível em <<http://www.globalmediagroup.pt/o-grupo/quem-somos/>> [Consult. Julho 2015]

⁶ Informação disponível em economico.sapo.pt/noticias/controlinveste-passa-a-global-media-group_208385.html [Consult. Outubro de 2015]

⁷ Informação disponível em <<http://www.globalmediagroup.pt/o-grupo/quem-somos/>> [Consult. Outubro 2015]

⁸ Citação retirada do sítio oficial do grupo Global Media Group. [Internet] Disponível em <<http://www.globalmediagroup.pt/o-grupo/quem-somos/>> [Consult. Julho 2015]

o Jornal do Fundão; as revistas Volta ao Mundo, Evasões, Notícias Magazine, a Notícias TV e a Revista J. Do sector radiofónico, a TSF é a única emissora do grupo. No sector digital, contam-se marcas como o Dinheiro Vivo (plataforma de informação económica); e os sítios Ocasiao.pt, Descontocasio.pt, Ligaeganha.pt e Lojadojornal.pt., além dos sítios próprios de várias das publicações e da operadora de radiodifusão.

A Global Media Group tem, também, participações em várias empresas como a Visapress, para a gestão de direitos de autor de imprensa; a Naveprinter e a gráfica Funchalense, ambas para serviços de impressão; a VASP e a Notícias Direct, como sistemas de distribuição e, ainda, a agência Lusa.⁹

2. A TSF

“A TSF é a minha casa. É uma rádio de informação. [...] Como nós dizemos num dos nossos *spots*: ‘[é] a rádio que mudou a rádio’. A rádio antes da TSF era uma coisa e depois da TSF passou a ser outra. As coisas evoluem, não somos o mesmo projeto que éramos no arranque mas mantivemos o essencial. Continuamos a ser uma rádio de informação, uma rádio de jornalistas que buscam fazer uma informação séria e rigorosa, estando atentos às necessidades das pessoas e ao que as pessoas querem.”
(Manuel Acácio)¹⁰

2.1 “A rádio que mudou a rádio”

A TSF é uma estação de rádio de cariz informativo, com principal enfoque na atualidade política, económica, social e desportiva, tal como a própria estação se define¹¹.

A TSF deu os primeiros passos em março de 1981, com a criação de uma cooperativa com o nome TSF-Cooperativa de Profissionais de Rádio. Desta cooperativa faziam parte nomes como Adelino Gomes, Albertino Antunes, António Jorge Branco, António Rego, Armando Pires, David Borges, Duarte Soares, Emídio Rangel, Fernando Alves, Jaime Fernandes, Joaquim Furtado, João Canedo, José Videira, Mário Pereira e Teresa Moutinho. Três anos depois da criação da cooperativa, foi para o ar a primeira emissão “pirata” com a duração de quatro horas. Durante este

⁹ Informação disponível em: <<http://www.globalmediagroup.pt/o-grupo/quem-somos/>> [Consult. Outubro de 2015]

¹⁰ Citação do jornalista Manuel Acácio retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 3.

¹¹ Informação disponível no sítio: <<http://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/radio/tsf/>> (consultado em outubro de 2015)

tempo, transmitiram-se mensagens de apoio às rádios livres, com a especial participação do Presidente da República, Ramalho Eanes (Meneses, 2003, p. 22).

No ano de 1987, a TSF inicia um curso de formação, com a coordenação de Adelino Gomes (Ibid). Alguns dos formandos que participaram nessa formação fazem hoje parte dos grandes profissionais que compõem a emissora TSF-Rádio Notícias. Entre eles, Manuel Acácio.

“Faço parte do grupo inicial dos miúdos que fizeram o curso de formação de jornalistas da TSF. A TSF arrancou em 1988, o curso foi em 1987, eu faço parte dessa pré-fornada e estou no projeto desde o início. Sou um dos miúdos fundadores da rádio com uma série dos melhores profissionais da rádio que existia na altura e que nos enquadraram a nós, miúdos.”
(Manuel Acácio)¹²

Para o jornalista Manuel Acácio, o leque de jornalistas que participaram nessa formação e também no arranque das emissões era constituído por alguns dos melhores e mais prestigiados profissionais no mundo da rádio do nosso país.

“A TSF foi buscar os melhores jornalistas de rádio que existiam em Portugal: [Francisco] Sena Santos, o Carlos Andrade; o David Borges; o Emídio Rangel, que era o diretor; o António Macedo; o Mário Fernando; (...). Tínhamos dos melhores jornalistas de rádio em Portugal [...]”
(Manuel Acácio)¹³

Ainda sem alvará, a então TSF-Rádio Jornal abriu oficialmente as portas em 1988, dirigida por Emídio Rangel. Desde o seu início, a TSF começou a distinguir-se pela qualidade do jornalismo que praticava. Passados poucos meses do arranque, a estação de notícias provou aquilo que viria a ser mais um dos seus *slogans* ("Por uma boa história, por uma boa notícia, vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo"), ao fazer a cobertura jornalística do incêndio do Chiado, em Lisboa, considerada como um dos momentos mais significativos da história da TSF (Bonixe, 2009, p. 4307). Por este trabalho, a estação recebeu a sua primeira distinção – o prémio Gazeta entregue pelo Clube de Jornalistas (Meneses, 2003, p. 23).

Em setembro do mesmo ano, após concursos públicos, a TSF passou a emitir legalmente em Lisboa e Coimbra, graças à atribuição de alvarás de cobertura local. Para ampliar a influência territorial e o número de ouvintes, a TSF dinamizou, então, uma “Cadeia Nacional” com outras emissoras, a quem cedia o direito de transmitir noticiários e outros produtos informativos. Em alguns casos, a relação tornou-se muito

¹² Citação do jornalista Manuel Acácio, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 3.

¹³ Citação do jornalista Manuel Acácio, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 3.

estreita, como aconteceu com a Rádio Nova, no Porto, ou com uma estação de Albufeira, no Algarve (Meneses, 2003, p. 23).

Nos anos de 1990, no decorrer da primeira Guerra do Golfo, aconteceu a primeira grande cobertura a nível internacional da emissora. A TSF foi um dos primeiros meios de comunicação social a entrar no território do Kuwait libertado (Ibid).

Em 1992, David Borges assumiu a direção da TSF em substituição de Emídio Rangel, entretanto nomeado para a direção da SIC (mas mantendo-se como administrador da empresa proprietária da TSF-Rádio Notícias).

O grupo Lusomundo viria adquirir, em 1994, grande parte do capital da TSF incluindo ações de Emídio Rangel e Mário Pereira.¹⁴ Neste período, a Lusomundo cria uma nova sociedade – a sociedade Rádio Notícias. A par desta mudança, a TSF deixa de se chamar TSF-Rádio Jornal e adota a designação oficial de TSF-Rádio Notícias. É, também, neste mesmo ano que a estação atravessa um período de crise que resulta no despedimento de cerca de vinte trabalhadores (Meneses, 2003, p. 25).

Os despedimentos marcaram a história da rádio TSF. Algo perceptível em todos os jornalistas mais antigos desta estação, e com quem me cruzei diariamente, foi que este era um assunto dominante sempre que se falava do percurso da TSF. Longe de representar um assunto “tabu”, não só nas entrevistas como em conversas informais, todos os jornalistas conversaram abertamente sobre as alterações que sofreu a estrutura da TSF nos anos mais difíceis.

“Temos hoje em 2015 muito menos jornalistas do que tínhamos em 2013, muito menos do que tínhamos em 2012, muito menos do que tínhamos em 2009. Temos tido que conseguir fazer mais com menos. Claro que alguma coisa se vai perdendo no processo [...]. Há uma parte que se consegue ganhar com a experiência que muitos dos que cá estão conseguiram acumular aqui, ou vindo de outras rádios [...], mas temos muito menos mão-de-obra para ir para a rua fazer reportagem, para fazer mais grandes reportagens e para investigar notícias. Estamos na mesma situação que todos os meios de comunicação social portugueses nestes anos de crise.”
(Manuel Acácio)¹⁵

Um ano depois, em 1995, Carlos Andrade tornou-se diretor da TSF, substituindo David Borges, que havia apresentado a demissão. (Meneses, 2003, p. 25).

No ano de 1999, a TSF realizou uma “emissão especial” de dez dias seguidos, com o objectivo de noticiar a violência em Timor Leste, verificada após o referendo sobre a independência. Esta cobertura, que levou a estação a prescindir da emissão de

¹⁴ Informações obtidas através de conversa telefónica com Alberto Rosário, antigo administrador do grupo Lusomundo.

¹⁵ Citação do jornalista Manuel Acácio, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 3.

publicidade (Proença, 2005), mereceu o reconhecimento público ao ganhar a medalha dos direitos humanos da Assembleia da República (Meneses, 2003, p. 25).

“Esta foi uma rádio que nos 500 anos do descobrimento do Brasil, no ano de 2000, mandou seis pessoas para o Brasil, quatro jornalistas e dois técnicos. Esta era a rádio que mandava dois ou três jornalistas para um jogo de futebol no estrangeiro [...]”
(Pedro Pinheiro)¹⁶

No ano de 2000, a TSF bem como as outras empresas do grupo Lusomundo, passaram a pertencer ao grupo Portugal Telecom, e posteriormente ao grupo Controlinvest, tal como já foi referido anteriormente neste trabalho.¹⁷

No ano de 2003, a TSF lançou o seu primeiro livro, intitulado de *Tudo o que se passa na TSF...Para um “livro de estilo”*, do autor João Paulo Meneses e com prefácio do diretor Carlos Andrade.

Nesse mesmo ano, Carlos Andrade deixou a direção da TSF-Rádio Notícias, alegando “divergências sobre os meios a afetar no lançamento da nova grelha da TSF”¹⁸, tendo sido substituído por José Fragoso.

Em 2008, José Fragoso foi substituído nas funções de diretor por Paulo Baldaia.

Tendo sido uma das primeiras estações a iniciar presença na web (Bonixe, 2009, p. 4310), a TSF está atualmente disponível, para além da antena, em várias plataformas digitais – no sítio www.tsf.pt, nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, e nas aplicações para *iPhone* e *iPad*.

2.2 Programação

“A programação da TSF assenta nos conteúdos informativos, com a emissão de noticiários que aproveitam a flexibilidade da programação para se prolongarem no ar e assim a estação fazer a cobertura dos acontecimentos em direto.”
(Bonixe, 2009, p. 4307)

¹⁶ Citação do subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 2.

¹⁷ Informações obtidas através de conversa telefónica com Alberto Rosário, antigo administrador do grupo Lusomundo.

¹⁸ Comunicado do presidente do Conselho de Administração da TSF-Rádio Notícias, Henrique Granadeiro. Informação disponível online em: www.tsf.pt/arquivo/2003/vida/carlos_andrade_demite_se_da_direccao_da_tsf_868244.html [Consult. Outubro de 2015]

Apesar de conhecida por ser “a rádio das notícias”, a TSF tem uma vasta diversidade de programação. Os noticiários, tipicamente de 30 em 30 minutos, não impedem os jornalistas da TSF de criarem programas diferentes. Para todos os gostos, estes são atualmente alguns dos projetos que compõem a grelha de programação da TSF de segunda a domingo:

Fórum TSF – Conduzido por Manuel Acácio, este é um programa em direto com uma particularidade – a interatividade com o ouvinte. No Fórum TSF debate-se e comenta-se os assuntos que marcam a atualidade informativa. Este é um espaço onde os ouvintes têm voz na antena da TSF e no sítio www.tsf.pt. A emissão decorre de segunda a sexta-feira, entre as 10 e as 12 horas.

Sinais – Um programa produzido por Fernando Alves, onde o jornalista analisa, comenta e partilha ideias, na primeira pessoa, sobre os temas que marcam a atualidade. O programa decorre de segunda a sexta, às 08:50 horas.

Governo Sombra – Semanalmente, Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel Tavares veem à TSF comentar os assuntos que mereceram destaque durante a semana, mas de uma forma peculiar, com ironia e humor. Com moderação de Carlos Vaz Marques, a emissão é transmitida todas as sextas-feiras.

Jogo Jogado – Aqui discute-se tudo o que se passa no mundo do futebol. Com a participação de Luís Freitas Lobo e João Rosado e com a moderação do jornalista Mário Fernando. É emitido à segunda-feira, depois do noticiário das 19 horas.

Conselho Fiscal – Este programa resulta de uma parceria entre a TSF e a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, e permite esclarecer os ouvintes sobre o sistema fiscal português. Um programa diário (de segunda a sexta-feira, às 06:45 e às 18:46 horas) que coloca profissionais TOC¹⁹ a responder a questões e dúvidas dos ouvintes.

Fila J – O Fila J é um programa cultural que permite dar a conhecer o que está a acontecer atualmente no mundo do teatro, da dança, da música e das exposições. Apresentado por José Carlos Barreto, o programa tem emissão de segunda a sexta-feira, no horário das 08:25, 12:52 e 16:45 horas.

Portugal Inovador Social – Este é um novo programa, iniciado em 2015, resultante de uma parceria com a Fundação Manuel António da Mota. O objectivo é divulgar iniciativas, levadas a cabo por instituições sem fins lucrativos, públicas ou privadas,

¹⁹ Sigla para Técnicos Oficiais de Contas.

que visem combater os problemas sociais da conjuntura atual. Este programa tem emissão de segunda a sexta-feira, às 07:40 e às 17:35 horas.

Informação (In)útil – Um programa de curiosidades sobre o mundo que nos rodeia. Perguntas como: “*Qual a ascendência de um dos membros dos Daft Punk?*” ou “*O que é o efeito Tetris?*” são respondidas diariamente por Nuno Miguel Martins, de segunda a sexta-feira, às 07:45, 09:50, 16:10 e 17:25 horas.

Negócios em Português – Um programa sobre o mundo dos negócios entre Portugal e outros países de Língua Oficial Portuguesa. Este é um programa diário, com emissão de segunda a sexta, às 07:50 e 18:40 horas; e aos sábados, às 08:35 horas.

Revista de Imprensa – Conduzido por Fernando Alves, que nos traz um olhar atento sobre as manchetes dos jornais diários – Jornal i, Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias, Diário Económico, (...). Com este programa, o ouvinte fica informado sobre os assuntos que marcam o dia e quem são os protagonistas em destaque. Com emissão diária, depois das 08:15 horas.

Pensamento Cruzado – Este programa traz à emissão da TSF três minutos de reflexão entre três psicólogos e psicoterapeutas: Margarida Cordo, Vítor Cotovio e Mésicles Helin, também sonoplasta da TSF. Uma conversa a três para descodificar comportamentos e sentimentos humanos. Com emissão de segunda a sexta, às 06:40, 16:50 e 22:50 horas.

TSF pais e filhos – Um programa resultante da parceria entre a TSF e a revista Pais e Filhos, com o objectivo de esclarecer e aconselhar os pais sobre as dificuldades diárias em família. Com a participação de psicólogos, pedopsiquiatras e pais é possível desvendar alguns segredos entre a relação entre duas gerações diferentes. Este é um programa coordenado pela jornalista Rita Costa, com emissão de segunda à sexta-feira antes dos noticiários das 09:30 e das 19:00 horas e aos domingos depois das 12 horas.

Valor Acrescentado – Um programa que resulta da parceria entre a TSF, o Diário de Notícias, o Jornal de Negócios, o Diário Económico e o Dinheiro Vivo. De segunda a quinta-feira, às 09:20 horas, André Macedo, Helena Garrido, Bruno Faria Lopes e Sílvia Oliveira trazem à antena da TSF a sua opinião sobre a atualidade económica.

Mundo Digital – Através do jornalista Rui Tukayana, entramos no mundo digital para conhecer tudo o que é novidade na tecnologia. Com emissão de segunda a sexta, às 14:12 horas.

Revista de Imprensa Desportiva – Produzido por Joaquim Ferreira, este é um programa que pretende noticiar todas as novidades do mundo desportivo. Com emissão de segunda a sexta, às 09:36 horas.

Reportagem TSF – A Reportagem TSF propõem aos ouvintes um jornalismo sério e de investigação sobre os mais variados temas da atualidade. Reportagens mais longas que o habitual, que divulgam o melhor que se faz entre os jornalistas da TSF. Com emissão quinzenal, à quinta-feira, às 19:10 horas.

Encontros com o Património – Este é um programa de cariz cultural, em parceria com a Direcção-Geral do Património Cultural. Produzido pelo repórter Manuel Vilas-Boas, o Encontros com o Património pretende dar a conhecer o que de melhor temos no nosso país. Com emissão aos sábados às 12:10 horas, e domingos depois das 01:00 horas.

TSF à Mesa – Um programa de António Catarino, que pretende divulgar a gastronomia portuguesa. Através de uma viagem pelos recantos de Portugal, o ouvinte ficará a conhecer novos locais e sabores. Com emissão de segunda a sexta-feira, às 12:25 e às 20:25 horas.

Notas de Autor – Em parceria com a Sociedade Portuguesa de Autores, a TSF traz à antena, um autor diferente a cada semana. O objectivo é falar sobre leitura, escrita, música, teatro, cinema e pintura. Opiniões e sugestões sobre o mundo artístico, com emissão de segunda a sexta-feira, às 12:50 e às 17:50 horas.

Concerto de Bolso – Este é um programa em direto, onde músicos e bandas conhecidas do público vêm à TSF realizar um concerto intimista. Este é um programa coordenado por José Carlos Barreto.

TSF Futsal – Produzido por Bruno Sousa Ribeiro e João Félix Pereira, este é um programa que dá a conhecer tudo o que se passa na modalidade de futsal. Com emissão à segunda-feira, às 16:10 horas, e à sexta-feira, às 17:40 horas.

TSF Bikes – Produzido por José Carlos Barreto, este é um programa que dá a conhecer tudo o que se passa no mundo do ciclismo. Com emissão à quinta-feira, às 16:10 horas, e ao domingo, depois das 09:30 horas.

TSF *Runners* – Um programa que permite entrar no mundo da corrida e partilhar, com todos os amantes deste desporto, sugestões para uma vida mais saudável. Com emissão sexta-feira, depois do noticiário das 16 horas, e ao domingo, depois das 10:35 horas.

TSF Músicas – A TSF Músicas é um programa de música diário com a duração de uma hora. A cada dia, depois das 23 horas, passa na antena estilos de música distintos. À segunda-feira a Zona Global, com Mário Dias; à terça-feira a Zona Pop, com Miguel Fernandes; à quarta-feira a Zona Groovy, com Mário Dias; à quinta-feira a Zona Ribeirinha, com Ana Bravo; à sexta-feira a Zona de Conforto, com Pedro Adão e Silva; ao sábado a Zona Franca, com Fernando Alves; e ao domingo a Zona de Projeção, com Joaquim Dias.

Terra-a-Terra – Este é um programa em direto, que leva o ouvinte a viajar por Portugal, conhecer gente, tradições e gastronomia. Todas as semanas, são escolhidas terras e protagonistas diferentes. A emissão decorre todos os sábados, entre as 09:10 e as 11 horas.

Bloco Central – Este é um espaço de debate político. Juntos na mesma mesa, Pedro Adão e Silva e Pedro Marques Lopes comentam a atualidade política e os seus protagonistas. Um debate com a moderação de Paulo Tavares, com emissão ao sábado às 11:10 horas.

Números Redondos – Este é um programa que analisa o outro lado do mundo do futebol – os números. Um programa produzido por um especialista em estatística, João Nuno Coelho, permite dar a conhecer valores, datas e tempos que marcam ou marcaram a história do futebol mundial. Com emissão de segunda a sexta-feira às 07:20 e às 18:55 horas.

2.3 O ouvinte TSF

“Quem quiser ouvir notícias, preferencialmente escolhe a TSF.”
(Nuno Domingues)²⁰

Assumindo-se como “Rádio Notícias”, a TSF tem um público muito específico. Segundo o Bareme Rádio 2014²¹ realizado pelo grupo Marktest, é possível traçar o perfil do ouvinte TSF. Com base neste estudo, verificamos que o ouvinte TSF pertence às classes sociais A e B apontando, portanto, para um ouvinte informado, com uma cultura e um conhecimento sobre a atualidade elevados. O público TSF é, também, maioritariamente masculino, com idades compreendidas ente os 35 e os 64 anos;

²⁰ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

²¹ Ver anexo 5.

residentes, maioritariamente, nos grandes polos urbanos portugueses – nas áreas da grande Lisboa e do grande Porto e na zona Litoral Norte.²²

A TSF não é uma rádio generalista. Caracterizada, desde 2001, como rádio temática informativa²³, os seus conteúdos são maioritariamente marcados pela informação (Meneses, 2003, p. 27), embora a música também faça parte do seu rol de programas. A TSF é uma rádio que procura, diariamente, dar aos ouvintes a melhor informação, o melhor entretenimento e as melhores reportagens e coberturas. Ao optar pela via da informação, com noticiários idealmente de 30 em 30 minutos, a probabilidade de perder ouvintes também é maior, como refere Arsénio Reis, diretor adjunto da TSF:

"Esta particularidade [cariz informativo da TSF] não favorece as audiências da estação [...] estas são importantes, mas a TSF não vive angustiada com elas"
(Reis, 2011)²⁴

Como comprova o Bareme Rádio 2014, a taxa de ouvintes até aos 24 anos de idade é, praticamente, inexistente. Apesar disso, essa opção traz também outras vantagens, como explica João Paulo Meneses:

“A TSF foi a primeira rádio em Portugal a perceber os sinais: segmentou-se, no produto que oferece ao auditório a que se dirige. Ao apostar especificamente na informação, alargando o tempo dos noticiários e minorizando o lugar da música, a TSF delimitou um campo de atuação. Ao trazer uma nova atenção para a informação política, ao dar grande visibilidade ao trânsito e à bolsa, a TSF acabou por afastar potenciais ouvintes. A inevitável minoria que a ouve é, contudo, a que tem o principal poder de compra e a mais desejada pelos anunciantes...”
(Meneses, 2003, p. 27)

Desta forma, o principal interesse da TSF não é agradar à maioria da população que ouve rádio. O principal objectivo é satisfazer os seus ouvintes habituais, trazendo-lhes diariamente os melhores conteúdos. Os ouvintes TSF são os que têm maior poder de compra, e por isso mesmo, fazer publicidade na TSF é muito mais aliciante do que fazer publicidade em qualquer outra estação (Meneses, 2003, p. 27).

²² Dados do Bareme Rádio 2014, realizados pelo Grupo Markttest, retirados da página “Liga-te à Média”. [Internet] Disponível em <http://www.ligateamedia.pt/simulators1.aspx> [Consult. Agosto de 2015]

²³ Decreto-Lei nº 239/2001. D.R. II Série. 37(2001-02-13) 3016.

²⁴ Declaração de Arsénio Reis na cerimónia de receção do Tributo de Jornalismo 2011, atribuído pela organização das XV Jornadas da Comunicação da ESEP, da qual a TSF recebeu a distinção. Informação também disponível em <http://www.esep.pt/esepjd/index.php?q=article/tributo-de-jornalismo-atribuido-tsf> [Consult. Outubro de 2015]

2.4 A publicidade

“Um bom indicador para se analisar o rádio como um meio de grande poder de penetração entre o público é o investimento publicitário que ele recebe.”
(Ortriwano, 1985, p. 64)

A publicidade é um fator muito importante na TSF. Os investimentos publicitários representam uma fatia significativa no orçamento da estação, perceptível de perceber pela quantidade de campanhas publicitárias na antena. Algo que pude vivenciar com a experiência em estágio foi como estes compromissos publicitários poderão influenciar o tempo destinado para a programação. O animador tem a função de gerir toda a programação e, se em determinado horário tiver o compromisso de que transmitir certo número de anúncios publicitários entre os noticiários, esses compromissos terão de ser emitidos. Este facto não implica o encurtamento do noticiário, mas sim, a certeza de que, não havendo circunstâncias excepcionais²⁵, é garantida a passagem de todos os *spots* publicitários.

A publicidade tem, hoje em dia, uma influência inquestionável nos meios de comunicação social, tal como explica Gisela Swetlana Ortriwano:

“O complexo publicitário que passou, progressivamente, a sustentar todo o poder burocrático não só da radiodifusão mas também dos veículos impressos [...] é ao mesmo tempo o melhor e o pior. O pior, porque marcou profundamente, em proveito de um sistema mercantil, o seu conteúdo e o seu equilíbrio económico. O melhor, porque, no mundo capitalista, apenas a publicidade assegura o financiamento que permite à imprensa a sua independência face aos governos.”
(Ortriwano, 1985, p. 64; Op. Cit., Servan-Schreiber, p. 86)

Sendo privada e querendo manter-se uma rádio privada, a TSF precisa de continuar a ter estes compromissos. Tal como explica Pedro Pinheiro, fazer exclusivamente informação é muito dispendioso:

“A loucura de fazer subsistir num país, pequenino como este, uma rádio de informação privada, que vive de publicidade, quando sabemos que fazer informação é que é caro. Fazer uma rádio gira discos é extremamente barato e muito mais rentável [...].”
(Pedro Pinheiro)²⁶

²⁵ Por circunstâncias excepcionais entenda-se os acontecimentos mediáticos de elevada relevância pública e que pressuponham, por exemplo, declarações em direto, coberturas de cerimónias, entre outros exemplos (...).

²⁶ Citação do subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 2.

Capítulo II – A linguagem radiofónica aplicada a noticiários

“A linguagem radiofónica não é constituída unicamente pela voz. Ela é o resultado da junção de outros elementos como a música, o ruído, o silêncio e os efeitos sonoros.”
(Teixeira, 2001, p.13)

3. A linguagem radiofónica

“A narrativa radiofónica e a narrativa jornalística radiofónica não se restringem à comunicação oral, são um produto sonoro com toda a abrangência que isso implica. A linguagem radiofónica, com todos os seus recursos expressivos, espelha, constrói e recria a realidade sonora que nos envolve, devolvendo-nos aos ouvidos os sons do mundo.”
(Reis, 2012, p. 4)

A rádio é o meio de comunicação sonoro, por excelência. Ao contrário de todos os outros meios de comunicação, que podem socorrer-se da escrita, som e/ou imagens, o meio rádio, na sua forma tradicional, tem como única ferramenta o som (ou, às vezes, o silêncio como ausência de som). Por essa razão, o principal desafio da rádio é a representação da realidade para ser ouvida. A rádio é um “*médium cego*” (Crisell, 1994, p. 3), e portanto, a linguagem radiofónica deve compreender um variado leque de técnicas que permitam ao recetor descodificar facilmente todas as mensagens e visualizar todas as imagens, unicamente através dos seus ouvidos. Por essa razão, o universo radiofónico deve estabelecer uma relação de proximidade com os seus ouvintes e tem como objetivo:

“[...] apelar à audição, [...] captar e, sobretudo, manter a atenção do ouvinte. [Para conseguir] seduzi-lo recorre aos quatro sistemas expressivos da linguagem radiofónica: palavra, música, efeitos sonoros e silêncio.”
(Reis, 2012, p. 5).

3.1 A especificidade da linguagem

"A rádio está na posse, não só do maior estímulo que o Homem conhece, a música, a harmonia e o ritmo, como também é capaz de oferecer uma descrição da realidade através de ruídos e com o maior e mais abstrato meio de divulgação de que o Homem é dono: a palavra."
(Arheim, 1980, p. 16)

Na linguagem radiofónica, a palavra ocupa o papel de destaque. Pelas características únicas que distinguem a rádio dos restantes meios de comunicação social, também o discurso radiofónico apresenta especificidades únicas no universo comunicacional, como afirma Eduardo Meditsch (1995, p.3):

“O imediatismo, a versatilidade, a ubiquidade e a facilidade de receção do rádio ainda não foram alcançados por nenhum outro meio, e isso deve-se à simplicidade e prática da linguagem sonora.”

Assim sendo, para se fazer uma análise correta dos noticiários no meio radiofónico, é necessário conhecer primeiro as regras básicas presentes na linguagem para rádio.

3.1.1 A simplicidade

Tal como referi anteriormente, a rádio pretende captar a atenção do ouvinte. Este é um meio que pretende transmitir ideias e conhecimentos enquanto os ouvintes executam outras tarefas em simultâneo. Tal como refere João Pedro Oliveira (2012, p. 40-41):

“[Uma das]características mais marcantes [da rádio] e que a diferenciam dos demais formatos é a possibilidade de se poder efetuar outras tarefas enquanto [a] ouvimos. [...] Ao contrário da televisão e do jornal, que nos obrigam a estar parados, a rádio tem a mobilidade a seu favor – a título de exemplo, é obviamente impossível lermos o jornal enquanto fazemos *jogging* ou vemos televisão enquanto conduzimos um carro.”

Por essa mesma razão, a linguagem radiofónica deve ser simples e clara. As frases devem ser curtas, respeitando a utilização de uma estrutura básica. Neste sentido, a quantidade de palavras e de sonoridades utilizadas devem ser reduzidas ao essencial, caminhando no sentido da concisão. Quanto ao tempo médio de duração do som em rádio, Eduardo Meditsch (1999) refere que o tempo médio de atenção do ouvinte tem vindo a diminuir ao longo dos anos. Para o autor, na década de 1950, o tempo de atenção do ouvinte rondava os quinze minutos; na década de 1960, passou para os oito minutos e, dez anos depois, fixou-se nos quatro minutos de atenção. Mais recentemente, nos anos de 1990, o tempo médio de atenção foi reduzido a três minutos e, nos dias de hoje, o tempo de escuta ativa ronda os noventa segundos (Ferraretto, Klöckner, 2010, p. 629). Já para o autor João Paulo Meneses (2003, p. 89-90), as teorias que incidem sobre o tempo de atenção dos ouvintes devem ser analisadas em cada país de forma isolada. Não havendo ainda estudos sobre a realidade portuguesa,

o autor recorreu-se do “Livro de Estilo” da “RTP”, para apurar que a média de tempo indicada para a realização de entrevistas numa reportagem televisiva situa-se entre 10 a 20 segundos (em outros países os tempos rondam os 13 segundos nos Estados Unidos, 26 segundos na Grã-Bretanha e 44 segundos na Alemanha). Neste contexto, citando Luís Paixão Martins (1983, p. 46), João Paulo Meneses refere que quer uma frase tenha 17 ou 40 palavras, o ouvinte apreende apenas 12 (Meneses, 2003, p. 89-90). Na redação da TSF, o tempo médio de duração dos sons ronda os 30 segundos, mas poderá estender-se até aos 45 segundos se a importância o justificar. Já nas aulas de rádio do curso de mestrado em jornalismo, o que aprendemos como referência foi a não ultrapassar as 21/22 palavras na construção das frases. No que respeita ao tempo mínimo de duração de sons ou frases, também existem regras que se devem seguir. João Paulo Meneses refere que um som curto (com menos de 10 segundos) poderá significar “um foco de ‘ruído’, se acabar antes do ouvinte completar o processo de descodificação/habituação a um novo registo” (2003, p. 90). Os jornalistas de rádio devem, portanto, potenciar o tempo reduzido de que dispõem para a transmissão das informações com maior relevância.

Apesar da oralidade do meio, as imperfeições quase inevitáveis do improviso prejudicariam a eficácia da comunicação. Neste sentido, a maioria dos conteúdos noticiosos são previamente escritos, tal como afirma Emílio Prado (1985, p. 29):

“Ao escrever um texto jornalístico para o rádio é preciso sentar-se diante da máquina de escrever pensando que se vai elaborar um texto para ser ouvido, para ser contado, e não para ser lido.”

A dificuldade é, portanto, escrever para ser ouvido e não para ser lido pelo destinatário, de tal forma que muitos dos trabalhos que fiz, primeiro em sala de aula e no estúdio da escola e depois no contexto do estágio na TSF, tiveram que ser refeitos. Por outro lado, os textos para rádio devem ser escritos e lidos de uma maneira que o ouvinte possa ter a ilusão que não estamos a ler. Devem ser abolidas palavras que se afastem da naturalidade da comunicação oral, bem como, estruturas fráscas longas ou muito complexas.

“No nosso dia-a-dia, comunicamos melhor a falar do que a escrever, mas é evidente que, do simples ponto de vista do virtuosismo, quase todos nós escrevemos melhor do que falamos. Acontece que este pressuposto não é válido para rádio; aqui interessa pouco a erudição, a complexidade e mesmo o virtuosismo que a escrita permite e estimula [...]”
(Meneses, 2003, p. 31)

A palavra de ordem na rádio é, portanto, simplificar. Utilizar palavras simples, que normalmente utilizamos na conversação, e em menor número de possível.

“[...] há acima de tudo uma necessidade de quanto menos tempo se gastar a explicar uma história melhor. Mas também não se pode cair em exagero porque se demorarmos pouco tempo e não contarmos a história, aí não há vantagem. [...] Temos de contar bem a história. Depois a arte está em tornar a história mais curta tendo lá o essencial.”
(Nuno Domingues)²⁷

De facto, idealmente, a linguagem radiofónica é uma linguagem que se deve aproximar muito de nós, das nossas conversas e das nossas expressões diárias. Ora, transpor a oralidade para a escrita fixando-a num papel é tarefa difícil. Há que buscar as palavras certas, as frases adequadas e a entoação mais apropriada. Como defende Eduardo Meditsch (1995, p.3):

“Expressar pensamentos e situações complexas de uma forma simples é tarefa que exige um esforço extraordinário de abstração. Fazer isso bem feito é uma habilidade pouco comum. Charles Chaplin identificava-a como das mais elevadas formas de arte.”

Nas aulas de rádio do curso de mestrado em jornalismo, das primeiras coisas que aprendemos foi pensar na redação de frases como se tivessem sido antecidas pela pergunta “Já sabes?/ Já sabe?”. Deste modo, a notícia para ser ouvida começaria no ponto certo com enfoque no mais importante, ajudando a encaminhar depois informação mais acessória.

Durante todo o percurso académico somos confrontados com trabalhos escritos, que devemos redigir ou ler frequentemente, com um vocabulário especializado e palavras ou frases eruditas. A escrita para rádio convida-nos ao inverso. Especialmente importante é a adoção de uma *linguagem média* (Meneses, 2003, p. 32), ou seja:

“ [uma linguagem] informal/coloquial, sem descambar para gírias ou o calão; formal, sem ser afetada ou artificial, mas espontânea.”
(Meneses, 2003, p. 32)

Para o autor João Paulo Meneses, a linguagem radiofónica deve respeitar cinco atributos essenciais - a simplicidade, a clareza, o rigor, a concisão e a variedade. A simplicidade consiste em escolher palavras que habitualmente utilizamos no nosso dia-

²⁷ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

a-dia e construir frases curtas tipicamente utilizando a estrutura: sujeito, predicado e complementos (Santos, 2008, p.28). Também o autor Emílio Prado (1989) valoriza a utilização da estrutura frásica simples na construção da linguagem radiofónica:

“As frases devem ser curtas, mas isso não é tudo. Uma frase breve não é garantida de uma expressão lógica se não está acompanhada de uma estrutura linear, um desenvolvimento lógico da ideia que contém. Para isso é preciso recorrer à estrutura gramatical mais simples, que é aquela composta por sujeito-verbo-complemento.”
(Prado, 1989, p. 32)

Quanto à clareza, ela resulta na oferta de informação ao ouvinte sem divagações, mas sempre completa. Já o rigor tem que ver com a precisão da informação, nomeadamente evitando cair em excessos de adjectivação, opinião ou sensacionalismo; rigor também é, portanto, “evitar preciosismos” (Meneses, 2003, p. 36). A concisão consiste em dizer no menor número de palavras possível uma determinada notícia ou informação. Por fim, a variedade, que resulta na tentativa de evitar a repetição de palavras, mas admitindo que elas possam ser repetidas em alternativa a um sinónimo que possa causar estranheza ao ouvinte, conforme aprendemos nas aulas de rádio. Aí comprovámos, por exemplo, que é preferível repetir a palavra “autarca” do que chamar-lhe “edil”. A utilização desta palavra representaria a produção de “ruído”, como se explicará de seguida.

3.1.2 O “ruído”

Considera-se “ruído” tudo aquilo que possa desviar a atenção do ouvinte em relação à mensagem radiofónica e, por essa razão, é algo que deve ser evitado. João Paulo Meneses faz a distinção entre os conceitos ruído e “ruído”. Para o autor, ruído, tal como a própria semântica indica, é:

“[...] vento na altura da gravação? microfone longe do entrevistado? um entrevistado com muita tosse, catarro ou rouquidão? [...]”
(Meneses, 2003, p. 122)

Ruído é, no sentido literal da palavra, todos os sons que possam afetar de forma negativa a transmissão da mensagem. Contudo, quando se fala de ruído na redação de uma rádio ou na aprendizagem da linguagem radiofónica nas escolas, o conceito que se pretende abordar é o conceito de “ruído”. Neste sentido, “ruído” é:

“[...] o que leva um ouvinte a afastar-se, a distrair-se, a irritar-se, a chocar-se, etc. quando ouve uma informação. [...] Tudo aquilo que pode fazer com que o ouvinte

interrompa (nem que seja por alguns segundos) a escuta da rádio, nomeadamente da parte informativa (e em concreto dos noticiários).”
(Meneses, 2003, p. 123)

Embora distintos, os conceitos de ruído e “ruído” estão, muitas vezes, interligados. Tal como o autor João Paulo Meneses refere: “Por isso se diz que ruído é ‘ruído’!” (2003, p. 122), precisamente porque tudo o que é considerado ruído, quebra também a linha de raciocínio do ouvinte.

Feita a definição dos conceitos, veremos agora que tipo de “ruídos” existem, devendo ser evitados em rádio. Os dois primeiros tipos de “ruído” são da inteira responsabilidade do ouvinte. O primeiro tem a ver com as distrações perto do ouvinte como por exemplo as buzinas dos carros, o barulho de ambulâncias, o choro de uma criança, um telemóvel, entre outros. O segundo tipo acontece quando o ouvinte não gosta de uma determinada música ou informação e muda de estação. Em ambos os casos, não há nada que o jornalista ou animador de rádio possa fazer e, portanto, tal como refere João Paulo Meneses, “sobre esses casos não vale a pena perder tempo” (2003, p. 123).

O terceiro tipo de “ruído” tem a ver com o sensacionalismo (Ibid). Este tipo de “ruído” acontece quando há uma quebra de confiança por parte do ouvinte. Este fenómeno pode acontecer quando existe:

“[...] Uma informação falsa, seja uma notícia em “primeira mão” que não se confirmou ou uma informação importante de trânsito que já não era válida quando foi emitida; um título ou um “lead” com grande impacto mas que depois não têm correspondência no desenvolvimento; a violação de regras mais ou menos básicas de privacidade para noticiar algo que não justifica essa rutura com a deontologia [...]”.
(Meneses, 2003, p. 123)

O quarto tipo de “ruído” diz respeito à influência que a linguagem escrita tem na produção de textos para rádio. Como já foi referido anteriormente, existem regras diferentes quando se escreve para ser lido ou para ser ouvido. Embora a regra seja escrever para ler o que vai ser escutado pelo ouvinte, este deve manter a ideia que são palavras espontâneas. No entanto, as aulas e a experiência de estágio mostraram quão árdua é a tarefa de nos libertarmos dos hábitos da comunicação escrita para ser lida por outra pessoa. Exemplos deste tipo de “ruído” são:

- a) A construção de frases demasiado longas – uma vez que frases compridas dificultam a compreensão do ouvinte e fazem com que perca facilmente a

linha de raciocínio (como comprovam as teorias sobre o tempo de escuta ativa dos ouvintes²⁸);

- b) A conjugação de verbos no tempo futuro – o futuro em rádio deve ser sempre evitado não só porque provoca construções mais difíceis de captar mas, também, porque habitualmente numa conversa em *linguagem média* (Meneses, 2003, p. 32) os tempos verbais que se utilizam são o tempo presente e o passado;
- c) A utilização de siglas – as siglas que são desconhecidas ao ouvinte devem sempre ser desconstruídas. Contudo, há siglas que são tão ou mais conhecidas do que a própria designação e nesse caso podem ser ditas (como é o caso das siglas TAP e CGTP);
- d) O uso da dupla negativa – usar duas negativas numa só frase torna-se confuso e impercetível, como podemos ver através do exemplo que João Paulo Meneses nos traz: “[...] Estamos todos de acordo que não se deve não dar esta lição?” (Meneses, 2003, p. 126);
- e) A inversão do sujeito – como já referi anteriormente, a estrutura das frases deve ser o mais simples possível, respeitando a regra: sujeito, predicado e complementos (Santos, 2008, p.28). Neste sentido devem ser evitadas construções como: “Areia suja, bactérias na água e falta de informação são algumas das falhas encontradas pela ‘Quercus’ nas praias portuguesas” (Meneses, 2003, p.126);
- f) Frases ou palavras incorretas – enganos na leitura ou dição, erros gramaticais ou uso de palavras incorretas fazem com que o ouvinte fique alerta aos erros cometidos e perca a atenção à mensagem que está a ser transmitida;
- g) As redundâncias – não só porque a tentativa é utilizar o mínimo de palavras possível na transmissão da mensagem, mas também porque as redundâncias criam estranheza ao ouvinte;
- h) A falta de uniformização – a linguagem em rádio deve ser uniforme. Se um jornalista diz uma palavra de determinada forma, o jornalista que faz o noticiário seguinte deve manter essa regra, para não confundir o ouvinte. Durante a minha passagem pela redação da TSF pude presenciar várias

²⁸ Referidas, anteriormente, na página 18 e 19 deste trabalho.

vezes esta problemática; por exemplo na leitura do nome Julen Lopetegui (atual treinador do Futebol Clube do Porto). Alguns jornalistas na redação liam “*Julen*”, tal como se lê Júlio ou José; outros liam “*Rulen*”, transformando o “J” em “R” tal como dita a regra espanhola; outros ainda liam “*Yulen*”, substituindo o “J” por um “Y”. Ora, o ouvinte no noticiário das 20 horas ouvia a mensagem de uma forma e às 20:30 horas ouvia de outra forma. Esta foi uma questão que teve de ser resolvida, sendo que todos os jornalistas chegaram a um consenso para escolher apenas uma única forma de dizer;

- i) Recurso substancial à numeração – a rádio não é o meio mais adequado para a divulgação de números (Prado, 1985). A inclusão de uma grande quantidade de números ou a recorrência a numeração demasiado longa nos textos informativos representará uma distração para o ouvinte. Por essa razão, a utilização da numeração deve ser evitada. No entanto, sempre que não seja possível evitá-la, existem duas regras a seguir: “Por um lado, deve-se arredondar todos os números, 498.351 são no rádio “quase meio milhão”. Por outro lado, convém estabelecer comparações ilustrativas que facilitam a compreensão. Assim encontrar-nos-emos com fórmulas como “o dobro de...”, “a metade de...”, etc.” (Prado, 1985, p. 41);
- j) O Silêncio – Quem sintoniza uma estação de rádio espera sempre ouvir som (música ou voz) e não silêncio. O silêncio é “ruído” visto que “tudo aquilo que não tem tradução sonora não existe na rádio” (Meneses, 2003, p.156). Neste sentido, João Paulo Meneses (2003, p.156) traz-nos alguns exemplos como: “Alguém que entra no carro e liga o rádio. Na sua estação preferida encontra silêncio. Não vai ficar à espera... Alguém viaja de carro, ouvindo a sua estação preferida, mas de repente a emissão fica em silêncio. Será do seu auto-rádio? Será avaria? Ao mudar de estação encontra logo a resposta...”. Na TSF a regra é evitar esta distração, no entanto, nos casos em que o silêncio faz parte das particularidades do discurso (por exemplo, uma hesitação numa entrevista) não fará sentido “limpar” essa informação (Ibid);
- k) Cacofonias – o efeito sonoro resultante da junção de determinadas palavras pode criar confusão e dificuldade na perceção do texto. Veja-se por exemplo a frase: “O Presidente da República foi o decisor e responsável

pela indigitação do primeiro-ministro Pedro Passos Coelho” – na oralidade, a junção da conjunção “e” com o adjetivo “responsável” resulta no adjetivo “irresponsável”, que poderá criar alguns constrangimentos;

- l) Recurso a palavras proibidas em rádio – existem certas palavras que quando utilizadas no meio radiofónico podem criar equívocos na perceção da informação. São palavras como os pronomes seu/sua e este/esta, ao advérbio “respetivamente”, e aos numerais ordinais “primeiro, segundo, terceiro, ...”. Um exemplo deste tipo de “ruído” é: “Marcelo Rebelo de Sousa faltou ao comício de Durão Barroso, mas à mesma hora apareceu numa cerimónia em Almada, onde Cavaco Silva apresentava o seu livro de memórias. – Neste caso o ‘seu’ refere-se ao livro de Durão Barroso, de Marcelo ou de Cavaco?” (Meneses, 2003, p. 132).

Apesar da escrita para rádio procurar a naturalidade, o respeito pela língua portuguesa pode criar situações de estranheza para o ouvinte. Por exemplo, hoje os especialistas já admitem que a palavra “líderes” possa ser dita acentuando o “i” ou o primeiro “e”. Todavia, para quem se habituou à regra clássica de enfatizar o “i” a alternativa talvez gere dúvidas quanto à admissibilidade. Como aprendi nas aulas, esta situação pode propiciar “ruído que interrompe a comunicação”, ou seja, enquanto o ouvinte pensa se será possível a alternativa de prosódia, perde a informação transmitida nos segundos seguintes. Daí que, nas aulas, tenha aprendido que, no exemplo vertente, se puder usar a palavra “dirigentes” em vez de “líderes”, se evita o problema e até há a vantagem de recusar um anglicismo desnecessário.²⁹

3.1.3 As traduções e dobragens

Na TSF, a regra é a de que todas as notícias devem ser perceptíveis para o ouvinte que domina a língua portuguesa. Por consequência, declarações noutros idiomas devem ser dobrados. Os ouvintes não têm que saber espanhol, inglês, francês ou alemão. Todavia, pude aperceber-me de que frases muito claras na língua espanhola num som de duração razoável, ou seja, tendencialmente não excedendo os trinta

²⁹ [Internet] Disponível em:

<<http://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/2060#.VkMI-W8nzIU>> [Consult. Novembro de 2015]

segundos³⁰, seria exceção admissível, dispensando tradução. O que, aliás, confirma observações em sala de aula, num contexto em que avaliámos a necessidade de traduzir afirmações de personalidades no mundo do futebol. As sonoridades em língua estrangeira devem, portanto, ser dobradas. Existem outras duas exceções, estas habituais, para a dispensa de tradução/dobragem: a) no caso de se tratar de um som de curta duração (com menos de 10 segundos), sendo aconselhável que o jornalista explique antecipadamente a mensagem em língua estrangeira que vai ser transmitida, com eventual reforço de explicações no final; b) ou quando se trata de sons emblemáticos, que por terem passado tantas vezes, o ouvinte já se sente familiarizado, como por exemplo a famosa expressão “*Yes we can!*” de Barack Obama, ou a expressão “*¿Por qué no te callas?*” do rei Juan Carlos de Espanha.

Havendo tempo para gravar a mistura de palavras em língua estrangeira com dobragem em português, é regra na TSF que, nesse trabalho, não apareça a voz do editor do noticiário em que seja previsível a transmissão do som. Idealmente o noticiário deve estar provido da *polifonia* de vozes (Bakhtin, 2008), ou seja, uma voz para a edição, outras vozes para as “peças” e outra voz para as dobragens. No que à técnica da dobragem diz respeito, ela deve começar sempre alguns segundos após o som original (até 5 segundos) e acabar sempre antes do som terminar (Meneses, 2003, p.96). Ao fazer uma dobragem, o jornalista deve tentar ser o menos dramático possível, tentando apenas transmitir a mensagem e não as emoções do protagonista. Tal como João Paulo Meneses (2003, p. 97) explica:

“Se o protagonista se ri ou chora [...] o jornalista não deve mimetizar essas reações! Uma boa dobragem tentará conciliar esses momentos com a tradução, criando pausas. Ou seja, deixar que seja o protagonista a expressar esses sentimentos... (rir ou chorar são universais, em qualquer língua).”

Outra regra é a de solicitar sempre vozes diferentes para cada protagonista. Se, por exemplo, um jornalista já dobrou um discurso de Alexis Tsipras, no período da manhã, esse mesmo jornalista não fará outras dobragens a não ser para novas declarações de Alexis Tsipras. Nas dobragens aplica-se também a regra de manter o mesmo género das elocuições originais: discursos femininos devem ser dobrados por mulheres e discursos masculinos por homens.

³⁰ João Paulo Meneses (2003) refere que na tipologia adotada no “Livro de “Estilo” da “RTP”, o tempo de referência se situa entre os 10 a 20 segundos. Já na redação da TSF, o tempo médio ideal para a duração de sons é sempre de 30 segundos.

Quanto às traduções, a TSF aceita que deva fazê-lo em tudo o que não esteja em português (Ibid, p.95). No entanto, percebi no estágio que, por vezes, surgem problemas novos que necessitam de resposta nomeadamente quando se trata de expressões características ou de nomes próprios. Por exemplo, quando os príncipes William e Kate anunciaram o nome da sua filha, a princesa Charlotte Elisabeth Diana, instalou-se a dúvida na redação: “Será que se diz o nome oficial - Charlotte Elisabeth Diana – ou será que se traduz? E os nomes William e Kate traduzem-se?”. Alguns jornalistas apoiavam a tradução, outros, não; e outros ainda apoiavam uma tradução parcial, ou seja de apenas alguns nomes. Na falta de resposta de um livro de estilo TSF formal, (isto porque o título do livro de João Paulo Meneses - *Tudo o que se passa na TSF... Para um “livro de estilo”* – é, como o título indica, uma contribuição para essa obra) cada estação terá de definir regras para cada tipo de casos que orientem todos os jornalistas. No noticiário das 16 horas, a estação optou por noticiar tanto o nome oficial como a tradução:

“A casa Real Britânica anunciou hoje que é Carlota o nome escolhido para a nova princesa de Inglaterra. A filha do príncipe Guilherme e também da mulher Kate nasceu no passado sábado. Princesa Carlota de Cambridge ou o nome completo Charlotte Elisabeth Diana, assim mesmo. O anúncio foi feito hoje pela Casa Real Britânica. Carlota de Cambridge será a quarta na linha de sucessão ao trono britânico depois do avô, o príncipe Carlos; também do pai, o príncipe Guilherme; e neste caso do irmão, o príncipe Jorge.”³¹
(Nuno Domingues, 2015)

3.2 A construção de noticiários para rádio

“No seguimento da liberalização do sector, a TSF apresentou-se como um dos projetos mais sólidos surgidos em Portugal, não apenas no subsector da rádio, mas de um modo geral, no jornalismo português. A TSF mudou o tempo da notícia e os seus modelos acabaram por influenciar outros projetos, até mesmo o próprio serviço público de rádio”
(Bonixe, 2009, p. 4304)

A forma como o jornalismo é praticado na TSF representou, desde cedo, um modelo a seguir pelos meios de comunicação que se autodenominam de informativos. Uma das marcas distintivas no jornalismo TSF foi a introdução das notícias em “primeira mão”, tendo até recebido a designação oficial de “notícias TSF” (Meneses, 2003, p.280). Esta noção de atualidade não fragilizou, no entanto, a barreira existente

³¹ Notícia de abertura do noticiário das 16h, do dia 4 de maio de 2015.

entre a instantaneidade e a falta de rigor. Como João Paulo Meneses (2003, p. 280) refere:

“Outro conceito importante na definição da “notícia TSF”: a segurança dos factos, a verdade das informações. Uma “notícia TSF” não pode ser desmentida: o efeito de um desmentido é enorme, proporcionalmente maior do que o impacto da própria notícia.”

Neste sentido, os princípios de rigor e credibilidade mantêm-se prioritários quando o jornalista TSF se depara com a decisão entre escolher noticiar um exclusivo, que carece de fontes fidedignas, ou não noticiar até ter confirmação. No decorrer dos três meses de estágio, muitas foram as informações que chegaram à redação da TSF (através de ouvintes ou até de fontes anónimas). No entanto, se na procura pela confirmação as informações não fossem conclusivas, a notícia não poderia ser publicada (nem no noticiário, nem na página *online* www.tsf.pt). Esta é a regra na TSF, mas como em todas as regras à exceções, também eu pude vivenciar uma dessas exceções. Em junho, aquando das negociações para encontrar um novo treinador para o clube de futebol Sport Lisboa e Benfica (quando ainda nada tinha sido divulgado), uma fonte de informação, anteriormente já consultada pelos jornalistas da redação, confirmou em *off*³² à equipa de desporto o nome do próximo treinador da equipa benfiquista: o treinador Rui Vitória. Tendo em conta a confiança já depositada, vezes anteriores, nessa fonte de informação, sempre sem qualquer problema, decidiu-se na redação dar o exclusivo no noticiário seguinte, indicando que a informação teria sido divulgada por uma fonte próxima ao clube. No entanto, assim que se noticiou a informação tanto no noticiário como na página *online*, essa mesma fonte de informação recuou relativamente à notícia já divulgada, informando que já não teria a certeza dessa negociação. Essa situação criou vários constrangimentos na redação, pois por um lado a equipa do *online* teve de retirar a notícia da página, e por outro, a redação da tarde e a equipa de desporto tiveram de chegar a um consenso sobre o que iriam dizer ao ouvinte nos noticiários seguintes. Alguns jornalistas defenderam que a melhor opção era esclarecer o ouvinte relativamente ao que tinha acontecido, acompanhando a explicação com um pedido de desculpa; outros defenderam que a melhor opção era não falar mais no assunto, pois poderia até criar “ruído” (no sentido em que se um ouvinte tivesse ligado o rádio já depois da informação ter sido divulgada, não iria

³² Fazer declarações em *off* significa, em rádio, dar informações preservando o anonimato do informador e obviamente sem transmissão de eventuais registos gravados.

compreender o porquê do pedido de desculpa). A decisão, tomada em conjunto na redação, foi a de não referir mais o assunto na antena da TSF até confirmação oficial.

Outro fator distintivo nos noticiários TSF é o direto. Tal como João Paulo Meneses confirma, a TSF nasceu como “a rádio em direto” (2003, p. 159). Este fenómeno, nos noticiários da estação, resultou num aproveitamento das potencialidades do meio, como refere Luís Bonixe (2007, p.24):

“[...] A rádio, ao privilegiar a atualidade, potencia um dos seus principais recursos enquanto meio de comunicação: a instantaneidade. É frequente a rádio informativa recorrer ao direto durante os noticiários.”

Tendo, então, como outro princípio fundamental a espontaneidade, idealmente a TSF tem sempre um repórter onde tudo está a acontecer. Em todos os noticiários, para além da passagem de “peças” e de sons, é sempre prioritário levar o ouvinte ao local marcado pela atualidade informativa, recorrendo, sempre que possível, aos “diretos”.

Quanto à estrutura dos noticiários da TSF, estes também apresentam especificidades. Uma delas é o facto de as tituleiras serem lançadas sempre dois minutos antes da hora certa (a que normalmente coincide com a transmissão dos sinais horários). A explicação que me deu o jornalista Nuno Domingues³³ foi a de que o lançamento da “tituleira” à hora certa habitual implicava que o “desenvolvimento” começasse atrasado em relação a outras estações que tivessem menos ou nenhuma publicidade para difundir entre esses dois momentos.

Outra especificidade é o facto de, antes de o noticiário ir para o ar, passar sempre o *jingle* próprio da TSF, onde é anunciado o nome do(a) jornalista que conduzirá o noticiário. Nos horários das 16, 18 e 20 horas, Nuno Domingues foi na maioria das vezes o editor e pivô pois, na estação, as duas funções coincidem.³⁴

Colocando em análise os noticiários da TSF, chegamos à conclusão que não existe uma grande rigidez estrutural, como existe noutras estações emissoras. O tempo médio dos noticiários é variável, entre os 3 e os 15 minutos; dependendo da hora de transmissão do noticiário, da quantidade de notícias que se pretendam incluir ou, por exemplo, da existência de um tema predominante que mereça mais tempo on air.

³³ Nuno Domingues foi, no período em que decorreu o meu estágio curricular, o editor dos noticiários da tarde informativa da TSF, tendo, portanto, acompanhado de perto o meu percurso enquanto estagiária.

³⁴ Apesar de raros, houve dias em que, por razões pessoais ou profissionais, o editor Nuno Domingues não pôde estar presente. Nesses dias, os noticiários foram editados/apresentados por outros jornalistas.

No chamado “desenvolvimento” do noticiário é frequente o lançamento de “peças” jornalísticas: nuns casos, o pivô, depois de revelar o mais importante, chama à emissão outros jornalistas para acrescentarem pormenores considerados relevantes (na gíria da redação diz-se que o jornalista foi “ler um papel”) e, por vezes, esta contribuição de outros jornalistas pode ter no meio excertos de entrevistas ou até de reportagens; noutras situações, pode ser o pivô a fazer entrevistas em direto, lançar reportagens ou excertos de entrevistas.

Os noticiários são hierarquizados. Tipicamente, a ordem em que os temas surgem na emissão rege-se pela importância que o editor atribui à informação a difundir. Por regra as notícias de abertura têm maior grau de importância e nas seguintes há um decréscimo. Na TSF, como na generalidade das emissoras, não funciona o ditado de que se deve “guardar o melhor para o fim” – pelo contrário. A explicação está no facto de os ouvintes nem sempre estarem disponíveis para ouvir os noticiários completos e no hábito de acederem logo no início, ou assim que possível, ao que de mais importante está a acontecer.

4. Os valores-notícia em rádio

Ao longo dos tempos, as sociedades foram-se desenvolvendo e com elas o conceito de jornalismo também se alterou. Muitas são as teorias sobre a história do jornalismo. Entre elas, há autores que defendem que o jornalismo terá surgido ainda na Antiguidade Clássica (Sousa, 2008, p.3); outros acreditam que o conceito só se desenvolveu a par da revolução na comunicação impulsionada pela invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV (Velho, 2009, p. 3); outros ainda situam o surgimento do jornalismo no final do século XVIII, com a Revolução Francesa – o chamado *jornalismo da iluminação* (Filho, 2000). Dennis de Oliveira (2005) apoia esta última teoria, defendida por Ciro Marcondes Filho (2000), reforçando que ainda antes da massificação da imprensa:

“O jornalismo [...] surge dentro do projeto iluminista, dentro da proposição de se constituir uma esfera pública independente do Estado. Por isto, a atividade jornalística, nos seus primórdios, teve um carácter revolucionário, de denúncia, de esclarecimento, de formação de ideias e fomentadora do debate público.”
(Oliveira, 2005, p. 1-2)

No final do século XIX, muitos foram os aspetos que transformaram o jornalismo no que ele é hoje. A imprensa ganhou uma dimensão quase massiva, como explica Jorge Pedro Sousa (2008, p. 4):

“O fenómeno jornalístico nasce no século XIX devido quer ao aparecimento de dispositivos técnicos, designadamente impressoras e rotativas, que permitiram a massificação dos jornais, quer à invenção de dispositivos auxiliares que facultam a transmissão da informação à distância (como o telégrafo e os cabos submarinos) e a obtenção mecânica de imagens - as máquinas fotográficas. Neste quadro, a necessidade de notícias permitiu a aparição das agências noticiosas internacionais, que tornaram o jornalismo o principal dispositivo enformador da “aldeia global”, segundo a metáfora de McLuhan.”

O jornalismo deixou de ser visto como uma atividade de cariz militante, transformando-se num empreendimento comercial. Esta mercantilização acentuou-se com o sistema de comunicação de massas (Oliveira, 2005, p.2).

“[...] O jornalismo de massa, apesar de fundado à luz de uma racionalidade que se pretende intersubjetiva, tem traços de uma indústria cultural com características bem vincadas do paradigma da produção refletidas na existência de normas específicas, escritas ou não, sobre a construção dos seus produtos, a escolha das suas matérias-primas e a preparação dos seus profissionais. Há um esquematismo dominante que está relacionado com as normas e hábitos que estruturam o funcionamento do campo jornalístico, e de cada jornal enquanto instituição social. São essas normas e hábitos que definem as rotinas produtivas de seleção, produção e confeção do produto noticioso, os comportamentos prescritos nas relações com as fontes e a socialização dos profissionais no interior do campo jornalístico.”
(Correia, 1998, p.1-2)

Com o surgimento do jornalismo de massas, o objetivo era chegar a todos os cidadãos, alterando-se, assim, as características inerentes à profissão jornalística.

“Neste contexto, o espetáculo constitui uma das formas pelas quais algum jornalismo se furta ao exercício da racionalidade e se centra na mera agradabilidade. [...] Esta transformação catalizou o surgimento do jornalismo como indústria dotada de regras de fabricação do produto às quais o lucro não é, de modo algum, alheia.”
(Correia, 1998, p.2)

Neste sentido, a dificuldade do jornalismo passou a estar relacionada com as pressões provocadas pelo consumo do público. Como argumenta João Correia (2008, p.3):

“A categoria do espetáculo, que se torna hegemónica na informação de massa, dá lugar ao puro consumo de mensagens. No produto mediático em geral, mas também no jornalismo em particular, o estilo como já vimos é determinado pela obsessão da acessibilidade psicológica. A informação e a sedução tornam-se perigosamente inseparáveis.”

É aqui que começam a convergir vários tipos de jornalismo direcionados para as exigências de cada tipo de público. Consequência dos interesses económicos

adjacentes à profissão surgiram dois grandes géneros diferenciadores que se mantiveram até aos nossos dias: os *Tabloids*³⁵ e os *Broadsheets*³⁶.

“For most organizations the primary goal is economic, to make profit. Other goals are built into this overarching objective, such as to produce a quality product, serve the public and achieve professional recognition.”
(Shoemaker & Reese *cit. in* Lima, 2008, p. 433)

Apesar deste reagrupamento por tipologia jornalística, também os meios de comunicação generalistas tiveram de se adaptar às novas exigências da atualidade, fortemente marcada pela inovação tecnológica e pelo surgimento de novas formas de comunicação (os chamados “novos *media*”). Como refere Jorge Pedro Sousa (2008, p. 193):

“Alguns [meios de comunicação] fazem vários suplementos segmentados (para a juventude, para a mulher, dedicados à economia, ao desporto, à cultura, satíricos, etc.), vendidos com a edição corrente ou à parte. Outros aprimoraram o seu tabloidismo, enquanto os diários “de qualidade” assumiram uma orientação mais interpretativa, cedendo, por exemplo, abundante espaço editorial a colunistas regulares (como acontece, em Portugal, com Pacheco Pereira, António Barreto, Miguel Sousa Tavares, etc.). Outros jornais desenvolveram um modelo informativo híbrido, como o português Jornal de Notícias. Apareceram, também, novas publicações de referência, quer pelo jornalismo em profundidade que praticam, quer pelo seu carácter interpretativo, que configura a “grande imprensa”, quer pelo impulso à investigação de iniciativa jornalística, quer mesmo, em alguns casos, pelo seu assumido alinhamento ideológico, como Le Monde (jornal, França, 1944), Le Nouvel Observateur (newsmagazine, França, 1964), Libération (jornal, França, 1973), [...] Expresso (jornal semanário, Portugal, 1973), Público (jornal, Portugal, 1990), etc.”

Com o surgimento do jornalismo cada vez mais especializado e preocupado com as exigências sociais, passou a ser o público o decisor do sucesso e do fracasso da atividade jornalística.

Neste sentido, a quem caberá o papel de escolher o que é ou não notícia? Por um lado, é o público que consome o produto final e, portanto, os meios de comunicação devem esforçar-se por satisfazer os seus interesses (Morin, 2007, p. 36). Por outro lado, é a comunicação social que tem esse poder em mãos e deve utilizá-lo respeitando sempre o código deontológico da profissão (Peixe, 2003, p. 131-132).

³⁵ Caracterizado por Ana Cláudia Gruszynski como o género “que começou a ser usado com os jornais sensacionalistas, o que por muito tempo associou a esse tamanho um carácter negativo” (Gruszynski, 2011, p.7). Este género recebeu ainda designações como “Penny Press”, “Yellow Journalism”, “Jazz Journalism”, “Tabloid TV” e “Internet Gossip” (Cohen, 2000, p.8).

³⁶ Caracterizado por Ana Cláudia Gruszynski como um género jornalístico de tipologia “*standard* [...] utilizado, por várias décadas, por publicações de todo o mundo e associado à ideia de periódico tradicional, rigoroso e sério.” (Gruszynski, 2011, p.7).

É aqui que surge a disparidade entre os conceitos “interesse público” e “interesse do público”.

“[...] o jornalismo atua, tanto sob os princípios do serviço público, quanto sob os interesses do negócio. Quando valoriza as notícias de importância social, está atuando como serviço público, oferecendo aquilo que o leitor precisa saber. Já as notícias com grande dose de “interesse” têm a função de satisfazer a curiosidade, preenchendo a necessidade de ‘diversão’ do público. Nesse caso, o jornalismo valoriza aquilo que o público está ávido em saber, mas não o que é útil ou importante para a sua vida em sociedade. É nesse espaço que pode atuar o aspeto do negócio, procurando atender ao ‘interesse do público’ em vez do ‘interesse público’.”
(Moreira, 2006, p.34)

Para refletirmos sobre o que é, ou não, considerado noticiável; é necessário, antes de mais, refletirmos sobre o conceito de jornalismo atual.

“A primeira questão que se coloca é que o jornalismo se referencia na veracidade das informações. (KUCINSKY, 2001 e 2005) Este é o seu ponto de partida o que o distingue radicalmente de outros produtos mediáticos, como as ficções, os shows, a publicidade e propaganda. A legitimidade do discurso jornalístico centra-se no fato de ele se referenciar na verdade. Isto dá ao jornalismo caracterizações específicas do campo ético, estético e metodológico. O jornalismo funda-se por pressupostos deontológicos específicos, por uma estética discursiva particular e por métodos de construção do seu discurso também particulares. São estes fundamentos que distinguem a atividade jornalística das demais produções mediáticas [...]”
(Oliveira, 2005, p. 3)

Feita a contextualização, abordaremos em diante somente questões relacionadas com o jornalismo informativo (que é o que mais importa para a realização deste trabalho). Pautado por princípios deontológicos como a objetividade, o rigor, a imparcialidade e a credibilidade (Meneses, 2003); o jornalismo informativo parece contornar as tentações inerentes ao consumismo, já anteriormente referidas neste trabalho. Como afirma João Correia (1998, p.4):

“Não esquecendo as inevitabilidades dos mecanismos de seleção e dos constrangimentos organizacionais que existem em todas as organizações jornalísticas o que importa é, no que respeita ao produto informativo, defender claramente que os contributos para uma formação da opinião pública esclarecida impõem algumas condições suscetíveis de serem fundadas apenas e só numa perspetiva normativa. É o caso da recusa da manipulação; da tentativa de obter informações completas e confirmadas sobre a matéria noticiável; da obrigação de proporcionar ao leitor informação adequada ao exercício esclarecido da cidadania; da rejeição do sensacionalismo que explora a emoção alheia; de suscitar a participação cívica em detrimento dos consumismos passivos suscitadas pela pura informação-espetáculo.”

Importa, então, perceber quais deverão ser os critérios de noticiabilidade. Definindo o conceito:

“Noticiabilidade é um conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar a notícia”
(Wolf, 1995, p. 175)

A quem caberá, nesse caso, a responsabilidade de controlar e gerir a quantidade e o tipo de acontecimentos a noticiar? E quais deverão ser os fatores que condicionam essas escolhas?

Para Gislene Silva, citando o autor Fernando Correia,

“[...] A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, diretor, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, [e] as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam sem as pensar (apud CORREIA: 133)”
(Silva, 2005, p. 96)

Desta maneira, sabendo que as decisões são tomadas numa reunião conjunta dentro da instituição jornalística e sendo amplamente condicionadas pelas informações que lhes chegam através de fontes de informação, pelas audiências e pela natureza cultural e literária envolvente; resta saber, quais os critérios de seleção das notícias. O porquê de se noticiar algo em detrimento de outras informações que seriam, igualmente, noticiáveis e saber que tipo de informação merece abrir os noticiários.

“ [Os valores-notícia] são critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final (...) e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que de ser omissivo, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público”.
(Wolf, 1995, p. 175-176)

Ao procurar informações e documentos literários sobre os critérios de seleção de notícias, é possível perceber que cada autor tem a sua própria opinião do que considera ser mais ou menos importante de ser noticiado. Apesar de não existir uma lista padrão de características, todas as qualidades parecem ser comuns. Gislene Silva traz-nos os critérios apresentados por Kaspar Stieler que, em 1695, defendia que:

“[...] Os redatores deveriam saber distinguir entre o que é importante e o que é comum; e apontava como valores explícitos a novidade, a proximidade geográfica, a proeminência e o negativismo [...]”
(Silva, 2005, p. 101)

Já em 1922, o autor Walter Lippmann elegeu como atributos essenciais:

“[...] clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal”
(Silva, 2005, p. 101)

Na falta de uma listagem única sobre critérios de noticiabilidade, tentarei sumarizar os critérios que parecem transversais a vários pensadores. Para Nelson Traquina (Traquina, 2002) e Pierre Bordieu (Junior, 2007), os valores para a seleção de notícias convergem em princípios comuns como a proximidade, a exclusividade, o escândalo, os conflitos e as controvérsias, o inesperado e a notoriedade.

O critério da **proximidade** traduz-se no interesse do público sobre aquilo que está mais perto de si. Neste campo, os meios de comunicação locais conseguem corresponder melhor a estas exigências. As notícias locais e nacionais, por norma, vêm sempre em primeiro lugar, só depois vem o internacional. No entanto, esta proximidade, para além da questão geográfica, poderá estar relacionada, também, com a “proximidade afetiva, [...] linguística, cultural, etc.” (Sousa, p.18).

A **exclusividade**, ou seja, dar as notícias em “primeira mão”. Um meio de comunicação que tenha um exclusivo de determinada informação irá querer transmiti-la em primeiro lugar. Normalmente, quando algo do género acontece, todos os outros meios de comunicação sentem-se obrigados a citar as fontes originais, o que resulta num aumento das audiências para a instituição jornalística que conseguiu o exclusivo.

O **escândalo**, os **conflitos** e as **controvérsias** são as chamadas notícias pautadas pela negatividade. Citando os autores Galtung e Ruge (1965), Jorge Pedro Sousa apresenta as “más notícias” como sendo sempre “boas notícias”, no sentido em que representam geralmente um aumento do interesse do público (Sousa, p.19). A violência, a morte, o crime são temas que frequentemente abrem os noticiários.

O **inesperado** representado pelas notícias pouco esperadas. Citando Sousa (p.19) “[...] um acontecimento inesperado mas de grande dimensão, como uma catástrofe natural, ou um acontecimento “escasso”, têm boas hipóteses de se tornar notícia”. Um exemplo de uma notícia deste tipo foi a prisão preventiva do ex-primeiro-ministro José Sócrates. Algo novo e que ninguém esperava.

A **notoriedade** traduz-se na prioridade de se noticiar informações respeitantes a personalidades mediáticas ao invés de anónimas ou com pouco reconhecimento do público em geral. Como refere Jorge Pedro Sousa, “[...] quanto maior for a proeminência social das pessoas envolvidas num acontecimento, mais probabilidades este tem de se tornar notícia” (Sousa, p.19)

Estes são, portanto, os critérios decisivos no momento da escolha das notícias, sejam elas notícias de abertura no “desenvolvimento” dos noticiários, ou não.

Apesar destes critérios de noticiabilidade serem comuns a qualquer meio de comunicação social, existem ainda outros mais específicos, que diferem consoante a plataforma de difusão. Sendo este trabalho resultante de um estudo sobre a plataforma radiofónica, torna-se imperativo dar relevo aos critérios de noticiabilidade que apenas o são em rádio (ou, não sendo somente importantes nesta plataforma, é nela que ganham uma dimensão determinante). Ao contrário de outras plataformas, onde as notícias seguem um alinhamento cronológico, para a rádio “a contagem cronológica é inimiga do jornalismo” (Meneses, 2003, p. 50). O critério fundamental no meio radiofónico é o critério **importância/interesse**, mesmo que isso desrespeite a temporalidade. Como João Paulo Meneses (2003, p.50) refere:

“Apenas é fundamental respeitar a sequência temporal quando isso for parte integrante da atualidade (o primeiro-ministro reage a uma declaração matinal do líder da oposição? É importante que os ouvintes percebam a sequência, mas pode ser no texto, porque o alinhamento dos sons deverá ser feito em primeiro lugar pelo mais atual/novo).”

Na TSF, este é o critério que mais peso tem na seleção das notícias. A prioridade é encontrar uma “cabeça” o mais estimulante possível, começando no papel do editor. Já no desdobramento da “peça” o que existir de importante tem sempre prioridade, por ordem decrescente (Meneses, 2003, p. 50).

Outro critério de seleção para a rádio, tem que ver com o **som**. O som é só por si um valor-notícia (Reis, 2012, p.2). Em qualquer emissora de rádio, a qualidade sonora é fundamental. No caso da TSF, como já foi referido anteriormente neste trabalho, cada notícia lançada pelo editor/pivô é quase sempre acompanhada por um som (na gíria designado por “RM”), que comprove e credibilize a informação que está a ser anunciada. Como João Paulo Meneses (2003, p.83) refere:

“O som pode desempenhar três funções básicas na informação radiofónica: informar, credibilizar e introduzir ritmo/emotividade.”

Para Isabel Reis (2012, p. 2) as características inerentes ao som são parte integrante na construção e avaliação da informação noticiada:

“O som da notícia é um valor-notícia, não significa isto que seja o principal ou o mais determinante na hora de avaliar o que é notícia ou o seu lugar na hierarquia de um noticiário, mas é verdade que o conteúdo, o seu impacto sonoro, a sua expressividade e a qualidade sonora são, muitas vezes, fatores que fazem parte do processo de avaliação de uma notícia.”

Enquanto estagiária na TSF apercebi-me que a utilização e a qualidade do som têm uma grande importância. Os sonoplastas da TSF e a utilização de aparelhos de gravação cada vez mais avançados permitiram uma notável melhoria sonora em relação ao que se fazia no passado. No entanto, o critério de importância/interesse mantêm-se como prioritários na seleção informativa, sendo aceitável, por exemplo, uma notícia de abertura apresentar-se sem sons ou com sons de qualidade inferior se se justificar. Como refere o autor João Paulo Meneses (2003, p.84):

“[...]A informação da TSF faz-se sem som apenas quando ele não é possível de obter (muita da atualidade internacional ou , investigações baseadas em “*offs*”) e, numa situação-limite, quando o som não tem qualquer utilidade. [...] Enquanto na televisão se promove ou se rejeita uma notícia por haver ou não imagem, na rádio não é o som que vai determinar se há ou não notícia, nem sequer o lugar no alinhamento”

Assente nos princípios de valor-notícia defendidos por Wolf (2009), Isabel Reis apresenta-nos ainda dois outros critérios de noticiabilidade mais específicos ao meio radiofónico, são eles a **frequência** e o **formato** (Reis, 2012, p. 2). Frequência tem que ver com a repetição de uma mesma notícia (embora com atualizações) nos vários horários noticiosos, já o formato tem que ver com “o limite temporal imposto pelos tempos predefinidos dos noticiários em conjunto com o tempo disponível para as outras notícias” (Reis, 2012, p. 2). Relativamente à frequência, a TSF aposta na constante atualização das notícias (se foi noticiado um acontecimento e houve mais desenvolvimentos, essa nova informação terá de ser transmitida ao ouvinte), portanto, a repetição informativa poderá ser constante nos noticiários da TSF, caso se considere necessário. João Paulo Meneses (2003, p. 79) confirma:

“A atualização é uma das mais fortes características da informação radiofónica. [...] A preocupação com a atualização e a contextualização resolvem dois problemas: renova a vida das informações que têm de ser retiradas por estarem há muito tempo na antena e ajuda os ouvintes a perceberem os conteúdos [...]”.

Relativamente ao formato, tal como já foi referido neste trabalho, os noticiários da TSF apresentam tempos de duração variáveis entre os 3 e os 15 minutos. No entanto, no que respeita ao tempo médio disponibilizado para cada notícia, não existe qualquer regra nesta estação. Como explica Nuno Domingues³⁷:

“Não há [nenhuma regra]. Mas há acima de tudo uma necessidade de quanto menos tempo se gastar a explicar uma história melhor.”

³⁷ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

Capítulo III – As aberturas no “desenvolvimento” dos noticiários da TSF

5. As escolhas na abertura de noticiários da TSF

“[...] de todas aquelas [notícias] que eu escolhi já com estes critérios [de noticiabilidade], aquela que eu acho que pode dizer mais ao ouvinte é aquela que eu vou escolher para a frente. [...] A [notícia] mais atual. A última notícia. Aquela que vai surpreender mais o ouvinte, é aquela que eu vou escolher para pôr primeiro. Às vezes, essa primeira notícia não tem necessariamente de ser a mais importante, mas é a mais nova. E, às vezes, em duas linhas, a notícia mais nova acaba por surpreender. Causar um impacto no ouvinte e por isso é que ela é posta lá.”
(Nuno Domingues)³⁸

Os critérios apresentados pelo editor Nuno Domingues correspondem aos critérios de noticiabilidade partilhados pela maioria dos editores na redação da TSF. Na estação, a regra é a de que as notícias que abrem os “desenvolvimentos” dos noticiários da estação são sempre aquelas que poderão ter maior significado para o ouvinte, tendo em conta uma reflexão que atende ao valor-notícia nos termos espelhados no capítulo anterior. Para além deste critério, também o fator “novidade” deverá ser noticiado em primeiro lugar. Nos noticiários TSF, e na maioria das estações radiofónicas, a informação considerada com maior substância é colocada em posição de destaque (no caso da rádio, a posição de destaque é a notícia de abertura),

5.1 As aberturas nos “desenvolvimentos” dos noticiários da TSF

Para a realização deste trabalho, foram analisadas as notícias de abertura dos noticiários das 16, 18 e 20 horas da TSF, entre o dia 7 de abril de 2015 e o dia 30 de junho de 2015. Como forma de análise, debrucei-me sobre três aspetos distintos: o discurso, a estrutura e o conteúdo.

5.1.1 Aspetos discursivos

³⁸ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

No período temporal e nos horários supramencionados, os noticiários da TSF são marcados pela utilização frequente da *polifonia* de vozes (Bakhtin, 2008)³⁹. Nuno Domingues, editor dos noticiários da tarde, durante este período recorreu a diferentes discursos, entrevistas e sons de diversos atores para reforçar a informação por ele noticiada, não apenas nas notícias de abertura mas, também, na generalidade das notícias incluídas no noticiário. Pude presenciar, durante o estágio curricular, esta procura constante por sonoridades ou participantes, que comprovassem a veracidade das informações que chegavam à redação. Na TSF o rigor e a credibilidade são aspetos fundamentais, mesmo tendo a hipótese de lançar uma notícia em “primeira mão”. Tal como afirma João Paulo Meneses (2003, p.264):

“É fundamental garantir a capacidade de corrigir os erros cometidos e contrariar a célebre frase de Balzac, segundo o qual “para um jornalista, tudo o que é provável é verdadeiro”. Em nome do valor mais importante que existe no jornalismo, a credibilidade!”.

Outro princípio na redação da TSF é o *pluralismo*, ou seja, a abordagem das várias partes envolvidas (Meneses, 2003, p. 264). É comum nos noticiários da estação ouvir-se vários intervenientes e explorar-se todos os ângulos possíveis. Sempre que existem opiniões divergentes (o chamado contraditório), a regra é apresentá-las. Manuel Acácio explica que esta regra se aplica porque o jornalista da TSF não se preocupa em apresentar a “sua verdade”, mas um leque de opções diferentes ao ouvinte:

“A minha opinião tem de ser: ‘este tema é importante, então o que eu quero é discutir este tema e abrir uma série de janelas para este tema e ouvir uma série de opiniões’. Para o ouvinte lá em casa pensar ‘eu pensava que isto era preto mas afinal... e a minha mulher pensava que era branco e afinal... não é preto, nem é branco. É cinzento.’ E dentro dos cinzentos ainda há uma série de tons. É esse o meu objectivo. Às vezes acho que tenho uma análise muito clínica das coisas e não estou ali a defender a minha verdade. Neste caso a minha verdade é o jornalismo e tentar fazer bom jornalismo. E ter esse desprendimento de estar a entrevistar o senhor A político ou o senhor A qualquer coisa, com quem eu até estou de acordo, mas eu tenho de lhe fazer as perguntas que têm de ser feitas e não ter vergonha de fazer essas perguntas nem me sentir ofendido por as fazer. Isso não me provoca sequer problemas de consciência, muito pelo contrário.”
(Manuel Acácio)⁴⁰

Esta abordagem também é aplicada na construção de “peças”, sempre que possível. Quanto mais intervenientes e/ou ideias diferentes existirem mais completa será a “peça” jornalística. Isso veio a verificar-se em todos os trabalhos que apresentei ao

³⁹ Na perspetiva Bakhtiniana, entende-se por *polifonia* “a multiplicidade de vozes equipolentes, as quais expressam diferentes pontos de vista acerca de um mesmo assunto” (Bakhtin, 2008, p. 4, 38-39).

⁴⁰ Citação do jornalista Manuel Acácio, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 3.

longo do estágio. A título de exemplo, na “peça” sobre o corte de arvoredo na zona de Lisboa⁴¹, tentei o contacto com diversos intervenientes, entre eles, presidentes da junta de freguesia, o vereador da Câmara Municipal de Lisboa, associações de proteção ambiental, entre outras entidades com posições contra e a favor.

Esta *polifonia* de vozes também encontra justificação nas teorias existentes sobre o tempo que o ouvinte permanece com escuta ativa, já referidas anteriormente neste trabalho⁴². É importante existir uma grande diversidade de vozes para que a atenção se mantenha o máximo tempo possível, uma vez que, tal como explica Nuno Domingues:

“[...] enquanto na televisão a imagem está a passar e fixa em permanência a atenção das pessoas, em rádio o único truque que temos é a nossa voz e a mensagem que estamos a transmitir. E a nossa voz se ficar muito tempo no ar, sempre a dizer a mesma coisa, sempre no mesmo tom, a coisa não corre bem. [...] Tem de haver diferenças de tons de voz, diferenças de vozes, protagonistas diferentes, registos diferentes, para que a atenção do ouvinte não se torne monocórdica.”
(Nuno Domingues)⁴³

Quanto ao léxico, o jornalista recorre-se da *denotação* (Castro, 1973, p.132)⁴⁴, ou seja, a utilização das palavras no seu sentido real, norma básica na produção de conteúdos radiofónicos.

No que respeita à *modalização* do discurso (Koch, 1984, p. 138)⁴⁵, ainda que se trate de uma análise ao discurso jornalístico utilizado por Nuno Domingues nas notícias de abertura, é possível encontrar algumas expressões demonstrativas da relação que o editor tem (ou não tem) com o que noticia.

“A construção da credibilidade pelo jornal, por um lado, e a confiança do leitor, por outro, são, então, facetas de um acordo tácito, primordial para a existência do próprio discurso jornalístico. Para que isso ocorra, o jornalista deve obedecer a determinadas convenções ao relatar os fatos. Assim, além do emprego da 3ª pessoa, da voz passiva e de outros recursos gramaticais que também simulam o afastamento do sujeito, os julgamentos, quando ocorrem, devem ser balizados por informações precisas de dados, resultados de pesquisas que os sustentem. A construção desse distanciamento do sujeito que enuncia e do parecer verdadeiro do discurso enunciado

⁴¹ Ver anexo 16.

⁴² Ver página 18 e 19.

⁴³ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

⁴⁴ Eduardo Viveiros de Castro faz a distinção entre os conceitos *denotação* e *conotação*. Para o autor, a “estrutura denotativa, em si, permitirá apenas uma leitura descritiva que explicita o contexto”, quanto ao “nível da conotação, ou da enunciação (e não mais do enunciado, como na primeira estrutura) não pode ser objeto de uma descrição objetiva, ele exige uma interpretação” (1973, p.132).

⁴⁵ Para o autor Ingedore Koch, modalizadores são “todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso” (1984, p. 138).

não passam, então, de simulacros, como dissemos, já que ao produzir o enunciado, o enunciador necessariamente deixa suas marcas disseminadas pelo discurso, ou seja, a enunciação, entre outros procedimentos, ‘deitiza e modaliza o enunciado’ (Fontanille, Zilberberg, 2001, p. 252), deixando pistas recuperáveis pela análise.” (Gomes, 2008, p.208)

Analisando as notícias de abertura, nos meses de abril, maio e junho de 2015, em busca de “pistas recuperáveis” (ibid., p. 208) deixadas por Nuno Domingues, é possível concluir que a *modalização epistémica* (Peixoto, 2012)⁴⁶ é o tipo de modalização recorrente nos noticiários. Dentro da categoria da modalização epistémica, a *modalização epistémica estrita positiva* (Peixoto, 2012) é a mais utilizada, uma vez que esta corresponde “ao certo, grau máximo da assunção da relação predicativa modalizada” (Peixoto, 2012, p. 6). Tal conceito é possível de verificar no exemplo seguinte:

“Está, em definitivo, aprovado o relatório final da comissão parlamentar de inquérito aos bancos e ao Grupo Espírito Santo. [...]”
(Notícia de abertura do noticiário das 16 horas, do dia 29 de abril de 2015)

Embora escassos os casos, também é possível encontrar alguns exemplos de *modalização epistémica estrita negativa* (Peixoto, 2012), sendo esta “correspondente ao incerto, grau mínimo de asserção da relação predicativa” (Peixoto, 2012, p. 6). Exemplo disso é o excerto da notícia seguinte:

“As ruas de Baltimore continuam cheias de gente, pessoas que aparentemente estão a preparar-se para mais uma noite de violência. A polícia está a vigiá-las atentamente. [...]”
(Notícia de abertura do noticiário das 20 horas, do dia 28 de abril de 2015)

Quanto à questão da referência deíctica⁴⁷ Nuno Domingues utiliza a *deixis espacial* e a *deixis temporal* (Serrano, 2006). A *deixis espacial* é acentuada pela valorização das notícias a nível nacional, em detrimento das notícias com enfoque internacional. A explicação para este fator é a importância das notícias de proximidade. O público tem

⁴⁶ Entende-se por modalização epistémica “a categoria gramatical que marca o conhecimento que o Sujeito Enunciador possui em relação a um dado estado de coisas construído. Nesse tipo de modalidade, constroem-se enunciados com valor de asserção estrita positiva, de asserção estrita negativa ou de asserção nula” (Peixoto, 2012, p.6).

⁴⁷ O autor Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 48) define deícticos como: “(...) las unidades lingüísticas cuyo funcionamiento semántico-referencial (...) implica tomar en consideración algunos de los elementos constitutivos de la situación de comunicación, saber: - el papel que desempeñan los actantes del enunciado en el proceso de la enunciaci3n. - la situaci3n espacio-temporal del locutor y, eventualmente, del alocutario”

mais interesse em saber o que se está a passar perto de si, ao invés de querer saber o que se está a passar longe e, por isso mesmo, os meios de comunicação social constroem as notícias de forma a corresponder a esta condição. Tal como explica Pedro Pinheiro:

“Morrerem três pessoas aqui na rua, não é o mesmo que morrerem três pessoas numa estrada da Sibéria. Essas são as regras mãe do jornalismo, não tem a ver somente com a rádio. A questão da proximidade é uma coisa muito importante.”
(Pedro Pinheiro)⁴⁸

Para Nuno Domingues o critério principal é a importância aliada à proximidade que as notícias têm com o ouvinte. Para o editor dos noticiários da tarde, esta proximidade não tem que ver necessariamente com a localização mas sim, com as notícias que vão ter mais impacto na vida do ouvinte TSF:

“Se nós estamos a trabalhar para um público, para um target específico, por exemplo para a população que anda de carro, se há uma informação de trânsito, a proximidade é essa informação de trânsito.”
(Nuno Domingues)⁴⁹

No entanto, Nuno Domingues não desvaloriza a importância que a proximidade local tem na construção dos noticiários, admitindo que mesmo as notícias territorialmente distantes se relacionam, muitas das vezes, com a população portuguesa:

“[...] também tem a ver com o local, o nacional e só depois o global. Mas se o internacional, naquele momento, for: ‘A Grécia foi abaixo’, então o tema global naquele momento passou a ser local porque isso vai ter um impacto na nossa carteira.”
(Nuno Domingues)⁵⁰

Já a *deixis temporal* reflete-se na necessidade de utilizar verbos no presente do indicativo, tal como é regra na escrita para rádio. Analisando as notícias de abertura, no período referido, é, praticamente, inexistente a utilização de verbos no futuro.

5.1.2 Análise estrutural

Os noticiários da TSF têm uma estrutura formal elástica. Como refere Luís Bonixe (2007, p.19):

⁴⁸ Citação do subdiretor da TSF, Pedro Pinheiro, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 2.

⁴⁹ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

⁵⁰ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

“Esta flexibilidade decorre do próprio sistema de programação adotado, uma vez que funciona como uma espécie de espaço aberto, com poucos limites temporais quando se trata de emitir informação.”

Embora não tenha encontrado qualquer exemplo no meu estágio, percebi que é possível existirem noticiários com apenas uma notícia, com a exploração de todos os ângulos possíveis. Não há, portanto, um número obrigatório de notícias a incluir; o critério passa por aproveitar o tempo disponível. Na rotina da estação da TSF os editores procuram respeitar os tempos previstos para a duração dos noticiários, como explica Nuno Domingues:

“Nós fixamos tempos. [...] Nós aqui temos noticiários de três minutos, de dez minutos e de quinze minutos.”
(Nuno Domingues)⁵¹

Apesar de ser esta a regra praticada na estação, existem momentos pontuais onde, por razões de atualidade informativa, os noticiários possam ser ampliados, diminuídos ou até suprimidos⁵².

No que ao tempo de duração das notícias de abertura diz respeito, os editores da TSF nem sempre estão vinculados ao espartilho de tempo. A notícia de abertura nem sempre é a notícia que maior tempo de emissão ocupa num noticiário. Analisando as notícias de abertura neste intervalo de tempo, a duração variou entre os 2 minutos e 21 segundos, no noticiário das 16 horas do dia 15 de junho de 2015, e os 18 minutos e 36 segundos, no noticiário das 18 horas do dia 21 de maio de 2015.

5.1.3 Análise de conteúdo

Com um total de 170 notícias de abertura analisadas, concluí que a TSF deu importância a um vasto leque de temas, conforme comprovam as tabelas abaixo (Tabela 2 e 3). Para a elaboração desta análise de conteúdo, procedi à classificação temática das notícias. Com base na leitura de outros estudos sobre análise de conteúdo, recorri aos mesmos princípios utilizados por Carla Cruz (2008, p. 5-7) e por Nuno Goulart Brandão (2005) para elaborar as tabelas temáticas apresentadas de seguida. Para Carla Cruz (2008), é estritamente necessário fazer a distinção espacial dos

⁵¹ Citação do jornalista Nuno Domingues, retirada da entrevista disponível para consulta no Anexo 1.

⁵² Exemplos de acontecimentos mediáticos, que possam justificar esta elasticidade no tempo dos noticiários ou na sua supressão são: a ocorrência de um jogo de futebol na hora do noticiário, a ocorrência de debates políticos ou discursos importantes, uma notícia de última hora com grande impacto para os ouvintes, entre outros exemplos.

acontecimentos informativos. Neste sentido, a primeira variável a apresentar é a variável “Espaço”, com o “objectivo de medir a proporção com que aparecem representados geograficamente os nossos serviços informativos, quer a nível nacional como internacional, que constituem, em termos metodológicos, as nossas categorias de análise: 1. Nacional; 2. Internacional” (Cruz, 2008, p. 8). Dentro desta classificação espacial, importa também criar uma divisão “macro-espacial”, definindo as regiões e/ou continentes, “para podermos chegar a valores estatisticamente mais significativos” (Ibid). Analisando as notícias de abertura dos “desenvolvimentos” dos noticiários TSF, no período supramencionado, apresenta-se de seguida a Tabela “Espacial”⁵³, com a respectiva divisão “macro-espacial”:

	ABRIL	MAIO	JUNHO	TOTAL
Nacional	36	44	48	128
Porto e Norte	3	5	5	13
Centro	1	0	1	2
Lisboa e Vale do Tejo	7	5	11	23
Alentejo	1	1	1	3
Algarve	0	0	1	1
Ilhas dos Açores e da Madeira	0	0	0	0
Todo o país	21	21	15	57
Não específica / Não aplicável	4	12	16	32
Internacional	15	15	20	50
Europa	12	10	18	40
Ásia	3	1	1	5
África	4	0	1	5
Oceânia	0	0	0	0
América	1	3	0	4
Todo o mundo	1	4	1	6
Não específica / Não aplicável	0	0	0	0

Tabela 1 – Divisão "Espacial" e respectivos "Macro-espacos"

⁵³ Nas notícias de abertura em que se verificou a referência a dois ou mais espaços em simultâneo, a classificação incidiu, respetivamente, nesses dois ou mais espaços. Por exemplo, numa notícia de abertura sobre Lisboa e Madrid, classificou-se, simultaneamente, no espaço “Nacional – Lisboa” e “Internacional – Europa”.

Como se pode observar na Tabela 1, o espaço “Nacional” (com um total de 128 notícias) é o mais recorrente nas notícias de abertura, em comparação direta com o espaço “Internacional” (com um total de 50 notícias); comprovando assim a importância que as notícias de proximidade têm no espaço informativo.

Para o autor Natalício Norberto, a questão da proximidade espacial é um fator decisivo na construção das notícias, uma vez que:

“[...] o leitor prefere tomar conhecimento de um fato pequeno, mas próximo, do que outro, mais importante, porém, ocorrido a quilómetros de distância”
(Norberto, 1969, p. 24)

Tal como já foi referido anteriormente, uma das características essenciais para uma notícia estar provida de valor-notícia é o facto do acontecimento noticiado estar relacionado com o público territorialmente.

Relativamente aos “macro-espacos”, no espaço “Nacional”, existe um maior número de notícias abrangendo o território nacional na sua plenitude (57 notícias); no entanto, quando é feita a distinção territorial, “Lisboa e Vale do Tejo” é a região mais noticiada (num total de 23 notícias). Quando os noticiários abrem com notícias internacionais, o continente europeu é o que apresenta maior relevância (contabilizando um total de 40 notícias de abertura).

Quanto à divisão temática das notícias de abertura, seguindo os mesmos critérios de Carla Cruz (2008) e Nuno Brandão (2005), optei por criar a variável “macro-temas”, “com o objectivo de conhecer o *temático* mais visível nos blocos noticiosos” (Cruz, 2008, p.7); e a variável “micro-temas”, de forma a “conhecer com maior pormenor a representação dos diferentes assuntos tratados pelos vários sectores temáticos” (Ibid)⁵⁴. Apresenta-se de seguida a Tabela 2, relativa aos macro-temas das notícias de abertura durante os meses de abril, maio e junho de 2015:

⁵⁴ Tal como aconteceu na variável “Espaco”, também nesta divisão temática se procedeu à classificação de uma mesma notícia em vários “macro-temas” e/ou “micro-temas” em simultâneo. Por exemplo, num discurso de Paulo Portas, onde o vice primeiro-ministro critique o plano macro-económico do Partido Socialista, questionando as ideias sobre a segurança social e as políticas de reforma; a classificação incidirá sobre o macro-tema “Política” e sobre os micro-temas “Discurso”, “Políticas Sociais” e “Políticas Económicas”.

Macro-temas	ABRIL	MAIO	JUNHO	Total de notícias analisadas na soma dos três meses
Economia	6	15	15	36
Saúde	1	2	3	6
Educação	1	1	1	3
Justiça	3	6	9	18
Segurança	5	11	11	27
Política	22	25	23	70
Sociedade	22	14	13	49
Ciência/Tecnologia	1	1	0	2
Média	5	3	2	10
Religião	0	0	0	0
Desporto	4	7	13	24
Serviços	11	11	18	40
Total de notícias analisadas por mês	49	57	64	170

Tabela 2 – Macro-temas

No que às temáticas diz respeito, a “Política” é o macro-tema com maior peso nas notícias de abertura, contabilizando um total de 70 notícias nos três meses analisados. Este facto explica-se, não só pela validade indiscutível que o tema “Política” representa como valor-notícia, mas também pelo horário em que todos os noticiários ocorreram. O horário da tarde, compreendido entre as 14 horas e as 20:30 horas, é um horário propenso a discursos políticos, visitas e eventos de personalidades do mundo político, entrevistas, campanhas, reuniões, tomadas de posse, entre outros acontecimentos. Enquanto estagiária, apercebi-me que, em outros horários, nomeadamente nos horários da manhã, os repórteres de exterior cobrem uma maior quantidade de eventos sociais, como por exemplo greves e manifestações. Enquanto isso, os repórteres da tarde e da noite tendem a cobrir mais eventos a nível político, económico e desportivo.

Quanto aos macro-temas com menor visibilidade nas notícias de abertura, os temas “Religião”, “Ciência”, “Educação” e “Saúde” são os que surgem com menor

frequência. O macro-tema “Religião” tem uma percentagem inexistente de visibilidade nas notícias de abertura. Relativamente aos outros três temas menos abordados, considero que, assim o são, uma vez que são temas com maior expressão como micro-temas inseridos dentro do macro-tema “Política”. Ou seja, existe uma maior percentagem de notícias de abertura sobre políticas de educação e de saúde, em comparação com a percentagem de notícias a sobre escolas, saúde ou avanços científicos. As notícias sobre políticas sociais têm consequências maiores na vida dos ouvintes. No entanto, importa fazer a ressalva que, embora com menor destaque nas notícias de abertura, estes foram temas abordados no “desenvolvimento” dos noticiários.

Com base nestes três meses de análise, foi possível concluir que os noticiários da TSF apresentaram uma grande diversidade temática.

Para uma análise mais pormenorizada sobre as notícias de abertura, no período selecionado, apresenta-se de seguida a tabela com os micro-temas, de forma a compreender, também, se a dispersão dentro dos temas principais é uniforme ou disforme:

Micro-temas	ABRIL	MAIO	JUNHO	TOTAL
Economia				
Consumo	1	0	2	3
Produção	0	0	0	0
Comércio	1	0	1	2
Gestão empresarial	4	11	7	22
Negócios	1	3	10	14
Bolsas	0	0	1	1
Análise económica	0	4	4	8
Saúde				
Pública	1	2	3	6
Privada	0	0	0	0
Gestão/Administração	0	1	2	3
Educação				
Pública	0	1	1	2

Privada	0	1	1	2
Ensino pré-escolar	1	0	1	2
Ensino básico	0	0	1	1
Ensino secundário	0	0	1	1
Ensino universitário	0	0	0	0
Gestão/administração	0	1	1	2
Justiça				
Detenção	0	0	2	2
Processos em Tribunal	3	6	7	16
Julgamento	2	0	0	2
Prisão	1	0	1	2
Liberdade	0	0	0	0
Segurança				
Catástrofes Naturais	1	0	0	1
Terrorismo	0	2	4	6
Acidente	2	0	3	5
Guerra / Conflitos	2	4	0	6
Paz	0	0	0	0
Avisos à população	0	3	4	7
Gestão/Administração	0	2	2	4
Política				
Parlamento	4	1	2	7
Debate	0	0	3	3
Discurso	6	7	5	18
Políticas sociais	7	9	7	23
Políticas económicas	8	5	5	18
Acordos e contractos	2	4	9	15
Eleições	9	5	3	17
Outros	0	2	1	3
Sociedade				
Perfil	2	3	6	11
Morte	4	0	3	7
Greves	11	5	1	17
Manifestações	0	1	1	2
Emigração/ Imigração	4	1	0	5

Comemorações	2	1	2	5
Outros	4	4	2	10
Ciência/Tecnologia				
Inovação científica	0	0	0	0
Investimento	0	0	0	0
Gestão / Administração	1	1	0	2
Média				
Televisão	5	3	1	9
Rádio	3	2	1	6
Imprensa	3	2	1	6
Novos Média	2	0	1	3
Religião				
Religiões do mundo	0	0	0	0
Desentendimentos	0	0	0	0
Entendimentos	0	0	0	0
Discursos	0	0	0	0
Desporto				
Futebol	3	6	8	17
Judo	0	0	2	2
Taekwondo	0	0	1	1
Basebol	1	0	0	1
Tênis	0	1	0	1
Tênis mesa	0	0	2	2
Gestão / Administração	0	6	7	13
Outros	0	0	0	0
Serviços				
Público	11	7	11	29
Privado	1	2	11	14
Transportes	10	9	13	32
Comércio	1	0	1	2
Restauração	1	0	0	1
Turismo	0	2	3	5
Cultura / Entretenimento	0	1	4	5

Tabela 3 - Micro-temas

Conforme a Tabela 3, no que ao macro-tema “Economia” diz respeito, os assuntos mais noticiados são os de “Gestão Empresarial” e “Negócios”, com um total de 22 e 14 notícias, respetivamente. Dentro do macro-tema “Saúde”, a saúde pública é aquela que merece maior destaque. Na “Educação”, a atenção dada aos vários sectores é uniforme. Relativamente às notícias de abertura sobre “Justiça”, o destaque recai sobre as novidades, mudanças e avanços sobre os processos que estão a decorrer em tribunal, contabilizando um total de 16 notícias de abertura. Sempre que o tema “Segurança” merece destaque nas notícias de abertura do “desenvolvimento” dos noticiários, existe uma igual dispersão entre os avisos à população (nomeadamente sobre o trânsito ou o mau tempo), informações sobre conflitos e ataques terroristas. Dentro do tema “Política”, as “Políticas Sociais” são as mais noticiadas (23 notícias, no decorrer dos três meses em análise), seguido das “Políticas Económicas” (com um total de 18 notícias), dos discursos políticos (igualmente com 18 notícias) e, a importância dada às campanhas eleitorais (contabilizando um total de 17 notícias). No tema “Social”, as “Greves” tiveram grande destaque (17 notícias de abertura), uma vez que esta foi uma altura marcada pela greve dos pilotos da TAP, num período interrupto de 10 dias. Este acontecimento marcou as aberturas dos noticiários da tarde da TSF, não só no decorrer destes 10 dias, mas, também, nos dias que se seguiram, com a análise do impacto que esta intervenção significou na vida dos cidadãos e na economia do país. As notícias de abertura sobre “Ciência” incidiram sobretudo na “Gestão/Administração” científica (2 notícias). Relativamente ao tema “*Média*”, sempre que noticiados, a visibilidade recaiu sobre os meios de comunicação tradicionais (destacando-se a Televisão, com um total de 9 notícias), em detrimento dos novos meios de comunicação social (3 notícias). No “Desporto”, a informação é marcada pelo “Futebol” (com 17 notícias) e pela “Gestão/Administração” desportivas (com 13 notícias). Nas notícias de abertura sobre “Serviços”, os “Serviços Públicos” (totalizando 29 notícias) apresentaram maior destaque em comparação com os “Serviços Privados” (14 notícias), e o sector dos “Transportes” (32 notícias) foi o que maior relevância teve, dado o elevado número de greves no sector, que existiram neste período.

Capítulo IV – O estágio na TSF

6. O começo

Durante os meses de abril, maio e junho fui acolhida pela redação da tarde da TSF, constituída inicialmente por 6 pessoas – Nuno Domingues, editor dos noticiários das horas e coordenador de toda a equipa da tarde; Gabriela Batista, segunda editora, com a responsabilidade de editar os noticiários das meias horas; Sandra Pires, produtora; e as repórteres Isabel Meira, Joana de Sousa Dias e Raquel de Melo. Ao longo dos três meses a equipa foi mudando, tanto por questões pessoais, inerentes aos próprios jornalistas, como por questões de gestão de equipas e de horários. Neste sentido, pela equipa da tarde passaram também jornalistas como Ana Cristina Henriques, Vítor Rodrigues Oliveira, Rita Costa e Miguel Videira. Já no final do mês de junho a equipa da tarde pode contar, também, com a colaboração de uma nova jornalista, vinda do grupo concorrente Media Capital, a jornalista Joana Carvalho Reis.

Na TSF, existem cinco turnos diferentes, sendo todos eles rotativos – o turno da manhã 1, das 04:00 às 11:00 horas; o turno da manhã 2, das 09:00 às 16:00 horas; o turno da tarde, das 14:00 às 21:00 horas; o turno da noite, das 19:00 às 02:00 horas e, por fim, o turno da madrugada, das 00:00 às 06:00 horas. Entre cada turno existe sempre um intervalo de duas horas onde as duas equipas se encontram para que possam fazer a chamada “passagem de serviço”. Nesta transição, os jornalistas do turno anterior transmitem informações imprescindíveis para que os jornalistas que vão assegurar as próximas horas informativas possam saber o material que têm para trabalhar, nomeadamente, os assuntos do dia, entrevistas que se tenham feito, “peças” que tenham ou não ido para o ar, contactos e pesquisas já feitas, entre outros. É também neste período que se reúne o turno que vai entrar ao serviço. No turno da tarde, a reunião tinha lugar todos os dias, por volta das 14:20 horas (mais minuto, menos minuto), e era este o espaço indicado para que toda a equipa pudesse discutir ideias. Nesta hora dedicada à reunião, o editor Nuno Domingues fazia um resumo da agenda diária, de forma a decidir-se quais iriam ser os assuntos a serem noticiados nesse dia e a distribuição das tarefas para cada um dos elementos da equipa. Esta reunião era o espaço indicado para sugerir trabalhos e ideias. Desde o início que senti apoio por parte

da equipa para que explorasse contactos e temas interessantes. No meu primeiro dia como estagiária deram-me a conhecer, para além de todos os jornalistas e técnicos com quem iria trabalhar, todos os espaços e materiais que iria utilizar. Aprendi a utilizar o programa de edição de som da TSF – o *Dalet* – ferramenta que se veio a verificar essencial em todos os trabalhos que fiz; a Intranet TSF onde poderia consultar a agenda diária, informações importantes deixadas pelos diferentes turnos e a base de dados de contactos TSF; os sistemas de gravação para reportagens e diretos – *Marantz* e *Lucy*; microfones; auriculares; cabos para a captação de som; e por último, de que forma se processa a captação de sons quando temos alguém ao telefone.

7. As principais responsabilidades

Na primeira reunião que tive na TSF, com o diretor Paulo Baldaia, para acertar detalhes sobre o estágio curricular, foi-me explicado o que iria fazer ao longo do estágio. As minhas principais responsabilidades seriam acompanhar a equipa dos noticiários da tarde, não só no ambiente de redação e preparação dos noticiários como também, o acompanhamento exterior dos repórteres. O objectivo do estágio era, sobretudo, aprender a trabalhar numa estação radiofónica. Todos os meus trabalhos iriam ser supervisionados mas sem o objectivo de serem emitidos. A TSF não tem por regra publicar o trabalho dos estagiários, pois considera que o estágio curricular se trata de um processo de aprendizagem académica. Apesar disso, ficou a advertência de que se na fase final do estágio, com todos os conhecimentos já adquiridos, fosse de minha vontade e da dos editores publicar algum dos meus trabalhos, isso poderia acontecer⁵⁵.

As minhas principais tarefas eram principalmente dar apoio à redação da tarde. No início, a principal função era a de estar atenta às principais páginas de informação *online*, aos *takes* das agências noticiosas e aos noticiários dos principais canais de televisão do mundo, de forma a dar conta das eventuais atualizações informativas. Também me era pedido que ouvisse os noticiários de outras estações, nomeadamente da Antena 1 e da Rádio Renascença, para garantir que não estávamos a perder notícias ou pormenores no acompanhamento da atualidade. Com o avançar do tempo no estágio comecei também a fazer telefonemas e a gravar pequenas entrevistas que fossem

⁵⁵ Tal como veio a ocorrer. Ver anexo 20.

necessárias, tanto para garantir excertos de declarações que seriam posteriormente passadas nos noticiários, como para complementar “peças” em que estivesse envolvida. Quando os repórteres saiam para fazer a cobertura jornalística de algum acontecimento, tornou-se habitual acompanhá-los, para aprender mais sobre o trabalho no exterior da redação e sobre as regras básicas de utilização do material de reportagem (nomeadamente na captação de sons para que pudesse, também eu, editar e trabalhar na construção de “peças”).

Conclusões finais

Com o presente relatório de estágio, propus-me analisar as aberturas dos “desenvolvimentos” dos noticiários da TSF, no período compreendido entre abril, maio e junho de 2015. Para esta análise, recorri não só à análise documental que considere pertinente para este estudo (nomeadamente, obras de referência literária, trabalhos académicos e artigos científicos), mas, também, da experiência pessoal proporcionada pelo estágio curricular, no período indicado.

Inicialmente, o meu objectivo de estudo era estabelecer uma relação entre os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do primeiro ano do curso de mestrado em jornalismo e a realidade que se vive nas redações. Queria perceber de que forma é que os jornalistas lidam com a informação que lhes chega, de que forma é efetuada a seleção dessa mesma informação e a posterior construção dos noticiários. Os ensinamentos teóricos que adquiri serviram de base para que pudesse analisar criticamente toda a informação recolhida ao longo do estágio.

A conclusão a que cheguei foi a de que os jornalistas da TSF se mantêm fiéis às regras básicas do jornalismo. Na TSF, a regra é fazer sempre a confirmação de todas as informações que chegam à redação⁵⁶. Os editores preferem deixar “cair”⁵⁷ uma notícia, mesmo que com grande impacto mediático, a transmiti-la sem saber se a mesma é válida ou não⁵⁸. Existe na redação um grande respeito pelo ouvinte. Toda a informação é cuidadosamente selecionada e escrita numa linguagem simples⁵⁹, evitando criar “ruído” e interpretações erróneas⁶⁰. Outra característica de maior relevo é a importância da atualização⁶¹. Se algo de importante ou que possa interessar ao ouvinte está a acontecer, mesmo fora da hora prevista par os noticiários, essa informação é sempre transmitida de imediato pelo animador. A relação entre jornalistas e ouvintes foi outra das particularidades que mais me surpreendeu na redação. A preocupação que os jornalistas da TSF têm com os ouvintes é retribuída pela forma como os ouvintes interagem com a redação. São frequentes os telefonemas de ouvintes a qualquer hora do dia a dar conta de ocorrências, que eventualmente

⁵⁶ Conforme concluí, na página 28.

⁵⁷ Na gíria, deixar “cair” uma notícia significa retirá-la do alinhamento do noticiário.

⁵⁸ Conforme concluí, na página 28.

⁵⁹ Conforme analisado, na página 18.

⁶⁰ Referências a “ruído”, na página 21.

⁶¹ Conforme concluí, na página 37.

possam interessar aos jornalistas. O ouvinte TSF tem uma voz ativa, não só em antena mas também através da página *online*.

No que à análise dos noticiários diz respeito, não fiquei surpreendida com as informações que recolhi. Relativamente à análise de conteúdo⁶², não fiquei surpreendida, dado o contexto mediático que se verificou no período de análise. A supremacia de notícias nacionais, em comparação com as internacionais⁶³, explica-se pelo critério de proximidade e importância, já refletidos no ponto número 4 deste trabalho⁶⁴. O macro-tema “Política” foi o que recebeu maior destaque⁶⁵, perceptível pelo período pré-eleições legislativas que marcou estes três meses de estágio. Estes foram, também, meses marcados pela ocorrência de várias greves no sector dos transportes, principalmente a greve dos pilotos da TAP, numa altura em que se negociavam as condições de compra e venda da companhia aérea portuguesa – fator que permitiu influenciar quantidade de notícias sobre “Serviços-Transportes”. O caso judicial relativo a José Sócrates, também marcou a atualidade informativa neste período, o que justificou a maior relevância do macro-tema “Justiça” na análise de conteúdo da abertura dos noticiários.⁶⁶

Considero que este estágio foi fundamental como complemento ao meu percurso académico, visto que pude aliar todos os conhecimentos que adquiri ao longo do mestrado com as práticas jornalísticas utilizadas no dia-a-dia de uma redação. Para além disso, pude, também, partilhar as preocupações com que se deparam, muitas vezes, os jornalistas de uma rádio informativa. Concluí que tudo o que aprendemos, em teoria, deve sempre servir de referência na prática jornalística. No entanto, dependendo das situações, há momentos onde se contornam esses mesmos procedimentos (veja-se o exemplo, que referi anteriormente, da confiança depositada numa fonte de informação que revelou à TSF o nome do novo presidente da equipa de futebol do Sport Lisboa e Benfica, recuando depois, quando a notícia já teria sido transmitida⁶⁷). Outras dificuldades surgiram, também, resultantes da falta de um “livro de estilo” TSF. Os contributos de João Paulo Meneses (2003), em *Tudo o que se passa na TSF...para um “livro de estilo”*, foram essenciais para o esclarecimento de muitas

⁶² Ver página 43.

⁶³ Informação disponível para consulta através da análise da “Tabela 1”, na página 44.

⁶⁴ Ver páginas 35 e 36.

⁶⁵ Informação disponível para consulta através da análise da “Tabela 2”, na página 46.

⁶⁶ Informações disponíveis para consulta através da análise da “Tabela 3”, nas páginas 47, 48 e 49.

⁶⁷ Ver página 28.

questões que surgiram. No entanto, seria necessário complementar toda a informação já disponibilizada pelo autor, com os problemas atuais da redação. Por exemplo, casos como as traduções para português de nomes próprios⁶⁸ ou, até mesmo, a dição correta de certas palavras⁶⁹, seriam facilmente resolvidos com a existência de um manual oficial próprio da estação.

⁶⁸ Ver exemplo sobre as dificuldades originadas pela tradução do nome da filha de Kate e William, nas páginas 26 e 27.

⁶⁹ Ver exemplo sobre a falta de consenso na adoção de uma única dição para o nome Julen Lopetegui, nas páginas 23 e 24.

Referências Bibliográficas

Monografias

Arnheim, R. (1980) *Estética Radiofónica*. Barcelona, Gustavo Gili.

Bakhtin, M. M. (2008) *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Campenhoudt, L. V. & Quivy, R. (1995) *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 4ª ed. Paris, Dunod.

Cohen, D. (2000) *Yellow Journalism - Scandl, Sensacionalism, and Gossip in the Media*. Brookfield, Twenty-First Century Books.

Crisell, A. (1994) *Understanding Radio*. Routledge, London.

Ferraretto, L. A. & Klöckner, L. (2010) *E o rádio? Novos horizontes midiáticos*. Porto Alegre, Edipucrs.

Kerbrat Orecchioni, C. (1986) *La enunciación de la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires, Librería Hachette.

Koch, I. G. V. (1984) *A argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez.

Marcondes Filho, C. (2000) *A saga dos cães perdidos*. São. Paulo, Hacker.

Meditich, E. (1999) *A Rádio na era da Informação*. Minerva, Colec. Comunicação, Coimbra

Meneses, J. P. (2003) *Tudo o que se passa na TSF...para um “livro de estilo”*. Porto, Jornal de Notícias.

Morin, E. (2007) *Cultura de Massas no século XX*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Norberto, N. (1969) *Jornalismo*. Editado pelo autor.

Ortriwano, G. S. (1985) *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. Summus Editorial.

Porchat, M. E. (1989) *Manual de radiojornalismo Jovem Pan*. 2ª ed.. São Paulo, Ática.

Prado, E. (1989) *Estrutura da informação radiofônica*. Trad. Marco Antônio de Carvalho. Vol. 35. São Paulo, Summus Editorial.

Santos, H. (2008) *Manual de Jornalismo Radiofónico*. Lisboa, Cenjor.

Serrano, M. J. (2006) *Gramática del Discurso*. Ediciones Akal.

Traquina, N. (2002) *O que é jornalismo*. Lisboa, Quimera.

Wolf, M. (1995) *Teorias da comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

Trabalhos académicos

Brandão, N. G. (2005) *O Telejornais da Televisão Generalista Portuguesa: importantes encontros quotidianos com a actualidade e para a construção social da realidade*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa, ISCTE.

Lima, H. L. D. (2008) *Os Diários Portuenses e os Desafios da Atualidade na Imprensa: Tradições e ruturas*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade do Porto. [Internet] Disponível em <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25675/2/tesedouthelenalima000104548.pdf>> [Consult. Novembro 2015]

Macedo, A. S. (2008) *O papel do jornalismo desportivo na hegemonia do futebol - Observações e reflexões de um estágio no diário desportivo O Jogo*. Relatório de Estágio. Universidade do Minho. [Internet] Disponível em <[file:///C:/Users/User/Downloads/TESE%20FINAL%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/TESE%20FINAL%20(1).pdf)> [Consult. Outubro 2015]

Magalhães, B. (2014) *As potencialidades da internet no jornalismo digital – Jornal de Notícias vs Diário de Notícias*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. [Internet] Disponível em <[file:///C:/Users/User/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20B%C3%A1rbara%20Magalh%C3%A3es%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20B%C3%A1rbara%20Magalh%C3%A3es%20(1).pdf)> [Consult. Outubro 2015]

Moreira, F. B. (2006) *Os valores-notícia no jornalismo impresso: Análise das “características substantivas” das notícias dos jornais Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Globo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [Internet] Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf?sequence=1>> [Consult. Novembro de 2015]

Oliveira, J. P. S. (2012) *Da Rádio para a Televisão: A produção de conteúdos em linguagens e formatos distintos*. Relatório de Estágio, Universidade do Minho. [Internet] Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23389/1/Jo%C3%A3o%20Pedro%20Silva%20Oliveira.pdf>> [Consult. Outubro 2014]

Teixeira, M. J. C. (2001) *A Linguagem Radiofónica: O caso da Rádio Fundação*. Dissertação de Licenciatura, Universidade Fernando Pessoa. [Internet] Disponível em <[file:///C:/Users/User/Downloads/MONO_5501%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/MONO_5501%20(1).pdf)> [Consult. Novembro de 2015]

Artigos científicos

Bonixe, L. (2007) O dispositivo informativo na Rádio – Temas e estrutura do noticiário radiofónico português. *Tema Central, Comunicação e Educação - Educar para os*

Média. Escola Superior de Educação de Portalegre. Janeiro, pp.16-24. [Internet] Disponível em <[file:///C:/Users/User/Downloads/aprender%2031%20-%20a4%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/aprender%2031%20-%20a4%20(3).pdf)> [Consult. Outubro 2015]

Bonixe, L. (2009) “Da expressividade sonora ao multimédia – percursos do jornalismo radiofónico português”, comunicação apresentada no 6ºSopcom em Lisboa, Actas Digirtais do Congresso. [Internet] Disponível em <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/396/391> [Consult. Outubro 2015]

Castro, E. V. (1973) Resenha Bibliográfica. In Matta,R., Pinto, M., Neves, A., Lima, A., Rodrigues, J. e Mendonça, A. ed. *Arte e linguagem*, Petrópolis, Editora Vozes, pp. 131-133.

[Internet] Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v14n6/v14n6a12.pdf>> [Consult. Novembro 2015]

Correia, J. (1998) Jornalismo regional e cidadania. Universidade da Beira Interior. [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-jornalismo-regional.pdf>> [Consult. Novembro 2014]

Cruz, C. I. S. S. (2008) A desconstrução do jornal. Uma análise metodológica para a desmontagem dos noticiários televisivos. VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais: Saberes e Práticas. Universidade Nova de Lisboa. 25 a 28 de junho de 2008, série: 490. [Internet] Disponível em <www.aps.pt/vicongresso/pdfs/490.pdf> [Consult. Novembro 2015]

Esteves, A. & Azevedo J. (1998) Metodologias qualitativas para as Ciências Sociais. Instituto de Sociologia, Faculdade Letras, Universidade do Porto.

[Internet] Disponível em <<file:///C:/Users/User/Downloads/nobracompletametodologias000121580.pdf>> [Consult. Novembro 2014]

Gomes, R. S. (2008). A modalização em reportagens jornalísticas. Rio de Janeiro, Diadorim, v. 4, pp. 207-221. [Internet] Disponível em <<file:///C:/Users/User/Downloads/149-552-1-PB.pdf>> [Consult. Novembro 2015]

Gruszynski, A. C. (2011) A forma que (in)forma: o projeto gráfico do jornal impresso na contemporaneidade. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [Internet] Disponível em <http://www.researchgate.net/publication/261437732_A_forma_que_%28in%29forma_o_projeto_grfico_do_jornal_impresso_na_contemporaneidade> [Consult. Novembro 2015]

Meditsch, E. (1995) Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica. Universidade Federal de Santa Catarina. [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-meias-verdades.pdf>> [Consult. Outubro 2015]

Oliveira, D. (2005) Jornalismo, mídia e esfera pública: dimensões da ação ideológica. Sessão de Temas Livres do XXVIII Congresso da Intercom. [Internet] Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63880071583213862887193586110156567229.pdf>> [Consult. Novembro 2014]

Peixe, J. M. V. (2003) Os direitos fundamentais das pessoas e a Comunicação Social. Belo Horizonte, Revista Mediação, nº3 – junho, pp. 126-144. [Internet] Disponível em <www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/viewFile/235/232> [Consult. Novembro 2015]

Peixoto, C. M. (2012) Modalidade e estratégias argumentativas em artigos de opinião no Brasil e em Portugal. *Revista InterteXto* v.5, n.2. [Internet] Disponível em <<file:///C:/Users/User/Downloads/318-1684-1-PB.pdf>> [Consult. Novembro 2015]

Reis, I. (2012) “Soundbite nas cibernotícias das rádios: um estudo sobre a duração e função do áudio nos conteúdos jornalísticos na Internet”. *Revista Prisma.Com*, 17: 1 - 11.

[Internet] Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/2019/pdf> [Consult. Novembro 2015]

Silva, G. (2005) Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol II Nº1 Sociologia do Jornalismo*. [Internet] Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5931/5402> [Consult. Dezembro 2014]

Sousa, J. P. (2008) Os Estudos Jornalísticos após 1950: a consolidação de um campo científico. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo., Biblioteca *OnLine* de Ciências da Comunicação. [Internet] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-estudos-jornalisticos-apos-1950.pdf> [Consult. Novembro 2015]

Sousa, J. P. (2008) Uma história leve do jornalismo no Ocidente. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. [Internet] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> [Consult. Novembro 2015]

Velho, A. P. M. (2009) O Jornalismo e a Infografia dos Veículos Impressos como Textos da Cultura. Universidade Estadual de Maringá - Centro Universitário de Maringá. [Internet] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-velho-jornalismo-infografia.pdf> [Consult. Novembro 2015]

Páginas online

Página da TSF- Rádio Notícias. [Internet] Disponível em www.tsf.pt [Consult. Outubro 2015]

Documentos Legislativos

Decreto-Lei nº 239/2001. D.R. II Série. 37(2001-02-13) 3016. Também disponível em:
<<https://dre.pt/application/file/3169500>> [Consult. Outubro 2015].

Anexos

**Anexo 1 – Entrevista a Nuno Domingues – Editor da Equipa da Tarde
(19/06/2015)**

Quais os critérios principais na construção de um noticiário?

O critério principal é importância, e depois jogando com a proximidade. Proximidade é a proximidade com o ouvinte mas não tem que ser proximidade espacial. Tem a ver com a proximidade do ouvinte relativamente a determinado assunto.

Mas por sermos de Lisboa, as notícias que damos não estão também mais relacionadas com Lisboa?

Sim... [As notícias] podem ter a ver com Lisboa, mas também têm a ver com o assunto ser mais próximo daquele ouvinte no sentido de dizer mais aquele ouvinte. Se nós estamos a trabalhar para um público, para um target específico, por exemplo para a população que anda de carro, se há uma informação de trânsito, a proximidade é essa informação de trânsito. A importância jogada com a proximidade. Mas sim, também tem a ver com o local, o nacional e só depois o global. Mas se o internacional, naquele momento, for: “A Grécia foi abaixo”, então o tema global naquele momento passou a ser local porque isso vai ter um impacto na nossa carteira.

E, quais são os critérios de seleção das notícias de abertura?

Aqui o critério é o mesmo, ou seja, de todas aquelas [notícias] que eu escolhi já com estes critérios, aquela que eu acho que pode dizer mais ao ouvinte é aquela que eu vou escolher para a frente. Com uma especial relevância, nem toda a gente faz isso mas eu pessoalmente gosto de puxar para a frente o mais novo. A [notícia] mais atual. A última notícia. Aquela [notícia] que vai surpreender mais o ouvinte é aquela que eu vou escolher para pôr primeiro. Às vezes, essa primeira [notícia] não tem necessariamente de ser a mais importante, mas é a mais nova. E, às vezes, em duas linhas, a notícia mais nova acaba por surpreender. Causar um impacto no ouvinte e por isso é que ela é posta lá.

Porque se uma notícia, embora importante, foi dada sempre no decorrer dos noticiários da manhã, não faz sentido ser a notícia de abertura nos noticiários da tarde...

Mesmo que seja muito importante, pode ser ultrapassada na ordem por uma outra menos importante que é mais recente. O que pode acontecer é, numa marcha de atualidade onde há uma notícia muito forte e que ocupa muito espaço na atualidade, essa notícia vai sendo refrescada, vai tendo novidade e então permanece sempre na frente.

Algo que costumamos utilizar muito nos noticiários é a expressão “já lá vamos”... Nesse caso, qual é a notícia de abertura? A que se deu em primeiro lugar e depois se retoma ou a segunda?

A notícia de abertura é aquela que é mesmo a notícia. O que eu costumo fazer é um *tease*. É mais chamar a atenção. Lá está, é um desses casos... há uma notícia que está a marcar a atualidade, há desenvolvimentos nessa notícia mas apesar de tudo há uma notícia nova que merece ser destacada. Como eu vou estar a contar uma história durante uma parte importante do noticiário, a hipótese do ouvinte que não está ligado aquela notícia saltar é grande, então, em vez de perder o ouvinte naqueles cinco minutos e depois não o recuperar, o que eu faço é dizer “eu vou falar de uma coisa muito importante, você por acaso não tem interesse nenhum nisto, mas vai ter interesse na outra notícia que eu vou dar daqui a pouco.” Isto tem a ver com uma técnica que na animação de rádio se utiliza muito que é o de ir falando sempre naquilo que se vai fazer a seguir, precisamente para prender o ouvinte. Ou seja “daqui a pouco vai poder ouvir a música tal, para já Xutos e Pontapés” e fazer sempre “daqui a pouco a entrevista de tal, para já a música tal”... Explicando sempre ao ouvinte o que vai acontecer a seguir, para ele saber que mesmo aquilo que ele vai ouvir agora não lhe interesse, se calhar a seguir já vai interessar. A técnica é essa.

Em regra qual é o tempo ideal de um noticiário?

Depende da rádio. Nós fixamos tempos. Eu acho que há teorias sobre isso, o tempo que o ouvinte permanece atento àquilo que está a ser dito na rádio. Porque enquanto na televisão a imagem está a passar e fixa em permanência a atenção das pessoas, em rádio o único truque que temos é a nossa voz e a mensagem que estamos a transmitir.

E a nossa voz se ficar muito tempo no ar... sempre a dizer a mesma coisa... sempre no mesmo tom... a coisa não corre bem. Não sei qual é o limite. Nós aqui temos noticiário de três minutos, de dez minutos e de quinze minutos. O que não pode acontecer é haver noticiários de dez minutos sem sons. Tem de haver diferenças de tons de voz, diferenças de vozes, protagonistas diferentes, registros diferentes, para que a atenção do ouvinte não se torne monocórdica. Ou seja, tem de haver sempre ali coisas que vão fixando o ouvinte. Há rádios que só têm palavra, não têm música. E aí eles têm de ter um truque para manter os ouvintes.

O tempo do noticiário deve ser repartido pelas notícias de igual forma ou não há regra para isso?

Não há. Mas há acima de tudo uma necessidade de quanto menos tempo se gastar a explicar uma história melhor. Mas também não se pode cair em exageros porque se demorarmos pouco tempo e não contarmos a história aí não há vantagem. Portanto temos de contar bem a história. Depois a arte está em tornar a história mais curta tendo lá o essencial.

Como caracterizas a TSF?

A TSF criou uma escola, portanto o que se faz na TSF hoje em dia não é a origem da escola. Nesse sentido a TSF é a rádio das notícias. Continua a ser a rádio das notícias. As pessoas que veem para cá trabalhar, veem com a ideia de que veem trabalhar para a rádio das notícias. Eventualmente, já há outras rádios também a fazer esse trabalho mas esta continua a ser a rádio das notícias. Quem quiser ouvir notícias, preferencialmente escolhe a TSF. E quem quiser trabalhar em notícias, preferencialmente vem à TSF. Eventualmente isto já não é hoje assim, porque depois já tem a ver com a forma como as pessoas são remuneradas, se se tem condições para trabalhar melhores ou piores. Hoje em dia, se calhar, já há outros órgãos onde há outros meios para trabalhar. Mas o ideário que faz as pessoas chegarem à TSF é isso: a rádio das notícias. Admito que hoje essa já não seja a meta principal de uma carreira, não sei, se calhar já nem toda a gente pensa da mesma maneira, mas aqui há uns anos era. Há uma década a TSF era a rádio onde toda a gente queria trabalhar. Quem faz jornalismo de rádio tem aqui um espaço que não existe em mais lado nenhum. Já não tem tanto espaço como tinha há 15 anos mas continua a ter esse espaço.

Tudo o que se passa, passa na TSF...

Já não estamos no fim da rua, já não estamos no fim do mundo mas sim... são um conjunto de frases que sintetizam muito o espírito que se vive aqui na TSF.

Anexo 2 – Entrevista a Pedro Pinheiro – Subdiretor da TSF (02/07/2015)

Quais os critérios principais na construção de um noticiário?

Há um critério matriz que é o critério novidade que deve ser prioridade. Depois há um critério terrível, subjetivo, que é pormo-nos na cabeça das pessoas que estão lá fora e tentar imaginar qual é a notícia que interessará ao maior número de pessoas. Não há outro caminho mas é uma coisa muito subjetiva. E às vezes ainda tens um terceiro critério que é “eu tenho aqui uma reportagem que é um exercício de rádio perfeito, é uma reportagem linda, ótima, bem feita, com tudo, merece destaque” e já me aconteceu tomar essa opção, por exemplo fazer uma falsa abertura com “já vamos falar da Grécia, o referendo é domingo, onde temos o nosso enviado especial, mas antes ouça esta pérola que eu tenho aqui para lhe dar. E nem é exatamente a notícia mais importante mas é uma coisa plasticamente muito bem feita, que é uma “peça” de rádio imaculada. Eu editei durante 20 anos e o critério matriz é esse, o que interessa ao maior número de pessoas, aquilo que é mais notícia se é que se pode dizer assim, o critério novidade como é óbvio. Dizer que há um critério fechado não há. Esses são os dois critérios mãe mas depois há mil e uma coisas mais subjetivas que tem a ver com a qualidade das “peças”, com a qualidade de uma entrevista, com a relevância de um som. Não há exatamente um critério fechado mas eu diria que há à volta disto tudo um alinhamento ou aquilo que deve ser um alinhamento.

E o mesmo critério aplica-se à escolha da notícia de abertura?

O mesmo se aplica à escolha da notícia de abertura.

E aí também vale a questão da proximidade?

Tudo o que acontece em teoria vale. Morrerem três pessoas aqui na rua, não é o mesmo que morrerem três pessoas numa estrada da Sibéria. Essas são as regras mãe do jornalismo, não tem a ver somente com a rádio. A questão da proximidade é uma coisa muito importante.

A notícia de abertura é sempre a mais importante?

Deveria ser. Mas a notícia mais importante para mim pode estar muito longe da notícia mais importante para ti. É sempre muito subjetivo. A notícia de abertura é na ótica do editor a mais importante, depois de avaliar tudo o que tem, depois de avaliar o que é que lá fora será mais apetecível ouvir, isso determina a escolha. Agora, por muito perfeito que seja o seu raciocínio por muito que tenha levado em conta todos os fatores nunca se poderá dizer que aquela é a notícia mais importante. É para o editor a notícia mais importante, sim isso pode dizer-se. Ele escolheu, pensou, avaliou tudo e para ele essa é a notícia mais importante. Mas é um ‘mais importante’ muito relativo. Já tenho uns anos de jornalismo, 20 dos quais a editar noticiários, e até ao último noticiário que editei e o próximo que editar terei sempre dúvidas quando me sento à frente do computador. Depende muito do editor, eu por exemplo partilhava sempre as minhas angústias com a minha equipa e muitas das vezes optei por notícias de abertura que não eram a minha opção, mas se eu tenho a minha equipa de cinco pessoas a dizer que devemos ir por aqui... Às vezes torna-se um exercício um bocadinho democrático.

Há quanto tempo fazes parte da TSF?

Na TSF estou desde 2000.

E como é que caracterizas esta casa?

A TSF de hoje não é a TSF que nasceu em 1989. É uma coisa completamente diferente. O mundo mudou, o negócio mudou, as condições são outras. É impossível comparar a rádio que se faz hoje em 2015 na TSF, com o que se fazia em 1989. É um exercício que eu acho que é de todo impossível de fazer, por vários motivos. Continua a ser a única rádio privada da europa que faz 24/24 horas notícias, com tudo o que isso implique. E continua a ter uma característica que não se perdeu desde 1989 até hoje: por mais louca que seja a tua ideia, por mais absurda que possa parecer, esta casa nunca corta as asas à criatividade de ninguém. E eu espero que tenhas uma carreira longa no jornalismo e verás que isso é uma coisa muito importante no jornalismo, a liberdade de criar. Não há constrangimentos nenhuns. Tu já passaste connosco aqui um tempo, és uma pessoa atenta, tu nunca viste nenhum diretor chegar ali e dizer ‘não, não abres com esta notícia, abres com aquela. Não devias fazer assim, devias fazer assado.’ A liberdade é total. Se as pessoas utilizam a liberdade ou não utilizam isso é outra conversa. Se me perguntassem a mim o que é que eu mais enfatizaria destes anos, o que é que mais me agrada aqui, e não estou a falar enquanto diretor, estou a falar

enquanto jornalista, eu diria a liberdade para criar. Ninguém te colocar amarras, antes pelo contrário. Darem-te gás, ‘sim avança, se calhar isso não vai dar mas sim, tenta, leva a ideia em frente, vamos ver se chegamos a algum lado!’ . Eu não encontro isso em mais lado nenhum e como calculas tenho muitos amigos jornalistas. Amigos não, que eu não gosto de ter amigos jornalistas. Mas conheço muitos jornalistas e isso não é muito comum. Portanto, se me pedisses a característica que eu mais amo, se é que se pode dizer assim, é essa. Indubitavelmente. Depois já não passa tanto por quem aqui trabalha, mas por quem nos paga. A loucura de fazer subsistir num país pequenino como este uma rádio de informação, privada, que vive de publicidade, quando nós sabemos que fazer informação é que é caro. Fazer uma rádio gira discos é extremamente barato e muito mais rentável e isso é o pior. Podermos ter tido, ao longo destes 25 anos, patrões, acionistas e tudo o que lhes queiramos chamar, que suportaram este sonho, esta loucura, enfim... não sei muito bem como é que ei-de caracterizar. Para mim, enquanto jornalista, saúdo. Não posso deixar de saudar. Olhando para o lado, percebendo aquilo que está a acontecer em muitos sítios agora. Claro que a rádio tem problemas, hoje somos cerca de metade dos jornalistas que a faziam nem sequer há 25 anos. Talvez há 10 ou 15 anos. Também temos que dizer que essa liberdade criativa é uma liberdade criativa condicionada no sentido em que tem que ser aplicada às condições financeiras que existem. Esta foi uma rádio que nos 500 anos do descobrimento do Brasil, no ano de 2000, mandou seis pessoas para o Brasil, quatro jornalistas e dois técnicos. Esta era a rádio que mandava dois ou três jornalistas para um jogo de futebol no estrangeiro, e isso mudou. Isso acaba por condicionar um bocadinho a capacidade de criação. Dito de outra maneira, tens de adaptar essa liberdade de criação aos constrangimentos financeiros que existem hoje. Mas também te vou contar uma das coisas que mais gostei de fazer... Esta também foi a rádio que no ano passado, na comemoração dos 40 anos do 25 de Abril, teve a loucura de simular uma ocupação na rádio. A rádio foi ocupada por um grupo de teatro mas sem nenhum jornalista saber, sabiam dois ou três. Portanto é uma rádio que ainda consegue fazer esse tipo de coisas e surpreender, que é uma coisa cada vez mais difícil neste mundo altamente concorrencial em que as televisões vampirizam quase tudo. O que eu acho mais bonito na nossa profissão é isso. O poder pensar, poder criar, ter liberdade para isso. Eu vou dar-te um exemplo, não há aquele sentimento de ‘Ena! Outra vez uma manifestação da CGTP’”. A cobertura pode sempre fazer-se de uma maneira diferente. Há sempre um ângulo diferente. Claro que dá um bocadinho de trabalho, criar dá um

bocadinho de trabalho. É como aquela frase ‘1% de inspiração, 99% de transpiração’. A ideia da ocupação, há um ano e pouco, surgiu assim: ‘25 de Abril vamos ocupar isto! É isso! É isso que vamos fazer!’. Depois vem o trabalho todo e o ‘vamos ocupar porquê? Ocupamos em nome da palavra e do direito à palavra!’. Foi uma coisa muito ao jeito da TSF mas a calcar fronteiras perigosas. Estávamos numa espécie de “Guerra dos Mundos” de Orson Welles. Começou lá em baixo com uma manifestação que teve o diretor a ser entrevistado (e ele sabia disso), depois vê-los a entrar... Foi uma coisa que acabou com toda a gente a chorar, ninguém estava à espera. Mas sim, regressando à resposta à tua pergunta, o que mais admiro na TSF é isso. Outra característica mais formal é o facto de a TSF ser uma rádio de notícias privada. Pública é uma coisa diferente, é uma coisa muito mais simples de fazer. E não é por acaso que os dois projetos, primeiro a rádio central.fm, que foi um projeto que tentou concorrer com a TSF, e depois o Rádio Clube Português fecharam a porta. É porque este não é um projeto fácil de suportar.

Qual foi o momento mais marcante no teu percurso pela TSF?

Das coisas que mais gostei de fazer aqui, não dei a cara nem a voz por elas. Estive sempre nos bastidores. A ocupação no ano passado foi uma delas. O ter programado os 20 anos da TSF no Porto, com uma edição no topo da Torre dos Clérigos. São coisas que me deram um gozo tremendo e eu nem apareci. A emissão foi na Torre dos Clérigos e com o jingle da TSF tocado no carrilhão. Portanto, consegui várias coisas maravilhosas. Mas o momento mais marcante, para quem sempre quis fazer rádio, e para quem sempre fez rádio, para quem sempre sonhou um dia vir cair na TSF, foi o primeiro noticiário. Sem dúvida. Enquanto simbolismo, porque se me perguntares que notícias é que dei nesse noticiário já não me lembro. Mas no sentido simbólico, no sentido de chegar à radio onde sempre quis chegar, sim talvez o primeiro noticiário. Não foi a melhor coisa que eu fiz, a que mais me orgulhou, mas se é a mais marcante? Sim.

Qual é que é o futuro desta estação?

A sua plataforma será seguramente muito diferente. Avizinham-se mudanças tecnológicas profundas na captação da rádio. Acho que no dia, e esse dia não está longe, em que todos os carros vierem equipados com um terminal de internet e já não for preciso um emissor para chegar aos ouvintes, isso vai ser outra revolução na

história da rádio. No dia em que já não precisarmos de uma emissora para sermos ouvidos, potencialmente podemos ser ouvidos em todo o mundo. Mal comparada a rádio é como os gatos, tem sete vidas. Apareceu a televisão e a rádio morria e não morreu, depois as televisões privadas e a rádio morria e não morreu, depois apareceu a internet e a rádio não morreu. Portanto eu quero acreditar que ainda sobram mais algumas vidas à rádio. E, ao contrário do aparecimento da televisão, das coisas que gostaste em teoria, em que se anteviu essa mudança como mais um prego no caixão da rádio, essa mudança dos carros passarem a ter internet vais servir como um “tira pregos”. E essa é uma tecnologia que já podia existir hoje, porque não estamos sequer à espera que se invente uma forma de isso acontecer, não. Isso já está inventado, só ainda não existe porque não interessou, ainda não percebi a quem, se a quem faz automóveis, se a quem vende internet. Mas isso vai acontecer em brevíssimo trecho e eu acho que nessa altura a rádio vai dar um pulão. É muito importante que aproveite isso e é muito importante que aproveite essa plataforma da internet. Nós hoje já temos um bocadinho disso, ainda que nos obrigue a ter um computador. Não te consigo dar números com rigor, mas a maior parte dos nossos amigos no Facebook estão fora do país. Temos muitos no Brasil, em Angola, em Espanha... Tudo isso são barreiras que se derrubaram. Agora há outra coisa muito importante que é continuar a haver padrões que acreditem num negócio destes, e isso não é fácil. Não é fácil sustentar um projeto destes. Uma rádio informativa não dá dinheiro. Espero que continuem a haver investidores capazes de segurarem a rádio e espero que a rádio não perca o comboio desta mudança tecnológica.

Que conselho darias aos futuros jornalistas?

Não te quero fazer elogios fáceis mas que tenham um bocadinho o espírito que eu pude observar ao longe teu. A curiosidade, a vontade de fazer melhor, vontade de aprender. Eu acho que isso não é um exclusivo dos jornalistas mas é muito importante que não percas a capacidade de aprender, de ser corrigido e de aceitar uma crítica mesmo que não concordes com ela e a contestes. E eu escolho isto porque acho que é uma coisa cada vez mais rara nas redações. Eu tenho muitas saudades das redações onde toda a gente gritava, onde existia aquela loucura nas redações, aquele estereótipo que eu ainda o vivi. Assusta-me imenso quando entro aqui de manhã e está tudo um sossego tremendo, para mim é horrível isso, não consigo viver com isso. São os momentos que mais vontade me dá de voltar a editar são esses, não propriamente por

editar mas por fazer barulho e dar aqui a volta. Mas estou a ser politicamente correto porque acho que o primeiro conselho que eu daria era para que não sigam esta profissão. Depois nunca perder a capacidade de questionar. Ter sempre curiosidade e questionar sempre. E outra coisa muito importante que se tem vindo a perder: um jornalista não trabalha das 9h às 16h, um jornalista é sempre jornalista. Imagino que seja como um bombeiro, não é? Um bombeiro mesmo não estando de serviço, se alguém precisar de ajuda, ele ajuda. Acho que devemos ser sempre jornalistas. Mas não no sentido de ‘deixa-me estar atento para mandar aqui uma noticia’, não é isso. É no sentido de olhar o mundo com olhos de jornalista. É muito importante saber como anda o mundo. Durante algum tempo fiz a pré-seleção dos estagiários aqui na TSF e fazia-me uma enorme confusão as pessoas não saberem o que é que se estava a passar no mundo, o que é que se estava a passar no país. A primeira coisa que eu perguntava era: ‘então hoje o que é que está a dar na rádio? Os jornais o que é que dizem?’ e ninguém tinha lido um jornal, ninguém tinha ouvido rádio, ninguém tinha visto televisão, ninguém sabia nada. Às vezes um rapaz ou outro que tinha comprado a Bola. E depois também ter a noção que o mundo não nasceu ao mesmo tempo que nós, é muito importante ter esse histórico. Nós aqui somos um bocadinho como médico de família, tanto estamos a fazer uma coisa de desporto, como de economia, como de política, e é importante não se ser surpreendido com nada. Claro que pode haver sempre algo que desconheces, não era sequer admissível saberes tudo. Mas o principal, saber onde estamos, para onde vamos e o que está a acontecer.

Anexo 3 – Entrevista a Manuel Acácio – Chefe de redação (03/07/2015)

Há quanto tempo fazes parte da TSF?

Desde o início. Faço parte do grupo inicial dos miúdos que fizeram o curso de formação de jornalistas da TSF. A TSF arrancou em 1988, o curso foi em 1987, eu faço parte dessa pré-fofnada e estou no projeto desde o início. Sou um dos miúdos fundadores da rádio com uma série dos melhores profissionais da rádio que existia na altura e que nos enquadraram a nós miúdos.

Como é que caracterizas a TSF?

A TSF é a minha casa. É uma rádio de informação. É uma rádio, como nós dizemos num dos nossos *spots*, a rádio que mudou a rádio. A rádio antes da TSF era uma coisa e depois da TSF passou a ser outra coisa. As coisas evoluem, não somos o mesmo projeto que éramos no arranque mas mantivemos o essencial. Continuamos a ser uma rádio de informação, uma rádio de jornalistas que busca fazer uma informação séria, rigorosa, estando atentos às necessidades das pessoas e ao que as pessoas querem. Hoje somos muito mais que uma rádio de notícias de meia em meia hora, que foi aquilo que éramos quando surgimos. Claro! Tínhamos a grande entrevista feita pelo Emídio Rangel na altura e aos poucos os comentários do professor Marcelo, mas a rádio é hoje muito mais do que isso. No essencial, faço aqui a redundância, mantém-se o essencial. No que é essencial somos a mesma rádio, com algumas diferenças. Temos muito menos meios, não digo do que aquilo que tínhamos na altura, desde o início porque aí éramos poucos. Éramos uma serie de miúdos, uma série de excelentes jornalistas, dos melhores. A TSF foi buscar os melhores jornalistas de rádio que existiam em Portugal: o Carlos Andrade; o David Borges; o Emídio Rangel, que era o diretor; o António Macedo; o Mário Fernando (...). Tínhamos dos melhores jornalistas de rádio em Portugal e que nos enquadraram bem. Hoje continuamos a ser essa rádio preocupada em ter a melhor informação possível. Temos hoje em 2015 muito menos jornalistas do que tínhamos em 2013, muito menos do que tínhamos em 2012, muito menos do que tínhamos em 2009. Temos tido que conseguir fazer mais com menos. Claro que alguma coisa se vai perdendo aqui no processo, tendo menos gente para ir para a rua, tendo menos gente para investigar notícias. Há aqui uma parte que consegues ganhar

com a experiência que muitos dos que cá estão conseguiram acumular aqui, ou vindo de outras rádios e que vieram para aqui, mas temos muito menos mão-de-obra para ir para a rua fazer reportagem, para fazer mais grandes reportagens, para investigar notícias. Estamos na mesma situação que todos os meios de comunicação social portugueses nestes anos de crise.

E tudo o que se passa, passa na TSF?

Nós fazemos esse esforço. Tudo o que se passa de importante passa na TSF. Tenho a noção que às vezes não conseguimos fazer isso da forma como gostaríamos. Mas temos esse esforço, eu luto por isso, muitos de nós lutamos e fazemos por isso diariamente para que isso seja possível, queremos que a TSF seja “a rádio”.

Qual é o futuro desta estação?

Continuar o caminho que temos feito até aqui, aproveitando o melhor que temos feito, aprendendo com os erros que temos cometido, continuando a ter a capacidade que temos demonstrado até agora e, se possível, melhorar a capacidade de nos adaptarmos meses após meses, anos após anos, às dificuldades que são cada vez maiores e aos desafios que são cada vez maiores. Sobreviver e resistir. Eu que gosto muito de Timor, agora lembrei-me da palavra de ordem da resistência timorense que era ‘Resistir é vencer’. E isso aplica-se hoje, porque os desafios são cada vez maiores. Desafios a vários níveis, desde os desafios das novas redes sociais, que na minha opinião não são meios de comunicação social, mas que muitas vezes têm valor acrescentado e que muitas vezes têm um efeito negativo, porque contribuem para aquele efeito de ‘há muitos dados’ mas há pouca informação. Às vezes quantos mais dados tens, menos informação tens, por muito paradoxal que isto possa parecer. Portanto temos que nos adaptar. Temos de nos saber adaptar aos tempos com muitas redes sociais que criam a ilusão de informação. Temos de ser mais seletivos, temos de ser jornalistas. Tudo se resume a isto, temos de ser jornalistas e temos que cumprir a nossa profissão no melhor que a nossa profissão tem. Isso, passa por saber explicar bem as coisas, fazer o trabalho de casa, saber explicar isso às pessoas, saber distinguir o que é um facto do que é uma opinião, saber distinguir o que é relevante do que não é relevante. É como se tivéssemos uma banca com muitas frutas diferentes e nós, na nossa mercearia, oferecêssemos aos ouvintes, ou aos nossos clientes, a melhor fruta de cada tipo de fruta que temos. Há ali fruta que está tocada e que está estragada e que

nós não queremos. Resistir aos desafios destes novos tempos tecnológicos, resistir aos desafios da concorrência, das diversas concorrências dos meios de comunicação tradicionais, resistir às dificuldades, à falta de pessoas, e sobretudo cada um de nós desafiar-se interiormente a não desistir. E quem tem responsabilidades de coordenação e de chefia, ter a arte e a sabedoria de ajudar os colegas, os camaradas de profissão a não desistir e a tentar que eles tenham prazer em tirar o máximo que eles podem dar.

Qual foi o momento mais marcante no percurso pela TSF?

Foram muitos. Quando me perguntam qual é a música que gosto mais, qual o livro que mais gosto, qual é o momento da minha vida, eu nunca consigo dizer. Sem pensar muito, o que significa que eu não estou a pensar e é o que a minha memória guarda e que o meu inconsciente destaca como mais particular é o primeiro dia na TSF. O primeiro dia é o primeiro dia. É o primeiro dia do resto das nossas vidas e é marcante. Eu estou muito ligado a Timor, portanto as reportagens em Timor foram o momento alto da minha profissão, foram o momento alto da minha vida. O fórum TSF é outra faceta mais marcante da minha vida profissional. Foi talvez o momento decisivo, tendo em conta que eu faço o Fórum desde 1999 com um intervalo de dois anos, em que a seguir à direção de José Fragoso, chegou a nova direção do Paulo Baldaia e que me convidou para chefe de redação, eu saí do Fórum e dois anos depois mantendo-me como chefe de redação voltei a fazer o Fórum. Se eu tivesse que isolar, se calhar o momento mais decisivo da minha profissão foi quando o Carlos Andrade me desafiou a fazer o Fórum. Eu estava na equipa da manhã 1, o editor do Fórum adoeceu, era preciso alguém fazer o Fórum, ninguém queria fazer o Fórum dos seniores porque o Fórum mete medo, o Fórum assusta, tem uma grande carga e eu que tenho um feitio um bocadinho suicida e responsável achei: ‘alguém tem de fazer... ok eu faço’. Fiz três ou quatro dias, fui para Timor, e foi naquela fase que vinha e depois ia, vinha e ia, e o Carlos Andrade veio falar comigo e disse ‘gostei dos fóruns que tu fizeste, quero que agarres o Fórum’. Se eu tiver que analisar, se calhar esse foi o momento mais decisivo. Vamos então por etapas, analisando o momento mais marcante foi o momento que eu fui aceite no curso de formação da TSF, depois o momento em que eu fui contratado pela TSF, e o primeiro dia é o primeiro dia. E depois claro, o momento mais decisivo e que marcou mais a minha vida foi esse convite do Carlos Andrade para fazer o Fórum, que eu gosto muito de fazer, que me dá muitos cabelos brancos, que em stressa muito mas que eu acho que é compensador.

Ainda te lembras do que sentiste no primeiro Fórum que fizeste?

Medo. Pavor. Mas com esse meu feitio suicidada do género ‘é preciso fazer, é preciso fazer! Vou dar o meu máximo.’ E quando nós damos o nosso máximo, não podemos exigir muito mais de nós. Depois ou corre bem ou não corre bem e tu percebes se gostas ou não gostas. E, no meu caso, à medida que fui fazendo os Fóruns percebi que algumas das minhas características pessoais encaixavam naquilo, o que me ajuda a fazer o Fórum. Por exemplo, não tenho aquela noção do género ‘Vou fazer um Fórum e vou mudar o mundo para que o parlamento vote A ou B.’ Isto já não é jornalismo. Na minha opinião isso já é outra coisa. A minha opinião tem de ser: este tema é importante então o que eu quero é discutir este tema e abrir uma série de janelas para este tema e ouvir uma série de opiniões. Para o ouvinte lá em casa pensar ‘eu pensava que isto era preto mas afinal... e a minha mulher pensava que era branco e afinal... não é preto, nem é branco. É cinzento. E dentro dos cinzentos ainda há uma série de tons.’ É esse o meu objectivo. Às vezes acho que tenho uma análise muito clínica das coisas e não estou ali a defender a minha verdade. Neste caso a minha verdade é o jornalismo e tentar fazer bom jornalismo. E ter esse desprendimento de estar a entrevistar o senhor A político ou o senhor A qualquer coisa, com quem eu até estou de acordo, mas eu tenho de lhe fazer as perguntas que têm de ser feitas e não ter vergonha de fazer essas perguntas nem me sentir ofendido por as fazer. Isso não me provoca sequer problemas de consciência, muito pelo contrário. Como eu consigo, acho eu, fazer bem esse jogo, de não defender as minhas verdades, de não ter vergonha de fazer perguntas contra as minhas convicções, essas características pessoais facilitam a minha vida a fazer o Fórum.

Anexo 4 – Bareme Rádio 2014 sobre a apresentação e a audiência da TSF – Dados disponibilizados pelo grupo Marktest⁷⁰



SINOPSE CONTACTOS AUDIÊNCIA PERFIL AFINIDADE TABELA

TSF RÁDIO NOTÍCIAS

A TSF é uma das principais marcas de referência no jornalismo. Ao longo dos seus 23 anos de história soube antecipar as novas tendências e exigências dos ouvintes, estando actualmente presente, para além da antena e do site, em várias plataformas digitais através de aplicações para o iPhone e para o iPad.

Fonte: Estação

SITE

Audiência Média: 0,3% | 44.960 indivíduos

Fonte: Grupo Marktest: Bareme Rádio 2014

⁷⁰ Disponível online em: <<http://www.ligateamedia.pt/simulators1.aspx>>

Anexo 5 - Bareme Rádio 2014 sobre a audiência da TSF – Dados disponibilizados pelo grupo Marktest⁷¹



SINOPSE CONTACTOS **AUDIÊNCIA** PERFIL AFINIDADE TABELA ?

TSF RÁDIO NOTÍCIAS

Universo 0,30%	Género	Masc. 0,40%	Fem. 0,10%				
	Classe Social	A 0,70%	B 0,50%	C1 0,30%	C2 0,20%	D 0,10%	
	Idade	15/24 0,00%	25/34 0,20%	35/44 0,40%	45/54 0,30%	55/64 0,40%	+64 0,20%
	Região	Gr. Lisboa 0,40%	Gr. Porto 0,30%	Lit. Norte 0,30%	Lit. Centro 0,10%	Int. Norte 0,20%	Sul 0,10%

Legenda: ● Inferior ou igual à Média ● Superior à Média

Fonte - Grupo Marktest: Bareme Rádio 2014

Universo - 8.563.800 indivíduos com 15 ou mais anos residentes em Portugal Continental

⁷¹ Disponível online em: <http://www.ligateamedia.pt/simulators1.aspx>

Anexo 6 – Estrutura de um noticiário TSF

26JUN16H / Batista Gabriela (duration: 09'11.0)

Page 1 of 6

Printed By: 1 Estagiário

26-06-2015 19:04:18

**TRES ATENTADOS
ESTA SEXTA FEIRA
NA TUNISIA , EM FRANÇA E NO KOWEIT
NA TUNISIA O ATAQUE CONTRA DOIS HOTEIS CAUSOU P+ELO MENOS
27 MORTOS ...
EM FRANÇA : UMA PESSOA FOI MORTA , HÁ DOIS FERIDOS
E TRES DETIDOS
O PRESIDENTE FRANCES NÃO TEM DUVIDAS DE QUE FOI UM
ATENTADO TERRORISTA**

**NO KOWEIT FOI ATACADA UMA MESQUITA
MORRERAM 15 PESSOAS
HÁ MAIS DE 200 FERIDOS**

**ESTADOS UNIDOS
ESTÁ APROVADO O CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO
EM TODO O PAIS**

**O PRIMEIRO MINISTRO CONSIDERA COMO UMA FALSA QUESTÃO A
ALEGADA DIFERENÇA DE TRATAMENTO
ENTRE A GRÉCIA E PORTUGAL**

**EM FRANÇA
JÁ FORAM DETIDAS TRES PESSOAS
NA SEQUENCIA DO ATENTADO
CONTRA UMA FÁBRICA DE GÁS PERTO DE LYON
A SEGURANÇA FOI REFORÇADA EM TODAS AS FÁBRICAS DE
PRODUTOS QUIMICOS
TB NOS LOCAIS DE CULTO FORAM TB COLOCADOS SOB VIGILANCIA
UMA PESSOA FOI DECAPITADA
OUTRAS DUAS FICARAM FERIDAS**

**O HOMEM DECAPITADO
ERA DONO DE UMA EMPRESA DE TRANSPORTES**

26JUN16H / Batista Gabriela (duration: 09'11.0)

Page 2 of 6

Printed By: 1 Estagiário

26-06-2015 19:04:18

NA ZONA DE LYON

**FILIFE FERNANDES
UM LUSO DESCENDENTE CONTOU À TSF
AO JORNALISTA ARUTR CARVALHO
O QUE ACONTECEU PELA MANHÃ**

Philippe Fernandes 1 14h O QUE AC

TARD 20787 003132c8.wa 00'51.5 Record Date Kill Date : 25.

**ALÉM DESTES DOIS SUSPEITOS
DETIDOS
LO LOCAL DO ATENTADO
FOI JÁ DETIDA UMA TERCEIRA PESSOA
SUSPEITA DE TAMBÉM ESTAR ENVOLVIDA NO ATAQUE**

**FILIFE FRENANDES
LEMBRA QUE DEPOIS DO QUE ACONCETE NA SEDE DO CHARLIE
HEBDO
AS PESSOAS ESTÃO RECESOSAS**

Philippe Fernandes 2 14h ESTADO D

TARD 20787 003132c9.wa 00'33.9 Record Date Kill Date : 25.

**O PRESIDENTE FRANCES, AINDA EM BRUXELAS NÃO TEVE DÚVIDAS
EM AFIRMAR SE SE TRATA DE UM ATENTADO TERROISTA**

Hollande 1- ataque terrorista 15H

TARD 20788 00313304.wa 00'16.0 Record Date Kill Date : 25.

**O PRESIDENTE FRANCES APELOU AINDA AOS FRANCESES PARA NÃO
CEDEREM AO MEDO
HOLLANDE AFRMOU QUE SEIS MESES DEPOUIS
DIS ATAQUES DE PARIS
A FRANÇA VOLTA A ESTAR EM LAERTA**

NA TUNISIA O PAIS ESTÁ EM ALERTA MÁXIMO

**DEPOIS DO ATENTADO N CONTRA DOIS HOTEIS TURISTICOS
ATAQUES QUE CAUSARAM 27 MORTOS**

A TSF JÁ CONTACTOU A
A SECRETARIA DE ESTADO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS QUE
ADIANTA QUE ESTÁ ACOMPANHAR O CASO
E A EMBAIXADA PORTUGUESA NA TUNISIA
AINDA TENTA PERCEBER SE HA OU N°AO PORTUGUESES
VITIMAS DOS 2 ATAQUES
A HOTEIS TURISTICOS
NA COSTA OCIDENTAL DA TUNISIA.....NUMA CIDADE A CERCA DE 140
KMS DA CAPITAL , TUNES E QUE JA FOI ALVO
DE VARIOS ATENTADOS DESDE 2002...

O MINISTRO DO INTERIOR
DIZ QUE HA PLO MENOS 27 MORTOS
MAIS DE 20 FERIDOS
ADMITE QUE EXISTEM VITIMAS ESTRANGEIRAS....

A RADIO TUNISIA INTERNACIONAL ESTÁ A DIZER QUE
HA CIDADOS ALEMAES E BRITANCIOS
ENTRE AS VITIMAS..
E CONTA TB QUE OS ATACANTES VESUIAM
CALÇÕES E T-SITES NEGRAS,
TUNHAMAS ARMAS ESCONDIDAS E PASSARAM
POR TURISTAS

OS TIROS COMEÇARAM NA PRAIA ,
OS ATACANTES CONTINUARAM A DISPARAR NA PISCINA
QUE FICA LOGO ATRAS E DEPOIS ENTRARAMN NA RECPÇÃO DOS
HOTEIS

UM DOS ATACANTES FOI MORTO
NO LOCAL PLA POLCIA
Um agente de segurança disse à Reuters que um dos homens mortos
estava armado com uma Kalashnikov
A Tunísia está em alerta máximo desde março, quando os militantes do
Estado islâmico mataram 22 pessoas no museu Bardo, na capital Tunes.

26JUN16H / Batista Gabriela (duration: 09'11.0)

Page 4 of 6

Printed By: 1 Estagiário

26-06-2015 19:04:18

**UMA SENADORA FRANCESA QUE ESTA DE FERIAS NUM DESTES HOTEIS
DISSE A FRACE INFO QUE NÃO SE PERCEBE
COMO FORAM POSSIEVIS OS ATAQUES NUMA ZONA COM TANTA
SEGURANÇA**

Senadora Tunisia - TRAD 14 H SEG

TARD 20787 003132be.wa 00'22.1 Record Date Kill Date : 27.

**É O TESTEMUNHO
DE UMA DAS TURISTAS
DE FERIAS NA COSTA OCIDENTAL DA TUISIS
NUM DOS HOTEIS
ATACADAOS.....
UM RESORTE MUITO PROCURADO POR TURISTAS
BRITABNICOS E UM
OIYRO HOTEL ,
ATACADOS ...HA PLO MENOS 27 MORTOS**

**NO KOWEIT UM ATENTATADO CONTRA UMA MESQUITA FEZ PELO
MENOS**

25 MORTOS E 202 FERIDOS

**UM BOMBISTA SUICIDA FEZ EXPLODIR A CARGA QUE TRANSPORTAVA
NUMA MESQUITA SHIITA**

**NA ALTURA DO ATENTADO A MESQUITA ESTAVA CHEIA,
PARA AS ORAÇÕES DE SEXTA FEIRA**

O ESTADO ISLÂMICO JÁ REIVINDICOU ESTE ATAQUE

É uma decisão histórica//

O Supremo Tribunal dos Estados unidos considera que a constituição consagra o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo//

5 juizes votaram a favor desta interpretação...4 contra//

Está desta forma aberto o caminho à legalização do casamento entre homossexuais em todos os 50 estados do país//

PEDRO PASSOS COELHO DIZ QUE É UMA FALSA QUESTÃO A ALEGADA DIFERENÇA DE TRATAMENTO

por parte dos credores comparativamente a Portugal e à Irlanda são "uma falsa questão

NO FINAL DO CONSELHO EUROPEU

EM BRUXELAS

O PRIMEIRO MINISTRO AFRIMOU QUE ATENAS TEM BENEFICIADO DE UMA MAIOR FLEXIBILIDADE

Passos Coelho 2 - tratamento excep

TARD 20788 00313325.wa 00'42.5 Record Date Kill Date : 27.

lusa

MARIA BARROSO
 ESTÁ INTERNADA DESDE ONTEM, À NOITE NO HOSPITAL DA CRUZ VERMELHA
 EDUARDO BARROSO
 MÉDICO E SOBRINHO DE MARIA BARROSO DISSE ESTA MANHÃ
 A MARIA BARROSO SE ENCONTRA EM ESTADO BASTANTE CRÍTICO
 O LÍDER PARLAMENTAR DO PS
 FERRO RODRIGUES
 DISSE ESTA TARDE
 NO PARLAMENTO, QUE ESTÃO
 O ESTADO DE SAÚDE DE MARIA BRASSO COM PREOCUPAÇÃO

26JUN16H / Batista Gabriela (duration: 09'11.0)

Page 6 of 6

Printed By: 1 Estagiário

26-06-2015 19:04:18

Ferro Rodrigues - Maria Barroso 14†

CUE: TARD 20787 003132cb.wa 00'27.2 Record Date Kill Date : 27.

**É CONSIDERADO
um DOS MAIORES PROJECTOS EUROPEUS DE INVESTIGAÇÃO MARINHA
ENVOLVE 18 PAISES , 62 PARCEIROS
CENTRA-SE NA DEFESA DO ATLANTICO
E ENVOLVE TB
3 UNIVERSIDADES PORTUGUESAS
ALGARVE
AÇORES E PROTO**

**NO CASO DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE
OS CIENTISTAS ESTÃO A DESENVOLVER INSTRUMENTOS CAPAZES DE
ADR UMA RESPOSTA RAPIDA
EM SITUAÇÕES DE DERRAME DE CRUde
MARIA AUGURTA CASACA**

PEÇA

**o projecto chama-se atlantos
começa agora e vai durar quatro anos**

Anexo 7 – Certificado de participação em estágio curricular na TSFDECLARAÇÃO

Para os efeitos julgados por convenientes, declara-se que Andreia Sofia dos Santos Costa, portadora do cartão de cidadão com o número 14 003 673, realizou um estágio curricular na TSF Rádio Notícias, entre 1 de Abril e 3 Julho de 2015.

Lisboa, 3 de Julho de 2015

PEDRO PINHEIRO
Subdirector
TSF

Pedro Pinheiro
Subdirector

Anexo 8 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre a tomada de posse de Fernando Medina como novo presidente da Camara Municipal de Lisboa

08-04-2015 Andreia Costa - Rep Medina doc / 1 Estagiário (duration: 01'53.7) Page 1 of 2

Printed By: 1 Estagiário

08-04-2015 20:16:34

O Salão Nobre da Câmara Municipal de Lisboa foi palco, nesta segunda-feira, da tomada de posse de Fernando Medina como novo presidente do município lisboeta.

O sucessor de António Costa não se poupou na promessas, apresentando ideias concretas, entre elas as melhorias na estrutura da cidade.

Medina - reconstrução da cidade 1

ARQL 20419 00305E7D.M 00'10.0 Record Date Kill Date : 6.5

Medina - reconstrução da cidade 2

ARQL 20420 00305E7F.MI 00'04.3 Record Date Kill Date : 6.5

medina reconstrução cidade 3

ARQL 20420 00305E85.MF 00'04.0 Record Date Kill Date : 6.5

^E Para isso o aumento habitacional em Lisboa

Medina - social 1

ARQL 20420 00305E88.MF 00'15.3 Record Date Kill Date : 6.5

Para isso, Fernando Medina afirma que vai pagar tudo a horas, sem abdicar dos princípios do bom governo, ou seja...

Medina - bom governo

ARQL 20420 00305EA3.MI 00'04.1 Record Date Kill Date : 6.5

Fazer mais e melhor foram as ideias que ficaram bem presentes na mente dos apoiantes e militantes do partido socialista nesta cerimónia.

Medina - aplausos

ARQL 20424 00306135.MF 00'21.9 Record Date Kill Date : 7.5

08-04-2015 Andreia Costa - Rep Medina doc / 1 Estagiário (duration: 01:53.7) Page 2 of 2

Printed By: 1 Estagiário

08-04-2015 20:16:34

Aplausos, esses, não faltaram num espaço que se tornou pequeno demais para receber quem não quis deixar de marcar presença nesta tomada de posse.

Anexo 9 – Trabalhos realizados: Noticiário com as notícias em destaque no dia 14 de abril de 2015

2º Trabalho - Noticiário (versão final)

W - Noticiário 1 - AC / 1 Estagiário (duration: 04'48.4)

Page 1 of 2

Printed By: 1 Estagiário

14-04-2015 16:39:04

A Autoridade Tributária já sorteou 60 carros mas, no contracto, só constam 58 automóveis para sorteio.

A Audi, marca contratualizada para o primeiro ano, desconhece os vencedores do segundo contracto.

Questionado pela TSF, o fisco não esclarece a questão. Raquel de Melo.

Copy of Raquel de Melo - 17H

ARQL 20444 00306d2d.wa 01'46.6 Record Date Kill Date : 14.

Os sorteios vão continuar, o Audi número 61 vai ser sorteado já na próxima quinta feira.

A Autoridade Tributária promete dar mais esclarecimentos ainda no decorrer deste mês.

Quatro pessoas foram detidas (hoje) pela Polícia Judiciária suspeitas de burla ao Serviço Nacional de Saúde.

Os detidos, dois farmacêuticos e dois armazenistas, mantinham alegadamente um esquema fraudulento de falsificação de receitas.

O inspector da Polícia Judiciária, Manuel dos Santos explicou à TSF de que forma era feita esta burla.

W - Manuel dos Santos - AC

ARQL 20445 00306DBD.w 00'18.0 Record Date Kill Date : 12.

Um dos farmacêuticos ficou em prisão preventiva, os restantes ficaram inibidos do exercício da actividade profissional.

A Autoeuropa suspendeu a produção, esta tarde.

A razão prende-se com o atraso do fornecedor na entrega de uma peça essencial à produção, explicou António Chora da comissão de trabalhadores à jornalista Bárbara Baldaia.

Copy of António Chora

ARQL 20444 00306d26.wa 00'47.1 Record Date Kill Date : 12.

António Chora com a garantia de que amanhã a fábrica volta à normalidade.

Morreu hoje Eduardo Galeano. Escritor uruguaio, autor de obras como *As veias da América Latina* e *Memórias do Fogo*, foi também jornalista e historiador.

Eduardo Galeano morreu aos 74 anos na sua cidade-natal em Montevideu.

Último dia também para o Nobel da Literatura, Gunter Grass, considerado por muitos a figura mais importante na literatura alemã do pós-guerra. Gunter Grass tinha 87 anos.

Anexo 10 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o evento Panorama 2015

W - Rep 2 Panorama AC / 1 Estagiário (duration: 02'05.0)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

17-04-2015 17:50:20

Pensar... Discutir... Reflectir... Está lançado o mote para o Panorama 2015. A mostra do Documentário Português já vai na 9a edição e desde 2006 que se dedica à exposição dos filmes que marcaram a história do documentário que se faz em Portugal.

Para Inês Dias, programadora do Panorama, esta edição vai primar pela diferença, chegando a apelidar 2015 como "o ano zero".

 W - Inês Bruto - ano zero AC

ARQL 20457 003074A0.wv 00'22.1 Record Date Kill Date : 14.

Uma mostra repensada, mais dinâmica que as anteriores. Quanto às duas grandes linhas de acção, vão-se manter.

 W - Inês Dias - o que se mantém AC

ARQL 20457 003074A1.wv 00'10.0 Record Date Kill Date : 14.

Linhas orientadoras que se mantêm mas com um contorno mais radical.

 W - Inês Dias - o que muda AC

ARQL 20457 003074A4.wv 00'20.5 Record Date Kill Date : 14.

O cinema português, que este ano, vai viajar pela cidade de Lisboa. Espaços transformados em salas cinematográficas que prometem apelar ao imaginário dos amantes da 7a arte.

Entre as salas escolhidas encontram-se das mais convencionais, como a Cinemateca e o Cinema Ideal até às salas mais inesperadas, como o Museu Geológico ou o Hospital Júlio de Matos.

Um passeio pela cidade de Lisboa para conhecer o que de melhor se faz no cinema português.

Anexo 11 – Trabalhos realizados: Traduções e Dobragens

W - Traduções AC / 1 Estagiário (duration: 02'02.9)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

21-04-2015 16:35:43

Traduções

W - Chefe diplomacia europeia AC

ARQL 20480 00308176.wa 00'30.2 Record Date Kill Date : 19.

no Mediterrâneo

O que aconteceu na noite anterior resultou num dever moral de nos concentrarmos na nossa responsabilidade, como europeus, para prevenir que este tipo de tragédias aconteçam mais vezes.

Deixem-me dizer que a questão principal aqui é construirmos juntos um senso comum de responsabilidade europeia.

w - Naufragio AC

ARQL 20480 0030818E.wa 00'26.4 Record Date Kill Date : 19.

Isto é outra operação de resgate e dá também uma visão do quão complexo é o estado da operação e quão complexas e diversas são as rotas, porque este é um navio somente com refugiados sírios a bordo, um navio vindo da Turquia.

W - Ataque em Barcelona AC

ARQL 20480 003081A2.wa 00'13.8 Record Date Kill Date : 19.

Um rapaz entrou na nossa sala com uma faca e tentou esfaquear um amigo meu, mas não conseguiu e saiu da sala. Então nós tivemos a oportunidade de correr e fugir para o pátio.

Anexo 12 – Trabalhos realizados: Informações sobre os sons já editados da entrevista com o Dr. João Calheiros Lobo, pediatra e ex-presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria. Entrevista realizada no contexto das mudanças na lei do acesso ao tabaco e do álcool.

TXT João Calheiros Lobo / 1 Estagiário (duration: 03'59.0)

Page 1 of 2

Printed By: 1 Estagiário

23-04-2015 19:08:57

Dr. João Calheiros Lobo - Pediatra e ex - presidente da Soc. Portuguesa de Pediatria

João C. Lobo - Diferença 16 e 18

TARD 20500 00308C85.wv 00'34.4 Record Date Kill Date : 22.

- Diferenças entre um indivíduo com 16 anos e de um indivíduo com 18 anos: Maior maturidade e metabolismos diferentes.

João C. Lobo - papel dos media

TARD 20500 00308C8B.wv 00'52.0 Record Date Kill Date : 22.

- A proibição do álcool e as medidas anti-tabaco devem ser explicadas e divulgadas pelos órgãos de comunicação social. Os média têm o dever de explicar os malefícios do álcool e do tabaco de forma a proteger o cidadão. Esta lei protege o cidadão.

João Calheiros Lobo - pais

TARD 20500 00308C75.wv 00'44.0 Record Date Kill Date : 22.

- Os pais têm o dever de explicar aos filhos o que é bom e mau , bem como perceber as medidas e explicá-las.

João C. Lobo - espaço público e ciga

TARD 20500 00308C92.wv 00'30.5 Record Date Kill Date : 22.

- A lei que proibe fumar em espaços públicos e a proibição de cigarros electrónicos é positiva porque esse gesto influencia os jovens.

João Calheiros Lobo - Tabaco arom:

TARD 20500 00308C7B.wv 00'20.3 Record Date Kill Date : 22.

- O tabaco com aroma, tal como o cigarro electrónico, influenciam os jovens e, por isso, deve acabar.

Anexo 13 – Trabalhos realizados: Guião da entrevista com Dr.^a Maria Luísa Valadas Carvalho, presidente da Associação dos Comerciantes dos mercados de Lisboa. Entrevista realizada no âmbito do trabalho sobre o Mercado da Ribeira.

Presidente ^{da} Maria Luísa Valadas Carvalho

New Story 1 (duration: 01'10.1)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

12-05-2015 17:23:39

Associação dos Comerciantes dos Mercados de Lisboa

1 - Está a fazer um ano que o Mercado da Ribeira revitalizado abriu as portas ao público. Passado um ano, que balanço faz das alterações que aconteceram?

2 - Considera que tantas alterações no mercado ^{podem} anular aquilo que de mais característico existia no mercado da Ribeira ^{que é} o mercado tradicional?

3 - Em setembro de 2014 o vereador da Câmara de Lisboa, José Sá Fernandes proibiu a transmissão das bancas de venda aos familiares dos comerciantes do Mercado da Ribeira e a proibição na alteração do ramo de actividade. Que opinião tem acerca disto?

4 - O mercado tradicional está a acabar para dar lugar ao mercado turístico?

5 - As obras de renovação ainda não estão concluídas, aliás, actualmente até estão paradas. Isto obriga os comerciantes a mudar de posto e alguns para locais sem qualquer tipo de condições. (alimentos expostos ao sol, perto de animais, inexistência de caleiras,...). Que opinião tem sobre isto?

Anexo 14 – Trabalhos realizados: Guião da entrevista com João Cepeda, diretor da Revista Time Out. Entrevista realizada no âmbito do trabalho sobre o Mercado da Ribeira.

New Story 1 (duration: 00'57.7)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

19-05-2015 15:28:56

Time Out

fez agora
1 - ~~Está agora a fazer~~ um ano desde que foi inaugurado o revitalizado Mercado da Ribeira. Qual é o balanço que faz deste ano?

1- As obras de revitalização, de 2a e 3a fases, para o mercado da Ribeira acabariam, conforme foi avançado, para finais de janeiro/início de fevereiro. Estamos em maio, as obras não estão concluídas. Há alguma explicação para que isso tenha acontecido?

2- Mas prevê-se a continuação das obras?

3- Há data prevista para a conclusão do projecto?

4- Houve quem avançasse que as obras estão paradas por alegada falta de pagamento, por parte da Time Out à empresa NeoCivil. É verdade?

5- Uma das ambições deste projecto continua a ser unir "o novo comércio" ao "comércio tradicional"?

6- Haverá, portanto, sempre espaço para o comércio tradicional no Mercado da Ribeira?

Anexo 15 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre a nova carta de condução por pontos

W - TXT carta por pontos / 1 Estagiário (duration: 02'23.7)

Page 1 of 2

Printed By: 1 Estagiário

21-05-2015 19:32:44

Os condutores mantêm a carta de condução mas agora passam a estar regulados por um sistema de pontos. O secretário de estado da administração interna, João Almeida, explica a vantagem ...

W - carta pontos 4

ARQL 20626 0030D5DA.M 00'12.8 Record Date Kill Date : 19.

Cada condutor pode aceder ao processo, para isso basta ~~apenas~~ registar-se/no novo portal...

W - Carta pontos 9

ARQL 20626 0030D617.MI 00'12.3 Record Date Kill Date : 19.

Mas agora/os pontos: Cada condutor começa com um total de 12 pontos. Por cada contraordenação grave/são-lhe retirados/2 pontos e por cada infração muito grave/4 pontos.

No caso das infrações serem cometidas sob efeito de álcool ou de substâncias psicotróficas/as penalizações são maiores/retirando 3 pontos nas contraordenações graves e/5 pontos nas muito graves.

Neste modelo,/recuperar pontos também é possível. Basta que não haja/nenhuma infração grave nem muito grave num espaço de 3 anos. Para ^{os} condutores profissionais ^o período de tempo é de 2 anos. Se assim for está prometido um bônus de 3 pontos.

Este/é um modelo já a funcionar na maioria dos países da União Europeia/mas em Portugal estão previstas algumas diferenças...

W - Carta pontos 10

ARQL 20626 0030D619.MI 00'11.7 Record Date Kill Date : 19.

Sem benefícios para uns,nem discriminações para outros, este é um modelo, que na voz do secretário geral da administração interna, tem uma perspectiva pedagógica...

W - carta pontos 6

ARQL 20626 0030D5E0.MI 00'12.3 Record Date Kill Date : 19.

W - TXT carta por pontos / 1 Estagiário (duration: 02'23.7)

Page 2 of 2

Printed By: 1 Estagiário

21-05-2015 19:32:44

Assim que se perderem todos os pontos, é aplicada a penalização máxima, ou seja, a cassação do título de condução.

Anexo 16 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o corte de árvores em Lisboa.

W - TXT rep cortes / 1 Estagiário (duration: 02'44.0)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

22-05-2015 18:16:26

O barulho das serras e o derrubamento de árvores tem sonorizado Lisboa, por estes dias. Fernando Braamcamp, presidente da Junta de Freguesia do Areeiro, reconhece que esta não foi uma decisão planeada...

~~NÃO APAGAR~~ Fernando Braamcamp ^{vento} ventos 1

ARQL 20598 0030C617.w€ 00'30.2 Record Date Kill Date : 13.

A decisão do corte de arvoredo tem por base um estudo que identificou defeitos nas copas das árvores, sendo o derrubamento a única solução...

W - Braamcamp - estudo

ARQL 20631 0030D8C3.w 00'35.7 Record Date Kill Date : 20.

W - Braamcamp - Camara

ARQL 20592 0030C2F8.w€ 00'09.0 Record Date Kill Date : 12.

Rui Martins, da associação Mais Lisboa, defende que a solução passa pelo tratamento e não pelo corte. A associação já criou um abaixo assinado a circular na internet...

~~NÃO APAGAR~~ Rui Martins ^W resumo

ARQL 20598 0030C645.w€ 00'18.5 Record Date Kill Date : 13.

Quanto à divulgação Fernando Braamcamp refere que mais do que seguir o protocolo era prioritário garantir a segurança pública.

W - Braamcamp - formalismos

ARQL 20631 0030D8DB.w 00'16.1 Record Date Kill Date : 20.

Apesar da desarrumação visível nas ruas, a promessa é de que tudo vai retomar o lugar no tempo devido.

devido tempo

Anexo 17 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o Mercado da Ribeira

W - TXT Ribeira 2 / 1 Estagiário (duration: 01'56.4)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

27-05-2015 18:45:24

De um lado...os antigos comerciantes, descontentes; do outro... as entidades responsáveis, cada vez mais satisfeitas.

A presidente da Associação dos Mercados de Lisboa, Luísa Carvalho, desconhece vantagens à revitalização...

W-Luisa Carvalho nao há mais valia

ARQL 20586 0030BF4B.wt 00'17.3 Record Date Kill Date : 11.

Para o director da revista Time Out, João Cepeda, esta é uma comunhão que só se constrói com o tempo...

W- João Cepeda comercio trad

ARQL 20615 0030CFB1.wt 00'29.9 Record Date Kill Date : 17.

Janeiro de 2015 ... ficou marcado na agenda como a data para a conclusão das obras de revitalização. Um prazo que ficou por cumprir...

W- João Cepeda está longe de esta

ARQL 20648 0030E2B1.wt 00'19.5 Record Date Kill Date : 24.

os comerciantes fazem o apelo...

W - Luisa Carvalho já chega 2

ARQL 20654 0030E65D.wt 00'11.0 Record Date Kill Date : 25.

Confitos à parte, a revitalização vai continuar...

Anexo 18 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre a receção dos jogadores do Sporting na Câmara Municipal de Lisboa

W - Scp TXT / 1 Estagiário (duration: 01'52.3)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

05-06-2015 16:50:41

Uma semana antes fez-se a festa/benfiquista... Agora/os festejos pintam-se de verde e branco... Fernando Medina quis congratular/os leões...

W - Scp Fernando Medina vontade

ARQL 20675 0030F272.MF 00'29.2 Record Date Kill Date : 30.

Os aplausos a interromperem cada frase, não travaram os elogios...

W - Scp Fernando Medina titulos err

ARQL 20675 0030F274.MF 00'27.8 Record Date Kill Date : 30.

De olhos postos no futuro, Bruno de Carvalho ambiciona trazer a glória/ao clube verde e branco... de Alvalade

W - Scp Bruno de Carvalho proximo

ARQL 20679 0030F520.wa 00'18.8 Record Date Kill Date : 1.7

Depois da troca de oferendas, como manda o protocolo, a varanda dos Passos do Concelho abriu-se para que a festa/começasse. Os adeptos esperavam lá fora ansiosos por ver o Sporting, o clube do coração...

placel

Anexo 19 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o perfil de Christopher Lee

New Story 1 (duration: 02'03.8) Page 1 of 1
 Printed By: 1 Estagiário 11-06-2015 17:44:41

Dracula Speaks 0:23'-0:33'

Christopher Lee foi um dos rostos mais marcantes em personagens de horror na história do cinema. "Drácula" foi a figura que mais o celebrou, contracenando ao lado de Peter Cushing, no ano de 1958.

Mas antes de se ter tornado num ícone do cinema, Christopher Lee ambicionava a carreira militar. Nascido em 1922, viajou para a Finlândia como voluntário, assim que completou os 18 anos, para defender o país da invasão soviética. Mais tarde, durante a II Guerra Mundial tornou-se agente das forças especiais britânicas.

No regresso, demasiado tempo livre fez com Christopher Lee optasse por outra actividade. A curiosidade levou-o a experimentar a carreira de actor.

Sem formação teatral, nos primeiros 10 anos, os papéis foram maioritariamente secundários. "Hamlet" e "Moulin Rouge" foram dos primeiros filmes da sua carreira.

1957 foi o ano da reviravolta, com a participação no filme "The Curse of Frankenstein" dirigido por Terence Fisher. *A maldição de Frankenstein*

A partir desse ano, nunca mais parou. Em 1958 protagonizou "Drácula" e a partir dos anos 70 era já conhecido como um ícone do cinema.

Em 1974 foi um dos mais célebres vilões de James Bond no filme "007 - O Homem da Pistola Dourada". Em 2001 ganhou uma legião de fans ao dar vida a Saruman, personagem da trilogia "O Senhor dos Anéis". "Guerra das Estrelas" e "Hobbit" são também filmes que constam no seu currículo.

Para além de actor, Christopher Lee foi também narrador e músico. Nos últimos anos deu voz a um projecto musical de Heavy Metal com o lançamento de um tema a cada Natal.

Foram mais de 200 os filmes em que participou. O desejo do actor era apenas um... Trabalhar até morrer. E assim foi... Deixa por estrear 2 filmes: "Angels in Nothing Hill" e "The 11th".

Christopher Lee as Dracula Bite Montage

Dracula Speaks 0:23'-0:33'

Sagumian's Speech 0:1:06

Logo "Jingle Hell" 00:17'

Anexo 20 – Trabalhos realizados: “Peça” para o dia do ardina

W - TXT Dia do Ardina / 1 Estagiário (duration: 01'50.1)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

19-06-2015 18:04:24

O pregão deixou de se ouvir nas ruas de Lisboa e do Porto. ~~Agora~~ já não são os jornais que vão ao encontro do público. Neste processo que se inverteu o papel dos Ardinas pertence agora a quem desenha as capas dos jornais...

W - Pedro Fernandes directores de :

ARQL 20752 00311E4B.w€ 00'19.2 Record Date Kill Date : 17.

Pedro Fernandes é director de arte ^{no} do Diário de Notícias. ~~Para ele~~ as capas dos jornais são os pregões de outrora...

W - Pedro Fernandes paralelo con

ARQL 20752 00311E5A.w€ 00'15.2 Record Date Kill Date : 17.

A mesma opinião é partilhada por
Da mesma opinião ~~partilha~~ o Director de Arte do Jornal de Notícias, Pedro Pimentel...

W - Pedro Pimentel ardina

ARQL 20756 003120C0.w€ 00'34.6 Record Date Kill Date : 18.

A personagem do ardina continua viva. Agora pintado nas páginas dos jornais. O objectivo mantém-se: Aguçar a curiosidade de quem passa.

Anexo 21 – *Take* da agência Lusa que serviu de base para a “peça” relativa ao debate sobre o Acordo Ortográfico, em Dili.

O debate sobre o AO que obrigou a uma ata (acta) da CPLP com duas grafias (duration: 05'31.6)Page 1 of :

Printed By: Duarte Ricardo

23-06-2015 13:38:42

LUSA 5 - 23-06-2015 12:46:00 - Língua

O debate sobre o AO que obrigou a uma ata (acta) da CPLP com duas grafias

Dili, 23 jun (Lusa) - Exigências de Angola e Moçambique sobre o Acordo Ortográfico (AO) obrigaram à alteração da ata final da XIV Conferência dos Ministros da Justiça da CPLP, em Dili, para incluir, ao longo de todo o texto, as duas grafias.

Esta foi a solução encontrada depois de um debate que incluiu referências múltiplas à "língua de Camões" e até a análise etimológica da palavra "ata", que o representante da Guiné-Bissau disse poder suscitar uma interpretação alternativa "de atar pessoas".

A solução, proposta pelo ministro da Justiça de Cabo Verde, foi necessária para evitar a alternativa defendida inicialmente pelos representantes de Angola e Moçambique: duas atas, uma na grafia do AO e outra na grafia pré-AO.

Essa posição foi rejeitada por Portugal, Cabo Verde, Brasil e São Tomé e Príncipe, que consideraram que essa alternativa não faria sentido numa comunidade que fala a mesma língua, sendo prejudicial porque daria 'armas' aos que contestam a CPLP.

O representante do secretariado executivo da CPLP recordou, por seu lado, que o critério usado até aqui nas cimeiras de Chefes de Estado e de Governo e nos encontros setoriais da comunidade tem sido de recorrer à grafia usada no país onde decorre a reunião.

Nesse caso, e a manter-se esse critério, a ata final da reunião de Dili seria feita com a grafia do AO, que já foi ratificado por Timor-Leste.

A polémica marcou a sessão de encerramento da XIV Conferência quando os representantes nacionais se preparavam para aprovar o texto das 17 páginas da ata final do encontro que passou a incluir a grafia do AO, como base e, em cada caso, a grafia pré-AO, entre parenteses.

O debate começou, quando estava para ser lida a ata final, tendo o secretário de Estado dos Direitos Humanos angolano, António Bento Bembe, afirmado que Angola ainda não tinha ratificado o AO, questionando por isso o seu uso no texto.

"A questão aqui não é como falamos. Mas como escrevemos. Quando a forma ortográfica muda, as palavras não significam a mesma coisa", disse António Bento Bembe.

"Uma vez que se chega a este acordo na base do consenso, não posso assinar este documento que não está escrito da forma que se fala em Angola. Camões não escreveu assim", disse.

O debate sobre o AO que obrigou a uma ata (acta) da CPLP com duas grafias (duration: 05'31.6)Page 2 of :

Printed By: Duarte Ricardo

23-06-2015 13:38:42

A posição foi ecoada pelo ministro da Justiça de Moçambique, Abdurremane Lino de Almeida, e pelo representante da Guiné-Bissau, tendo o secretário de Estado da Justiça português, António Manuel da Costa Moura, afirmando que a decisão deveria caber a Timor-Leste, já que a ata foi escrita em Dili.

"Ter duas atas seria um prato de lentilhas para quem quisesse explorar divergências sobre a língua numa comunidade que fala português. Percebo a questão e tenho até uma opinião pessoal. Mas ter duas versões de uma mesma língua, de uma reunião, de uma comunidade, que fala uma língua não será muito boa ideia", disse Costa Moura.

Também o ministro da Justiça de Cabo Verde, José Carlos Lopes e o de São Tomé e Príncipe, Roberto Pedro Raposo, questionaram a opção das duas atas propondo um voto ou a definição, pela presidência, do critério a seguir.

"Independente do respeito que tenho pelas pessoas que ainda não ratificaram o AO, ter duas atas é contraditório. Falamos a mesma língua", disse Raposo, sugerindo que a ata incluisse uma nota a recordar os países que ainda não ratificaram o AO.

Guiné-Bissau, Angola e Moçambique mantiveram na sua oposição à versão com AO, insistindo que o documento "tem que ser apreciado superiormente", com o responsável moçambicano a referir casos, no passado, em que responsáveis governativos devolveram documentos "mal escritos" porque vinham na grafia do AO.

"Conhecendo esta realidade não posso levar isto, este documento escrito assim. Se prevalece a assinatura da ata, que seja de acordo com a velha língua portuguesa. Não temos como apresentar isso as autoridades", disse Abdurremane Lino de Almeida.

Depois de um debate de quase 30 minutos o impasse acabou por ser resolvido com uma solução invulgar: duas grafias no mesmo texto, ignorando apelos dos que, com o representante do Brasil, recordaram que no passado sempre houve só uma ata.

"Até no recente encontro dos ministros da Educação", disse Isulino Giacometti Junior, representante brasileiro.

A ata acabou por referir, no seu próprio texto, a oposição de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique à grafia do texto e a decisão, depois de debate, "que se aplicariam ambos os critérios em simultâneo".

ASP // APN

Lusa/Fim]]></DataContent></ContentItem>

Anexo 22 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o debate entre os ministros da Justiça da CPLP, em Díli.

W - TXT Acordo Ortográfico / 1 Estagiário (duration: 00'59.1)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

26-06-2015 18:22:14

O fim da Conferência de Ministros da Justiça da CPLP, ficou marcada pela dúvida: uma acta escrita com ou sem acordo ortográfico?

De um lado... Portugal, Cabo Verde, Brasil e S. Tomé a defender uma acta escrita à luz do novo acordo ortográfico.
Do outro lado, Guiné Bissau, Angola e Moçambique contra a nova grafia.

A polémica teve início com a leitura do documento. Os países que não assinaram o acordo defendem que a acta não pode estar escrita de maneira diferente à que se escreve nestes locais.

Em prol de um documento escrito com o pré-acordo, o representante da Guiné Bissau considerou até que a própria palavra "ata" tem apenas uma interpretação: a de "atar pessoas".

O impasse que demorou cerca de 30 minutos, chegou ao fim com uma solução invulgar: A redacção de um texto único mas com grafias...diferentes.

Anexo 23 – Trabalhos realizados: “Peça” sobre o contrato de compra e venda da TAP

W - TXT TAP / 1 Estagiário (duration: 01'51.7)

Page 1 of 1

Printed By: 1 Estagiário

24-06-2015 16:27:09

O contrato entre a TAP e o consórcio Gateway é, para Sérgio Monteiro, um "contrato de compra e venda com condições suspensivas".

O negócio já garantiu um encaixe de 10 milhões de euros por 61% da companhia, salvaguardando 5% para os trabalhadores.

Os restantes 34%, ainda na posse da Parpública, vão ser vendidos através de um modelo de capitalização e garantem...

W - Sérgio Monteiro Capital mínimo

ARQL 20734 0031146E.sn 00'15.3 Record Date Kill Date : 14.

Valores que podem aumentar...

W - Sérgio Monteiro capital máximo

ARQL 20724 00310E92.sn 00'12.0 Record Date Kill Date : 11.

Sem lucros fixos, qualquer oscilação nos resultados operacionais tem consequências...

W - Sérgio Monteiro greves

ARQL 20724 00310E5F.sn 00'10.0 Record Date Kill Date : 11.

Este é um contrato que... por um lado assegura a compra dos 34% por parte da Gateway a partir de 2017... mas que, por outro lado possibilita o Estado de, até lá, vender esta parcela a quem quiser...

W - Sérgio Monteiro 34% p outros

ARQL 20724 00310E62.sn 00'18.1 Record Date Kill Date : 11.

Para isso existe a "clausula de salvaguarda" que protege o Estado do pagamento de qualquer indemnização.

